



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN

**Mulheres no plural: novas constituições identitárias e
suas relações com o design – sobre mulheres transexuais e travestis**

Caroline Apolinário Gomes

BAURU
2017



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN

**Mulheres no plural: novas constituições identitárias e
suas relações com o design – sobre mulheres transexuais e travestis**

Caroline Apolinário Gomes

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Design, no Programa de Pós-Graduação em Design da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru, linha de pesquisa de Planejamento de Produto, Laboratório de Pesquisa em Design Contemporâneo. Orientadora: Profa. Dra. Mônica Cristana de Moura.

BAURU
2017

Gomes, Caroline Apolinário.

Mulheres no plural : novas constituições
identitárias e suas relações com o design : sobre
mulheres transexuais e travestis / Caroline Apolinário
Gomes, 2017
178 f. il.

Orientadora: Mônica Cristina de Moura

Dissertação (Mestrado)- Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e
Comunicação, Bauru, 2017

1. Design. 2. Corpo. 3. Gênero. 4.
Transexualidade. I. Universidade Estadual Paulista.
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. II.
Título.

BANCA DE DEFESA

Prof. Dra. Mônica Cristina de Moura
Orientadora e Presidente da Banca (PPG Design/UNESP)

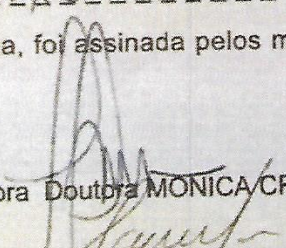
Profa. Dra. Larissa Maués Pelúcio Silvia
Membro Interno (PPG Ciência Sociais/UNESP)

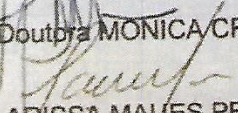
Profa. Dra. Denise Berruezo Portinari
Membro Externo (PPG Design/PUC-RJ)

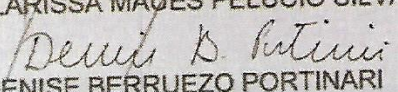


ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE CAROLINE APOLINÁRIO GOMES, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 23 dias do mês de fevereiro do ano de 2017, às 14:30 horas, no(a) Auditório da Secretaria de Pós-Graduação/FAAC, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Professora Doutora MONICA CRISTINA DE MOURA - Orientador(a) do(a) Departamento de Design / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação - UNESP, Profa. Dra. LARISSA MAUES PELUCIO SILVA do(a) Departamento de Ciências Humanas/ Faculdade de Arquitetura e Artes - UNESP/ Câmpus de Bauru e Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais / Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP/ Câmpus de Marília, Profª. Drª. DENISE BERRUEZO PORTINARI do(a) Artes e Design / Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de CAROLINE APOLINÁRIO GOMES, intitulada **Mulheres no plural: Novas constituições identitárias e suas relações com o design - sobre mulheres transexuais e travestis**. Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADA _____. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.


Professora Doutora MONICA CRISTINA DE MOURA


Profa. Dra. LARISSA MAUES PELUCIO SILVA


Profª. Drª. DENISE BERRUEZO PORTINARI

AGRADECIMENTOS

Agradeço minha família, especialmente minha mãe e meu irmão por me apoiarem incondicionalmente nessa intensa jornada rumo ao desconhecido. Agradeço ao meu namorado pelas inúmeras conversas ao longo dos últimos anos, por me apoiar e acreditar em mim mesmo quando nem eu mesma acreditava. Agradeço as amigas e amigos por serem sempre tão companheiros, em especial a Bella – amiga-irmã que revisou 180 páginas em poucos dias, ao Thom por ser aquele amigo para todas as horas, a Jéssica pelas primeiras correções desta pesquisa e ao Valdo, pela ajuda na pesquisa de campo. Agradeço aos professores e professoras por todo o ensinamento, em especial a minha orientadora, Mônica Moura, por compartilhar das minhas inquietações e me instigar a refletir sobre os rumos da nossa profissão. Agradeço a Prof. Dra. Larissa Pelúcio e ao grupo de estudos Transgressões – Gêneros, Sexualidade, Corpo e Mídia - por me auxiliar na forma de construir conhecimento. Agradeço também a Prof. Dra. Denise Portinari, pela participação na banca de defesa.

Agradeço imensamente a todas as participantes dessa pesquisa, que aceitaram falar sobre suas vidas, expor suas dores, seus enfrentamentos e também suas conquistas. Sem elas, esta pesquisa não será possível. Por fim, agradeço a UNESP, que há 9 anos é uma parte de mim, ao Programa de Pós-Graduação em Design e a CAPES pelo incentivo a pesquisa.

RESUMO

Ao transgredir normas e padrões impostos pela sociedade, mulheres trans e travestis ressignificam suas existências e através da incorporação de gestos, roupas e acessórios, entre outros elementos do universo feminino, “tornam-se” mulheres. Por meio de interpretações de masculino e feminino, essas novas mulheres encontram no design e na moda, formas de expressão que ampliam suas possibilidades identitárias. Esta pesquisa teve como objetivo estudar como o design e a moda participam da construção identitária de mulheres transexuais e travestis no contemporâneo. Esta investigação adotou uma abordagem qualitativa, utilizando-se das técnicas de pesquisa bibliográfica, documental e de campo com a aplicação de entrevistas semiestruturadas e estudos de caso. Foram realizadas 10 entrevistas com mulheres transexuais e travestis, além de 2 outras entrevistas complementares. Uma das dificuldades enfrentadas nesta pesquisa foi a ausência de fontes teóricas relacionado design, identidade, gênero, sexualidade e transexualidade. Por conta dessa lacuna, foi necessário buscar conhecimento por meio dos estudos *queer*, feministas e pós-estruturalistas -, visando entender como são articuladas as identidades dos indivíduos, para então voltar esforços para o objetivo dessa pesquisa. Considerasse que o objetivo desta pesquisa foi alcançado: o design, além de participar da construção identitária das mulheres trans e travestis, é um instrumento capaz de materializar identidades e estilos de vida no contemporâneo. Desse modo, é possível dizer que o design faz parte da vida dos indivíduos na sociedade contemporânea - de forma objetiva e também subjetiva -, contribuindo para a disseminação de valores que se transformam em bens de consumo e cultura. Diante disso, entender a pluralidade interna existente entre as mulheres trans e travestis contribuiu para reflexões sobre a categoria “mulheres” como um todo. Não se trata – apenas - de como o design pode auxiliar mulheres trans e travestis a serem compreendidas como mulheres, mas sim, de ampliar as possibilidades identitárias dentro dessa categoria, abrindo espaço para que essas mulheres possam adentrar ao espaço do feminino.

Palavras-chave: design, corpo, gênero, transexualidade, mulheres

ABSTRACT

By transgressing norms and standards imposed by society, trans and transvestite women re-signify their existence and through the incorporation of gestures, clothes and accessories, among other elements of the feminine universe, they "become" women. Through interpretations of masculine and feminine, these new women find in the design and fashion, forms of expression that expand their possibilities of identity. This research aimed to study how design and fashion participate in the identity construction of transsexual and transvestite women in the contemporary world. This research adopted a qualitative approach, using the techniques of bibliographical, documentary and field research with the application of semi-structured interviews and case studies. Ten interviews with transsexual women and transvestites were carried out, as well as two other complementary interviews. One of the difficulties faced in this research was the absence of theoretical sources related to design, identity, gender, sexuality and transsexuality. Because of this gap, it was necessary to seek knowledge through queer, feminist and poststructuralist studies - in order to understand how the identities of individuals are articulated, and then to return efforts to the objective of this research. Consider that the goal of this research has been achieved. It was noted that design - besides participating in the identity construction of trans women and transvestites - is an instrument capable of materializing identities and lifestyles in the contemporary. In this way, it is possible to say that design is part of the life of individuals in objective and also subjective society, contributing to the dissemination of values that become consumer goods and culture. In view of this, understanding the internal plurality between trans and transvestite women has contributed to reflections on the category of "women" as a whole. It is not just a question of how design can help transgender and transvestite women to be understood as women, but rather of expanding the possibilities of identity within that category, opening space for these women to enter the space of the feminine.

Keywords: design, body, gender, transsexuality, women,

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Taylon Monsem	64
Figura 2: Chloe Ahs	64
Figura 3: Brooke Candy	65
Figura 4: Itens pessoais da bolsa de Chloe	65
Figura 5: Fotos do quarto de Chloe	66
Figura 6: Fotos publicadas por Chloe em seu Facebook	67
Figura 7: Quarto de Frida	73
Figura 8: Itens pessoais retirados da bolsa de Frida	74
Figura 9: Fotos publicadas por Frida em seu Facebook	75
Figura 10: Itens pessoais da bolsa de Marina	80
Figura 11: <i>Print screen</i> da postagem de Marina	81
Figura 12: Fotos publicadas por Marina em seu perfil no Facebook	82
Figura 13: Foto publicadas por Gabriely em seu perfil pessoal	86
Figura 14: Laverne Cox	92
Figura 15: Viola Davis	92
Figura 16: Itens pessoais da bolsa de Alice	93
Figura 17: Quarto de Alice	94
Figura 18: <i>Print screen</i> da página inicial do perfil de Alice no Facebook	95
Figura 19: Imagens compartilhadas por Alice em seu Facebook	95
Figura 20: Fotos publicadas por Alice em seu Facebook	96
Figura 21: Fotos publicadas por Carla em seu Facebook	102
Figura 22: Quarto-sala de Carla	102
Figura 23: Mikky Blanco	107
Figura 24: Itens pessoais da bolsa de Solange	108
Figura 25: Quarto de Solange	109
Figura 26: Print screen de postagem feita por Solange no Facebook	110
Figura 27: Fotos publicadas por Solange em seu Facebook	111
Figura 28: Calcinha que Giovanna usa para a academia	119
Figura 29: <i>Print screen</i> de página inicial do perfil de Pan no Facebook	127
Figura 30: Imagens compartilhadas por Pan em seu perfil	127
Figura 31: Fotos publicadas por Pan em seu perfil no Facebook	128
Figura 32: Fotos publicadas por Violeta em seu Facebook	132

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Significado das palavras mulher e homem segundo dois dicionários de língua portuguesa	42
Tabela 2: Perfil geral das entrevistadas	67

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Trajetória da Pesquisa	26
Quadro 2: Diferenças entre identidade de gênero, sexualidade, sexo biológico e expressão de gênero.....	43
Quadro 3: Áreas de atuação do design	51
Quadro 4: Procedimentos de pesquisa	56
Quadro 5: Etapas da pesquisa de campo	59
Quadro 6: Ficha da participante Chloe	69
Quadro 7: Ficha da participante Frida	77
Quadro 8: Ficha da participante Marina	83
Quadro 9: Ficha da participante Gabriely	88
Quadro 10: Ficha da participante Alice	99
Quadro 11: Ficha da participante Carla	104
Quadro 12: Ficha da participante Solange	114
Quadro 13: Ficha da participante Giovanna	123
Quadro 14: Ficha da participante Pan	129
Quadro 15: Ficha da participante Violeta	138

LISTA DE ABREVIações

CADS - Coordenadoria da Diversidade Sexual

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

EJA - Educação de Jovens Adultos

ISAPS - International Society of Aesthetic Plastic Surgery

ILGA - International Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Intersex Association

LGBT- Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais

SCDHC - Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

ONU - Organização das Ações Unidas

GLOSSÁRIO

- **Andrógino:** pessoa que articula em seu corpo uma estética que possui elementos associados tanto ao feminino, quanto ao masculino.
- **Animê:** animação feita em estilo japonês.
- **Ativo:** refere-se à posição ocupada na relação sexual. Ativa é que pessoa que penetra.
- **Binaridade:** qualidade ou característica do que é binário, do que comporta dois aspectos opostos.
- **Bissexual:** pessoa que se sente atraída por pessoas do gênero feminino e masculino.
- **Borrocar:** borrar, sujar
- **Cirurgia de redesignação sexual:** procedimento cirúrgico que transforma a genitália masculina em feminina no caso das mulheres transexuais e nos homens transexual, transformam a genitália feminina em masculina.
- **Cis:** abreviação de cisgênero
- **Cisplay:** termo que vem de “cosplay” e é incorporado por pessoas trans para se referir ao ato de interpretar o gênero designado em seu nascimento em determinadas situações.
- **Cisgênero:** pessoa que se identifica com o gênero atribuído ao seu nascimento
Exemplo: uma mulher cis é uma pessoa que nasceu com vagina, foi designada mulher e se identifica como tal.
- **Cosplay:** ato de se fantasiar de personagens de animês, mangás, histórias em quadrinho, jogos entre outros.
- **Crossdresser:** Pessoa que frequentemente se veste, usa acessórios e/ou se maquia diferentemente do que é socialmente estabelecido para o seu gênero, sem se identificar como travesti ou transexual.
- **Drag queen:** personagem encenadas por artistas performáticos que se travestem de mulher. Em muitos casos, as personagens usam bastante maquiagem, figurinos elaborados e carregam símbolos do feminino de forma potencializada, criando personagens exageradas e caricatas.
- **Heterossexual:** pessoa que sente atração por pessoas do gênero oposto
(Exemplo: Mulheres – cis e trans – que se atraem por homens – cis e trans e vice-versa).
- **Heteronormativo:** termo usado para descrever situações onde a heterossexualidade é colocada (imposta) como norma social – como “normal”, e o que não está dentro desse padrão é colocado como o diferente, como desviante.

(Exemplo: esperar que uma mulher sinta atração por homens é uma atitude heteronormativa, uma vez que coloca a heterossexualidade como algo “esperado”, “natural”, enquanto que não ser heterossexual é colocada em evidência e marcada como algo “diferente”. A heteronormatividade não se refere apenas às questões relacionadas a sexualidade, mas sim, a normas convencionadas como “normais”, como também histórias ou culturais. Um exemplo disso é subestimar mulheres que ocupam cargos majoritariamente masculino por achar que “não é coisa de mulher”).

- **Homem transexual:** pessoa que foi designada mulher ao nascer – por causa de seu órgão genital – mas se identifica como homem.
- **Mangá:** história em quadrinhos feita em estilo japonês.
- **Mariconas:** expressão usada no meio gay e trans para se referir pejorativamente a homens geralmente mais velhos que querem ser passivos, mas ainda assim, estar em uma relação sexual com uma figura feminina.
- **Mulher transexual:** pessoa que foi designada homem ao nascer – por causa de seu órgão genital – mas se identifica como mulher.
- **Pansexual:** pessoa que se sente atraída por outras pessoas independentemente do sexo ou identidade de gênero. Uma pessoa pansexual pode sentir atração por homens cis, homens trans, mulheres cis, mulheres trans, pessoas não-binárias entre outras.
- **Passabilidade:** refere-se a quanto uma pessoa trans é “passável” pelo gênero que ela reivindica. Ou seja, o quanto uma mulher trans ou travesti “se parece” com uma mulher cis.
- **Passivo:** refere-se à posição ocupada na relação sexual. Passivo é a pessoa que é penetrada.
- **Sistema binário de gênero:** estrutura que organiza e classifica a sociedade com base em dois gêneros – feminino e masculino -, tratando-os distintos e opostos.
- **Trans:** abreviação de transexual
- **Transexual:** pessoa que não se identifica com o gênero designado no seu nascimento
- **Transgênero:** termo “guarda-chuva” que engloba pessoas que não se identificam, em graus diferentes com gênero que lhes foi designado em seu nascimento.
- **Transfobia:** aversão, preconceito e discriminação em relação às pessoas transexuais ou travestis.
- **Transicionar:** verbo utilizado para se referir ao processo de mudança de gênero. Exemplo: Mulheres trans e travestis transicionam do gênero masculino para o feminino e homens transexuais transicionam do feminino para o masculino.
- **Travesti:** termo utilizado para designar uma pessoa que foi designada homem

ao nascer – por causa de seu órgão genital – mas se identifica como mulher. O desejo de fazer e de se submeter a intervenções cirúrgicas – chamada de cirurgia de redesignação sexual -, para a “adequação” de seu genital ao seu gênero, pode ou não ser manifestada, não sendo um pré-requisito para que a pessoa se identifique como travesti ou como uma mulher transexual. Os ternos “travesti” traz junto de si um grande peso social, sendo frequentemente associado a prostituição e marginalização.

- **Treta:** briga, discussão
- **T-lovers:** homens que se relacionam com travestis, transexuais e crossdresses.

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE QUADROS

LISTA DE TABELAS

LISTA DE ABREVIATURAS

GLOSSÁRIO

1. INTRODUÇÃO	21
1.1. Questão de pesquisa	24
1.2. Hipótese	24
1.3. Objetivos	24
1.3.1. Objetivo geral	24
1.3.2. Objetivos específicos	24
1.4. Estrutura da dissertação	25
2. REVISÃO DE LITERATURA	28
2.1. Esse tal de contemporâneo e o surgimentos de novas identidades	28
2.2. Plasticidades corporais: o corpo além de carne, pele e ossos	31
2.3. Gêneros e as lutas feministas	34
2.4. Corpos “desviantes” e os limites da condição humana	41
2.5. Os desdobramentos do design e da moda em meio as novas questões contemporâneas	46
3. MATERIAIS E MÉTODOS	55
3.1. Procedimentos metodológicos	55
3.2. Estudos de caso	60
3.2.1. Chloe	62
3.2.1.1. Cicatrizes	63
3.2.1.2. Sobre tornar-se quem se é	63
3.2.1.3. Feminilidades	64
3.2.1.4. Enfrentamentos	67
3.2.1.5. Redes sociais	67
3.2.1.6. Desejos de consumo	68
3.2.1.7. Mulher, mulher trans e travesti	68

3.2.2. Frida	70
3.2.2.1. Sobre tornar-se quem se é	70
3.2.2.2. Feminilidades	71
3.2.2.3. Redes sociais	74
3.2.2.4. Mulher, mulher trans e travesti	75
3.2.3. Marina	84
3.2.3.1. Cicatrizes	84
3.2.3.2. Sobre tornar-se quem se é	84
3.2.3.3. Feminilidades	78
3.2.3.4. Sexualidade e relacionamentos	80
3.2.3.5. Enfrentamentos	80
3.2.3.6. Redes sociais	81
3.2.3.7. Sobre editoriais de moda	82
3.2.3.8. Mulher, mulher trans e travesti	82
3.2.4. Gabriely	84
3.2.4.1. Cicatrizes	84
3.2.4.2. Sobre tornar-se quem se é	84
3.2.4.3. Feminilidades	86
3.2.4.4. Redes sociais	86
3.2.4.5. Sexualidade e relacionamentos	87
3.2.4.6. Mulher, mulher trans e travesti	87
3.2.5. Alice	89
3.2.5.1. Cicatrizes	89
3.2.5.2. Sobre tornar-se quem se é	89
3.2.5.3. Feminilidades	91
3.2.5.4. Redes sociais	94
3.2.5.5. Enfrentamentos	96
3.2.5.6. Sexualidade e relacionamentos	97
3.2.5.7. Mulher, mulher trans e travesti	98
3.2.6. Carla	100
3.2.6.1. Sobre tornar-se quem se é	100
3.2.6.2. Feminilidades	101
3.2.6.3. Redes sociais	101
3.2.6.4. Enfrentamentos	103

3.2.6.5. Mulher, mulher trans e travesti	103
3.2.7. Solange	105
3.2.7.1. Cicatrizes	105
3.2.7.2. Sobre tornar-se quem se é	105
3.2.7.3. Feminilidades	107
3.2.7.4. Redes sociais	109
3.2.7.5. Enfrentamentos	111
3.2.7.6. Mulher, mulher trans e travesti	113
3.2.8. Giovanna	115
3.2.8.1. Sobre tornar-se quem se é	115
3.2.8.2. Sexualidade e relacionamentos	117
3.2.8.3. Feminilidades	117
3.2.8.4. Enfrentamentos	120
3.2.8.5. Redes sociais	121
3.2.8.6. Mulher, mulher trans e travesti	122
3.2.9. Pan	124
3.2.9.1. Sobre tornar-se quem se é	124
3.2.9.2. Sexualidade e relacionamentos	125
3.2.9.3. Feminilidades	126
3.2.9.4. Enfrentamentos	126
3.2.9.5. Redes sociais	127
3.2.9.6. Mulher, mulher trans e travesti	128
3.2.10. Violeta	130
3.2.10.1. Cicatrizes	130
3.2.10.2. Sobre tornar-se quem se é	131
3.2.10.3. Sexualidade e relacionamentos	132
3.2.10.4. Feminilidades	133
3.2.10.5. Enfrentamentos	134
3.2.10.6. Redes sociais	135
3.2.10.7. Mulher, mulher trans e travesti	136
3.3. Coleta de dados complementar	139
3.3.1. Sobre ser puta	139
3.3.2. Sobre estar no meio: pessoas trans não-binárias	142

3.3.3. Sobre fazer cisplay	143
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	147
4.1. Tornar-se mulher: o que o design tem a ver com isso?	147
4.2. Ao design: algumas contribuições, inquietações e desafios	160
4.2.1. Mulher trans ou travesti?	160
4.2.2. Sobre tornar-se quem se é: a importância dos questionamento	162
4.2.3. E quando a única saída é a prostituição?	163
4.2.4. Sobre não ter um nome	164
4.2.5. Cisplay: sobre voltar para o armário	165
4.2.6. Sobre querer estar no meio: quando o masculino e o feminino aprisionam	166
4.2.7. Como pensar a divisão de espaços? Sobre banheiros e vestiários ...	167
4.2.8. Sobre o mercado de trabalho	168
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	171
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	175
APÊNDICES	

*"Que nada nos limite,
que nada nos defina,
que nada nos sujeite.
Que a liberdade
seja nossa própria substância,
já que viver é ser livre."*

Simone de Beauvoir

1. INTRODUÇÃO

O início do século XXI é marcado por mudanças que vêm transformando a sociedade em diferentes esferas, tanto na vida pública quando na vida privada. Alguns aspectos considerados fixos até pouco tempo atrás - como a concepção de família, a necessidade do casamento, a maternidade e o instinto materno -, começam a se desestabilizar, abrindo espaço para discussões sobre a heterossexualidade como norma social, o aborto, sobre até onde é permitido alterar o corpo e a quem pertence esse corpo. Diante dessas questões, evidencia-se cada vez mais a opressão vivida pelas mulheres, e o que se questiona vai além disso: de que mulheres estamos falando, uma vez que a própria categoria mulher passa a ser questionada?

Ao questionar as categorias fixas mulher e homem, novas possibilidades identitárias ganham espaço, como por exemplo, as mulheres transexuais e travestis que, desafiando a “lógica natural” do ser humano, “nascem homens” – por imposição da sociedade - e tornam-se mulheres ao longo da vida. Entende-se por transexual a pessoa que se identifica com o gênero oposto ao sexo designado no seu nascimento. Ou seja, mulheres transexuais e travestis são pessoas designadas como homens ao nascer - por conta do órgão genital¹ -, e por não se identificarem com o gênero masculino e sim com o feminino, passam a reivindicar suas existências enquanto mulheres. O desejo de fazer e de se submeter a intervenções cirúrgicas – chamada de cirurgia de redesignação sexual -, para a “adequação” de seu genital ao seu gênero, pode ou não ser manifestada pela pessoa trans, não sendo um pré-requisito para que a pessoa se identifique como transexual.

Os enfrentamentos dessas pessoas começam dentro de casa e continuam na escola, na rua, no mercado de trabalho, nos hospitais, espaços públicos e diante o Estado. Até o ano de 1997 as cirurgias de redesignação sexual eram proibidas no Brasil, sendo consideradas crimes de mutilação, e assim, as pessoas interessadas tinham que recorrer a clínicas clandestinas ou fazer a cirurgia em países como Espanha, Tailândia e Marrocos. Somente em 2008, o Governo brasileiro, finalmente oficializa as cirurgias de redesignação sexual pelo SUS e implanta o Processo Transexualizador, garantindo atendimento integral de saúde a pessoas trans, incluindo acolhimento, o uso do nome social, pleno acesso ao tratamento hormonal e a realização da cirurgia de redesignação sexual.

Dos 295 assassinatos de pessoas trans que ocorreram em 33 países ao redor do mundo em 2015, 123 aconteceram no Brasil, em segundo lugar está o México com

¹ Vale ressaltar o nascimento de bebês intersexuais, que possuem variações de caracteres sexuais (cromossomos, gônadas ou órgãos genitais) que dificultam a definição daquele indivíduo como feminino ou masculino. Uma pessoa intersexual pode nascer com uma aparência feminina e possuir características anatômicas e biológicas masculinas (ISNA, 2016).

52 mortes e em terceiro os Estados Unidos com 23. (TRANSGENDER EUROPE, 2016). Esses dados mostram que o Brasil é de longe o país que mais mata pessoas transexuais do mundo. Além disso, vale ressaltar que neste mesmo estudo, constatou-se que os países com maior número de assassinatos, são países que possuem fortes movimentos trans e organizações LGBTs, como no caso do Brasil.

Nesse contexto, a transexualidade tem sido um dos temas de grande repercussão mundial, gerando debates sobre o reconhecimento dos direitos das pessoas trans, bem como leis de amparo a comunidade LGBT. Identifica-se cada vez mais movimentos, associações, grupos de enfrentamento formados por pessoas trans e travestis, proporcionando novos diálogos. Movimentos sociais organizam-se por meio das redes sociais, pessoas trans usam a internet para pesquisar sobre transexualidade e por meio dela começam a criar sua nova identidade, um novo perfil, nome e gênero. Nas redes sociais é possível ver cada vez mais pessoas se assumindo publicamente como mulheres trans, travesti, homens trans, não-binárias² entre outras, abrangendo um amplo leque de possibilidades identitárias. Por meio das redes sociais, canais do Youtube, blogs, sites, a internet possibilita além de conhecimento, poder de fala a pessoas silenciadas.

Em meio a uma complexa rede de negociações simbólicas que demarcam os comportamentos para os gêneros feminino e masculino, temos de ressaltar que o gênero ganha sentido através do corpo. Sobre os corpos, as roupas, acessórios e outros objetos de uso legítimo das mulheres na contemporaneidade, transformam-se em ferramentas de enfrentamento, capazes de auxiliar a sociedade a compreender suas identidades femininas.

Esta pesquisa tem o objetivo de estudar como o design e a moda participam da construção identitárias de mulheres transexuais e travestis. Esta investigação adotou uma abordagem qualitativa, utilizando-se das técnicas de pesquisa bibliográfica, documental e de campo com a aplicação de entrevistas semiestruturadas e estudos de caso. Foram realizadas 10 entrevistas com mulheres transexuais e travestis, além de 2 outras entrevistas complementares.

Pensando que o design tem como foco o ser humano e suas necessidades físicas e emocionais, é necessária atenção especial a essas pessoas, uma vez que além da ausência de produtos específicos para elas, ainda enfrentam uma enorme ausência de serviços, que acarretam, além de problemas físicos – como falta de moradia, violência sexual, problemas causados pelos hormônios -, também problemas emocionais, como depressão, síndromes de ansiedade, pânico e tentativas de suicídio.

²Também chamadas de genderqueer ou gênero fluido. São pessoas que não se identificam nem com o gênero masculino e nem feminino, ou com os dois. Esse assunto é abordado no capítulo 4.

Para atingir esse objetivo, foi necessário entender os marcadores sociais que constituem as identidades dos indivíduos, tais como: gênero, raça, classe social, geração, sexualidade, e no caso das mulheres trans e travestis, vale ressaltar também o tempo de transição. Uma das dificuldades enfrentadas nesta pesquisa foi a ausência de fontes teóricas relacionado design, identidade, gênero, sexualidade e transexualidade. Por conta dessa lacuna, foi necessário buscar conhecimento por meio dos estudos culturais, estudos queer, feministas e pós-estruturalistas -, visando entender como são articuladas as identidades dos indivíduos, para então voltar esforços para o objetivo dessa pesquisa.

Espera-se que esta pesquisa seja um auxílio para futuros estudos relacionados aos temas já citados, pensando tanto nas mulheres como também nos homens trans. Espera-se que esta pesquisa instigue novos questionamentos, e acima de tudo, que nós profissionais da área do design, passemos a rever os valores reproduzidos por nossas criações. Essa pesquisa propõe um novo olhar sobre as formas de se fazer mulher.

A intenção da pesquisa não é apenas entender e registrar o que ocorre, mas sim, contribuir com a sociedade a partir da reflexão científica e das possibilidades de disseminação dessas questões. A compreensão de como as pessoas trans se apropriam dos produtos de design e de moda pode auxiliar na caminhada rumo ao bem-estar dessas pessoas, pois, ao serem identificadas as principais características e problemáticas enfrentadas por essa população, será possível refletir e transformar conhecimento teórico de design em aplicação prática.

Diante de tantas identidades à margem que precisam de atenção do design, esta pesquisa dedica-se a entender como mulheres trans e travestis articulam suas formas de existência e resistência. Essa escolha se deu pelos questionamentos da autora da pesquisa enquanto mulher, cis³, branca e heterossexual, ao refletir “o que é” tornar-se mulher e quais os limites entre as categorias identitárias de mulheres e homens.

Diante do fato de que tornar-se mulher é um exercício diário que exige a incorporação de elementos associados ao feminino, bem com uma performance corporal e de gênero adequadas, termos como “mulher de verdade” tornam-se escorregadios. Assim, perguntas como: “existe mulher de verdade?” ou “existe homem de verdade?” não são mais suficientes – tampouco cabíveis - para responder às complexas questões da atualidade. Diante disso, com o intuito de ter uma visão além da de uma mulher cis, propõe-se então com esta pesquisa, levantar tais

³Abreviação de cisgênero: pessoa que se identifica com o gênero que lhe foi atribuído no seu nascimento. Uma mulher cis é uma pessoa que nasceu com órgão genital “feminino” – vagina – e se identifica como mulher.

questionamentos a mulheres transexuais e travestis, que, diferente das mulheres cis, tiveram e ainda tem que lutar para serem reconhecidas como mulheres.

1.1. QUESTÃO DE PESQUISA

As inquietações que norteiam essa pesquisa são: Como o design e a moda participam da construção identitária de mulheres transexuais e travestis? Como e quais são os produtos que potencializam e legitimam mulheres trans e travestis como pessoas pertencentes ao gênero feminino? Como o design e a moda lidam com essas questões identitárias?

1.2. HIPÓTESE

Tem-se como uma das hipóteses desta pesquisa que a transexualidade potencializa os estereótipos de gênero, corroborando com os estudos feitos pela socióloga Berenice Bento (2006). Partindo desse pressuposto, formulou-se uma segunda hipótese: de que o design e a moda também potencializam e reproduzem os estereótipos de gênero. Além disso, espera-se com esta pesquisa mostrar que as interpretações de feminino e masculino são plurais e que apesar dos estereótipos, o gênero feminino se materializa de diferentes formas no corpo de cada mulher, seja ela cis ou trans.

1.3. OBJETIVOS

1.3.1. OBJETIVO GERAL

Estudar como o design e a moda participam da construção identitária de mulheres transexuais e travestis.

1.3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar os elementos estéticos, culturais e simbólicos que compõem as identidades das mulheres transexuais e travestis;
- Verificar a existência e o(s) tipo(s) de padrão(ões) de beleza entre as participantes;
- Identificar as contribuições, dificuldades e oportunidades advindas do universo do design e da moda para com as mulheres transexuais;
- Construir recomendações para a área do design e da moda sobre os temas abordados nessa pesquisa.

1.5. ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Essa dissertação está dividida em 5 partes, formada por subcapítulos que complementam a estrutura da pesquisa.

Capítulo 1: O primeiro capítulo refere-se à introdução e são apresentados a questão de pesquisa, hipótese, e materiais e métodos e objetivos.

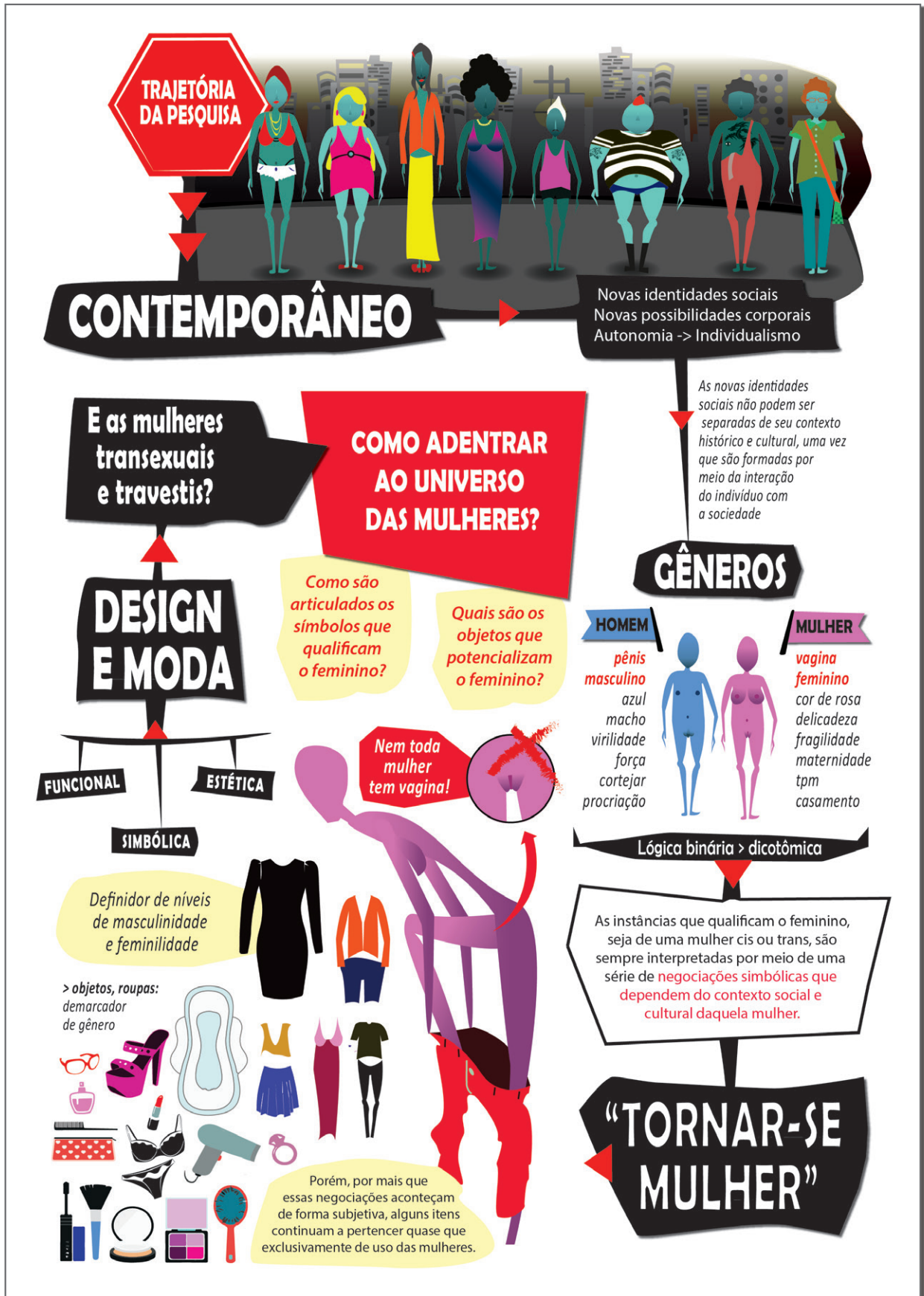
Capítulo 2: O segundo capítulo refere-se à revisão de literatura, sendo dividido em 5 subcapítulos com o intuito de guiar e conectar o design as questões identitárias, de gênero e especificamente a transexualidade.

Capítulo 3: Esse capítulo é destinado aos materiais e métodos utilizados. Nele são apresentadas as participantes desta pesquisa, bem como os 10 estudos de caso e a coleta de dados complementar.

Capítulo 4: Esse capítulo refere-se aos resultados obtidos por meio de análises críticas, comparativas e reflexivas feita sobre os estudos de caso, bem como os demais resultados e inquietações que surgiram dessa pesquisa.

Capítulo 5: O último capítulo destina-se às considerações finais da pesquisa, apontando os principais resultados obtidos e possíveis caminhos para futuros estudos.

Quadro 1: Trajetória da Pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora

"Olhei-me nu no espelho do quarto. Analisei-me em todos os ângulos. E tudo, absolutamente tudo, estava fora do lugar. O que sobrava em cima faltava embaixo e vice-versa. Minha alma não se conformara de ter de se expressar por meio daquele monte de carne, sobre qual não tinha podido decidir nada."

João Nery

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. ESSE TAL DE CONTEMPORÂNEO E O SURGIMENTOS DE NOVAS IDENTIDADES

O momento atual, aqui chamado de contemporâneo, é chamado pelo filósofo Gilles Lipovetsky de hipermodernidade. Pensando nas características que mais se destacam na sociedade atual, como: capitalismo, globalização, individualismo, consumismo e internet, Lipovetsky (2004), aponta que a sociedade se organiza e se estrutura por meio de 4 aspectos: hipercapitalismo, hipertecnização, hiperconsumo, hiperindividualismo. Além disso, a sociedade atual tem como aspecto marcante a indiferença pelos grandes princípios estruturais da modernidade, uma vez que, para sobreviver na sociedade atual, foi necessário adaptar-se ao ritmo hipermoderno da mesma. Para esse mesmo autor, nos encontramos em um momento onde não existem mais resistências estruturais, culturais e nem ideológicas que contraponham a comercialização de modos de vida, e assim, reorganizam-se as esferas da vida social e individual do sujeito em função da lógica do consumo.

Diante de um consumismo exacerbado, marcado pela urgência do prazer e da felicidade instantânea, nos deparamos com uma sociedade cada vez mais paradoxal. De acordo com Lipovetsky (2004), este paradoxo se torna claro ao pensar no crescimento cada vez mais rápido dos centros de consumo – chamados pelo autor de “catedrais” – que, em contrapartida, disputam espaço com a retomada de sabedorias antigas e espiritualidades, contrapondo assim, a lógica do consumo. O paradoxo abordado pelo autor não diz respeito apenas aos aspectos relativos ao consumismo literal, marcado pela aquisição de bens materiais, estende-se a todos os aspectos relativos à vida do ser humano em sociedade, uma vez que a lógica do consumo se transformou no estilo de vida hipermoderno.

Na visão do sociólogo Zygmunt Bauman (2001, p.07), “fluidez” seria a principal metáfora para o atual estágio da era moderna, atribuindo a esse termo a qualidade de líquidos e gases que “não podem suportar uma força tangencial ou deformante quando imóveis e assim sofrem uma constante mudança de forma quando submetidos a tal pressão”. Nessa perspectiva, Bauman (Ibid., p. 13), atribui ao momento atual os “poderes do derretimento”, onde configurações e padrões se derretem e são novamente moldados, transgredindo e rompendo fronteiras até então consideradas sólidas. Para o autor, os moldes existentes na sociedade não são simplesmente quebrados e esquecidos, são reformulados e substituídos por outros.

Diante de uma perspectiva onde tudo se torna líquido, os valores e ideais que

regiam a sociedade até pouco tempo atrás, vão gradativamente se diluindo e sendo reformulados, constituindo o que Bauman (2001) caracteriza como “modernidade líquida”. Para o autor, a sociedade pós-moderna é caracterizada pela liquidez, fluidez e volatilidade, bem como pelas incertezas e inseguranças, desse modo, o aspecto fixo dos referenciais morais e estruturais que regiam a época anterior - denominado pelo autor de “modernidade sólida” -, se desfazem, abrindo caminhos para a sociedade do agora, marcada pelo consumo, pelo gozo e pela artificialidade.

O advento da “modernidade líquida” constituiu profundas mudanças na própria condição humana, uma vez que na era moderna, “os seres humanos não mais nascem em suas identidades” (BAUMAN, 2001, p. 40), é preciso “tornar-se o que já se é” (Ibid., p. 41). Para esse autor, a “individualização” é marca registrada da sociedade moderna, sendo esta uma atividade “reencenada diariamente” por meio de reformulações e renegociações diárias com as redes de entrelaçamento existentes na sociedade.

Com o enfraquecimento de autoridades institucionais tradicionais, são estabelecidas regras sociais mais flexíveis e diversas, ampliando a gama de possibilidades identitárias no contemporâneo. Nas palavras de Lipovetsky:

“Na presente situação, a filiação identitária é tudo menos instantânea ou dada em definitivo; ela é, isto sim, um problema, uma reivindicação, um objeto de apropriação dos indivíduos. Meio de construir-se e dizer o que se é, maneira de afirmar-se e fazer-se reconhecer, a filiação comunitária vem acompanhada de auto definição e autoquestionamento. [...] a identidade própria é questionada, examinada: hoje, é preciso tomar posse daquilo que outrora se tinha naturalmente.” (2004, p.95).

Morin (2001), atribui às sociedades contemporâneas, a característica da domesticação dos indivíduos por mitos e ideias, e esses, por sua vez, “domesticam as sociedades e os indivíduos, mas os indivíduos poderiam, reciprocamente, domesticar ideias”. Para o autor, o indivíduo é fruto da interação entre dois indivíduos da espécie humana, onde, por meio dessa interação origina-se a sociedade e por consequência, a cultura. Nesse sentido, Morin (2001) afirma que o homem somente se realiza como ser humano pela cultura e na cultura, e apesar de ser integralmente biológico se não dispusesse da cultura, seria um primata do mais baixo nível. O autor define cultura como sendo o conjunto de valores, saberes, mitos, crenças, regras, normas e proibições que são transmitidas de geração em geração, controlando a existência de uma sociedade e mantendo a complexidade psicológica e social da mesma, a cultura é também uma das responsáveis por manter a identidade humana, as identidades sociais.

Ao pensar que a identidade de um indivíduo se constrói por meio de sua interação com a sociedade, e vivemos em uma sociedade cada vez mais fluida, as identidades tornam-se mais efêmeras e mutáveis. Para Hall (2002, p.11), a identidade de um sujeito é formada através da interação do indivíduo com a sociedade, em um diálogo contínuo com os mundos culturais exteriores e identidades que esses mundos oferecem.

Hoje, o sujeito não possui mais uma identidade unificada e estável, a mesma está se fragmentando e abrindo caminho para várias outras formas de ser. Assim, “o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável” (HALL, 2002, p. 12). O autor analisa a identidade de um sujeito como algo formado historicamente e não biologicamente, podendo o mesmo assumir identidades diferentes em momentos diferentes.

“A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam [...] à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao mesmo temporariamente.” (HALL, 2012, p. 13)

Esse deslocamento do sujeito “abre possibilidades de novas articulações: a criação de novas identidades, a produção de novos sujeitos” (HALL, 2002, p. 17-18). E assim, a identidade não é mais automática, ela assume diferentes formas conforme o sujeito se relaciona com o mundo. “Ela tornou-se politizada” (Ibid., p. 21).

Diante do hiperindivíduo de Gilles Lipovetsky, do sujeito líquido de Zygmunt Bauman e das identitárias transitórias e múltiplas de Stuart Hall, é possível observar diferentes visões sobre como se constituem as identidades dos indivíduos no contemporâneo. Nota-se, apesar das singularidades apresentadas por cada autor, semelhanças no que diz respeito a fluidez do indivíduo na sociedade atual, mostrando um sujeito que gradativamente se liberta das amarras impostas pela sociedade e passa a criar suas próprias narrativas.

Observamos cada vez mais liberdade na forma como os indivíduos compõem suas identidades corporais, em tentativas democráticas de inclusão e aceitação de diferentes corpos e belezas. Há de se destacar que, por mais que pensamentos conservadores ainda se apresentem com força no contemporâneo, caminhamos em busca de uma democracia sobre corpos, gêneros, raças e sexualidades. Buscamos construir de maneira mais aberta, o respeito ao próximo independente de gênero, raça, cor, sexo e qualquer outras formas de diferenças que podem ser transformadas em formas de opressão.

2.2. PLASTICIDADES CORPORAIS: O CORPO ALÉM DE CARNE, PELE E OSSOS

Bürdek (2010) aponta que desde as últimas décadas do século passado, com a lógica do consumo cada vez mais consolidada, a produção de produtos para o corpo tornou-se cada vez maior, fazendo com que o interesse pelo corpo humano também aumentasse. Desse modo, o corpo e sua imensa plasticidade passam a ser encarados como símbolos de inovações tecnológicas, onde, por meio da junção da pesquisa genética com a da informática, a “bioinformática, possibilitará totalmente novas tarefas de design: da mesma forma que se criarão novos órgãos, o corpo humano em si passará a ser objeto de design” (BÜRDEK, 2010 p.431)

Castilho e Martins (2005) analisam que a própria condição humana é corpórea e assim, é acrescentado ao corpo a possibilidade de materialização do pensamento, fazendo com que o indivíduo perceba a si mesmo e também ao outro como parte do espaço circundante, conectando-o com o mundo exterior. “É, em suma, o corpo que nos presentifica e nos torna presentes no mundo” (CASTILHO e MARTINS, 2005, p. 87)

Tornar-se presente no mundo é compreendido por Le Breton (2007) por “corporeidade”, fazendo com que, por meio dela o homem faça do mundo a extensão de sua experiência. O corpo é o eixo central da relação com mundo, onde nascem e se propagam as bases que constituem a existência individual e coletiva (LE BRETON, 2007). Nas palavras do autor:

“Moldado pelo contexto social e cultural em que o ator se insere, o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída: atividades perceptivas, mas também expressão dos sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, com o sofrimento, etc. Antes de qualquer coisa, a existência é corporal.” (LE BRETON, 2007, p.07)

A existência corporal ultrapassa os limites da carne e dos ossos e reverbera suas marcas individuais em todos os espaços identitários possíveis. Desse modo, nos cabe as seguintes inquietações: Existe um corpo anterior a suas inscrições culturais? Existe um corpo anterior à cultura, sem demarcadores sexuais, étnicos, temporais, entre tantos outros? Existe um corpo pré-discursivo?

Para Le Breton (2007), não há nada de natural no corpo humano, uma vez que seus gestos, bem como suas relações com outros indivíduos são sempre moldados de acordo com o contexto social. Nessa perspectiva, o corpo nem sequer existe,

“nunca se viu um corpo: o que se vê são homens e mulheres. Não se vê corpos.” (LE BRETON, 2007, p. 24).

A caracterização desse corpo revela-se complexa, uma vez que levanta várias questões epistemológicas junto de si. A própria natureza do corpo é colocada em discussão, questionando a construção e origem do conhecimento, e analisando suas variáveis e seus limites. “O corpo é uma falsa evidência, não é um dado inequívoco, mas o efeito de uma elaboração social e cultural.” (LE BRETON, 2007, p.26)

Na visão de Butler (2015), o corpo é constituído discursivamente, ou seja, por meio de narrativas. A palavra, neste sentido, tem o poder de acolher, criar ordem e dar lugar às coisas, apresentando ao sujeito um local de identificação e poder. Nesse sentido, a mesma autora enfatiza a importância de se questionar o corpo como um constructo cultural generalizado, uma vez que suas particularidades refletem no todo.

A crescente busca pela individualidade colocou (ainda mais) o corpo sob a luz dos holofotes. Por meio de movimentos sociais como o feminismo, dos movimentos LGBTQs, da “revolução sexual”, da performance, da body-art, do esporte, da meditação, da cirurgia plástica, das próteses entre tantos outros exemplos, reafirma-se constantemente o importante espaço do corpo no contemporâneo.

As alterações corporais vivem hoje seu apogeu, fazendo com que sejam desestabilizadas categorias tradicionais como homem e mulher, “tornando o homem um ser mutante, um corpo virtual, e interferindo, até mesmo na sua estrutura química”. (VILLAÇA e GÓES, 2014, p.42). A questão agora não é mais alterar ou não esse corpo, mas sim: como e até que ponto posso alterá-lo?

“Os desenvolvimentos das ciências da vida oferecem a possibilidade ao sujeito moderno de modificar seu corpo tanto na aparência quanto nos elementos fundamentais de sua estrutura. A aceitação ou a recusa do corpo é uma possibilidade oferecida ao sujeito humano a partir do distanciamento obtido pela consciência de seu corpo, fruto da relação ontológica do sujeito consigo mesmo. (VILLAÇA, N. E GÓES, 2014, p.38)”

O crescimento dos sistemas digitais e tecnológicos facilitou ao indivíduo a representação de si mesmo, dando liberdade para a criação de identidades híbridas, moldáveis e adaptáveis ao contexto em que se encontra. Essas novas possibilidades corporais como a cirurgia de redesignação sexual, a clonagem e a implantação de chips, possibilitam literalmente a transcendência dos nossos corpos biológicos. Desse modo, o corpo é minuciosamente examinado, fragmentado, analisado e remodelado. Essas questões, nos levam a outros pontos: O que é ser um corpo? Ou melhor: “O que é ter um corpo? Que possibilidades hoje nos são abertas e que experiências nos são possíveis?” (THUCHERMAN, 2010, p.09)

A cultura é um fator de influência diretamente na formação da identidade de um indivíduo, e conseqüentemente, passa a influenciar também, na forma como moldamos e mostramos nosso corpo. Para Goldenberg (2012, p. 67), “nossa cultura está inscrita e é revelada por nosso corpo”, assim, observa-se hoje, o “corpo capital”: um importante veículo de ascensão social, possuidor de um importante capital no mercado de trabalho, do casamento e do sexo. Nesse sentido, “além de um capital físico, o corpo é, também, um capital simbólico, um capital econômico e um capital social” (GOLDENBERG, 2012, p. 65).

Goellner (2012) analisa o corpo como algo produzido pela cultura e na cultura, afirmando que não são as semelhanças biológicas que definem um indivíduo, mas fundamentalmente os significados culturais inscritos em seu corpo. Dessa forma, é possível perceber que o corpo possui um papel fundamental no processo de criação e formação de identidade no contemporâneo.

Como consequência da importância atribuída a imagem atualmente, observa-se que o mercado de beleza e estética tem crescido cada vez mais no Brasil e no mundo, englobando segmentos como a indústria de cosméticos, salões de beleza, clínicas, SPA’s, entre outros. O Brasil atualmente ocupa o terceiro lugar no ranking mundial de indústria de higiene pessoal, perfumaria e cosméticos, perdendo apenas para o Japão, em segundo lugar e para os Estados Unidos, que se encontra na primeira posição. (SEBRAE, 2015).

Outro dado importante é sobre a quantidade de cirurgias plásticas realizadas no Brasil. De acordo com a ISAPS (International Society of Aesthetic Plastic Surgery), em 2013, o Brasil foi o país onde mais cirurgias plásticas foram realizadas no mundo, ficando à frente dos Estados Unidos. As intervenções mais realizadas foram lipoaspiração e colocação de próteses mamárias (SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIRURGIA PLÁSTICA, 2014).

Diante dos autores acima apresentados observou-se diferentes visões sobre o corpo humano. Nota-se um corpo que traduz a própria identidade do indivíduo. Não estamos lidando mais com questões distintas como: corpo e mente, corpo biológico e corpo cultural. O corpo é um e é múltiplo ao mesmo tempo, carregando significados e negociando seu espaço em meio a espaços públicos e privados.

2.3. GÊNEROS E AS LUTAS FEMINISTAS

Em 1935, Margaret Mead (1901-1978), analisa as diferenças de comportamento entre homens e mulheres de três sociedades “primitivas” na região da Nova Guiné, na Oceania e constata que seus comportamentos eram diferentes em cada uma das sociedades. Na primeira sociedade analisada, verificou-se que tanto homens quanto mulheres possuíam temperamento pacífico, eram pacientes e afetivos com as crianças. Na segunda sociedade, constatou-se que ambos os gêneros eram impacientes, partilhavam da competitividade e da agressividade. Porém, na terceira sociedade analisada, constatou-se uma espécie de inversão – comparando com os padrões ocidentais: uma sociedade onde os homens possuíam temperamento mais pacífico, cuidavam das crianças e se ornamentavam, enquanto que as mulheres – com temperamento mais agressivo – eram práticas e tomavam a iniciativa sexual. Nesse sentido, analisando a pesquisa de Margaret Mead, Almeida (2016, p.35) acrescenta que não há nada de natural nos gêneros, tudo é aprendido, e assim, “o comportamento humano não se define pela natureza, mas pela cultura. ”

Diante da constatação de que a subordinação das mulheres não é algo “natural” e muito menos justo –, o pensamento feminista volta seus esforços para entender como essa opressão acontece, sua origem e a formar como se mantém. Assim, a partir dos anos 1960, surgem duas diferentes vertentes feministas (feminismo socialista e feminismo radical) que buscam explicar as causas originais dessa subordinação por meio de diferentes ferramentas teóricas. Adriana Piscitelli (2002) aponta que apesar de suas divergências, ambas recusam a ideia de que a subordinação da mulher seja algo “natural” e acreditam que a opressão tem como causa a maneira como a mulher é construída socialmente. A autora acrescenta que analisar as mulheres como algo construído é importante e explica: “tudo que é construído pode ser modificado. Portanto, alterando as maneiras como as mulheres são percebidas seria possível mudar o espaço social por elas ocupado. ” (PISCITELLI, 2002, p.02)

No feminismo socialista a opressão da mulher acontece com o surgimento das classes sociais baseadas na propriedade privada, e têm suas origens na associação capitalismo/patriarcado, uma vez que é por meio da divisão do trabalho baseado no sexo que se instituem as formas de opressão. Piscitelli (2002, p.03) aponta que a família é a “base material na estrutura de classes” e assim, para que a subordinação da mulher fosse superada seria necessário a reformulação estrutural da sociedade, instaurando uma nova organização social mais desenvolvida e sem classes, como o socialismo.

Por outro lado, o feminismo radical localiza as causas originais da opressão da

mulher no processo reprodutivo, uma vez que são justamente os papéis associados a mulheres e homens durante o processo de reprodução da espécie humana que possibilita a opressão das mulheres. Segundo Piscitelli (2002, p.04) “as diferenças entre os papéis sociais e econômicos de homens e mulheres, o poder político e a psicologia coletiva são resultados da maneira como se reproduzem os seres humanos”. Essa mesma autora explica que para acabar com a opressão é necessário acabar com a própria distinção sexual entre mulheres e homens, substituindo a reprodução sexual natural pela reprodução artificial e fazendo assim, com que as diferenças genitais não tenham mais significado cultural.

Nesse contexto, Piscitelli (2002) analisa que as funções reprodutivas estão no cerne da “produção de desigualdade sexual”, fazendo com que a “condição” de mulher – a identidade compartilhada por todas as mulheres – seja ancorada na biologia, colocando o feminismo em uma condição essencialista. As feministas radicais tiveram uma grande contribuição para o pensamento feminista à medida que contestam a ideia de que são as classes sociais a origem da opressão das mulheres, afirmando que as mulheres estão inseridas em situações onde poderiam ser consideradas “oprimidas” ou “opressoras” em relação a sua classe social. Ao afirmar que todas as mulheres sofrem opressão e isso não está relacionado (apenas) a classe social, as feministas radicais voltam seus esforços para as “experiências femininas”, fazendo com que todas as formas de dominação masculina sejam consideradas políticas. Desse modo, as feministas radicais “trabalharam com uma ideia global e unitária de poder, o patriarcado, numa perspectiva na qual cada relacionamento homem/mulher deveria ser visto como uma relação política.” (PISCITELLI, 2002, p.06)

Vale ressaltar que até os anos de 1970 a palavra “gênero” no sentido que a utilizamos, nem sequer existia, sendo utilizada unicamente como um conceito linguístico que classifica coisas em: masculino, feminino ou neutro. Nesse contexto, gênero pode ser entendido como algo que pretende desfazer a associação mútua do gênero ao sexo anatômico, argumentando que as “diferenças e desigualdades entre mulheres e homens eram social e culturalmente construídas e não biologicamente determinadas” (MEYER, 2012, p.15), e assim, o uso de justificativas biológicas ou teológicas para as desigualdades passa a ser questionado.

Em 1975, a antropóloga Gayle Rubin publicou o ensaio chamado “O Tráfico de Mulheres: Notas sobre a “Economia Política do Sexo”, introduzindo o conceito de “sistema sexo-gênero”. Nesse ensaio, Rubin parte de leituras de Lévi-Strauss e Freud – que apesar de usarem outros termos, possuem obras que discutem a domesticação da mulher – buscando entender como o sexo é transformado em um “aparato social” capaz de transformar a fêmea da espécie humana em uma “mulher doméstica”:

“Toda sociedade tem também um sistema de sexo/gênero – uma série de arranjos pelos quais o matéria-prima biológica do sexo humano e da procriação é moldada pela intervenção humana, social, e satisfeita de um modo convencional, por mais bizarras que algumas dessas convenções sejam.” (RUBIN,1993, p.11)

Em 1976, Michel Foucault escreve o livro “História da Sexualidade – A vontade de saber”, onde analisa a sexualidade como um dispositivo histórico de poder por meio da qual a sociedade moderna regula e controla os corpos dos indivíduos. Foucault aponta quatro grandes conjuntos estratégicos de saber e poder relacionados ao sexo que foram desenvolvidos a partir do século XVIII, são eles: a histerização do corpo da mulher, a pedagogização do sexo da criança, a socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer perverso. Por meio dessas estratégias, são produzidas, mantidas e reproduzidas as sexualidades.

“A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, intensificação dos prazeres, a incitação dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder.” (FOUCAULT, 2015, p.114)

Para Foucault (2015, p.100), poder é “o nome dado a uma situação estratégia complexa exercida numa sociedade determinada” e não pode ser compreendido de forma unilateral (como tendo um único foco), uma vez que se encontra em todas as partes: não por englobar tudo, mas por prover de todos os lugares. As relações de saber e poder relacionadas a sexualidade não podem ser compreendidas (apenas) como formas de repressão, uma vez que na análise desse mesmo autor: onde há poder, há resistência, e assim, por meio de pontos de resistência e afrontamento, o “papel do adversário” transforma-se no “outro termo nas relações de poder”, constituindo correlações de forças múltiplas.

A problematização sobre as noções de corpo, sexo e sexualidade são intensificadas e ressignificadas especialmente através das feministas pós-estruturalistas que passam a introduzir importantes mudanças epistemológicas nesse campo de estudo. Além das críticas as abordagens essencialistas, Mariano (2005) acrescenta à perspectiva pós-estruturalista a necessidade de rejeitar modelos dicotômicos de pensamento, bem como de se atentar para não ocultar as diferenças internas existentes nas categorias mulher e homem.

A “desconstrução” do sujeito universal, proposto pelo feminismo, tem uma importante contribuição do pós-estruturalismo ao incorporar o método da desconstrução

de Jacques Derrida. Desconstruir não significa destruir, mas sim desmontar e decompor as lógicas internas que estruturam a sociedade em dois polos opostos. Para que essa desconstrução aconteça, é necessário entender um outro conceito cunhado por Jacques Derrida, a complementaridade.

Richard Miskolci (2009) explica que a complementaridade pressupõe que os significados são organizados por meio das diferenças que são estabelecidas em uma relação dinâmica de presença e ausência. Diante disso, o que parece não fazer parte do sistema binário, na verdade já se encontra dentro dele, e o que parece “natural” é histórico. Assim, toda vez que os indivíduos tentam romper com as estruturas binárias da sociedade, acabam por atualiza-las e reafirma-las.

O método da desconstrução evidencia a ideia de que o sujeito se define por aquilo que ele não é. Nesse sentido, é necessário a homossexualidade para se definir a heterossexualidade, assim como é necessário que se hajam diferenças entre as mulheres e homens para que criem e se organizem os limites entre essas categorias identitárias. O método da desconstrução é importante, pois permite questionar pares binários, fragmentando a lógica interna de categorias até o limite de suas fragilidades. A desconstrução chega ao seu limite quando articula formas de desestabilizar as sólidas categorias mulheres e homens.

A desconstrução do sujeito universal masculino é uma crítica quanto ao sujeito do marxismo – que coloca o ser universal como masculino, como também uma crítica ao próprio sujeito “mulher”. Diante disso, o pós-estruturalismo sugere que tanto gênero, o sexo e também o corpo são constituídos por meio de discursos sociais e culturais. Assim, o que se propõe com o método da desconstrução não é a morte ou abandono da categoria “mulheres”, mas sim sua resignificação. (MARIANO, 2015).

Uma das precursoras na crítica ao sujeito universal foi Simone de Beauvoir, que em 1949, com “O Segundo Sexo” expõe ao mundo dois tipos sociais de indivíduos: aqueles que circulam sem marcas e posições delimitadas e aqueles que carregam o peso de suas diferenças, sendo reduzidos e aprisionados em suas especificidades – designando “o outro”. Logo nas primeiras páginas desse livro, Beauvoir lança a emblemática frase: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1967, p.09), declarando não ser o destino biológico, psíquico ou econômico que define a forma que a fêmea humana deve assumir na sociedade, mas sim, o conjunto de normas e instâncias regidas pela cultura que qualificam e determinam o “feminino”. Tornar-se mulher está sempre acompanhado de uma “compulsão cultural a fazê-lo”, que não vem diretamente do “sexo”. Butler (2015) analisa que o corpo, na visão de Beauvoir, é uma “situação”, sendo sempre interpretado por meio dos significados culturais, funcionando como um “instrumento da liberdade da mulher, e não uma essência definidora e limitadora”. (p.35). O “sexo” é a norma que guia a existência do indivíduo, é o meio pelo qual o sujeito “se torna viável”, é o que qualifica

um corpo, proporcionando-o inteligibilidade cultural (BUTLER, 2000).

O feminino é o sexo marcado, carregando as características que qualificam sua existência e delimitando as fronteiras do sexo oposto. Fazer-se mulher implica em adequar-se ao que constitui o gênero feminino. Observa-se, então, que é por meio da adequação de gênero que os indivíduos são humanizados e categorizados em homens e mulheres. O que extrapola essas duas “caixinhas” é deixado à margem e marcado como o desviante: aquele que não deve ser seguido.

O pensamento da filósofa norte-americana, Judith Butler amplia (e reformula) o conceito de gênero por meio da desconstrução da coerência entre anatomia, identidade, desejo e prática sexual. O ser desviante é aquele que será marcado, servindo de exemplo e demarcando as fronteiras entre o desvio e o padrão, já que para se obter um padrão, é necessário primeiramente delimitar o desvio. Assim, o gênero tem como finalidade a própria sobrevivência cultural do sujeito (BUTLER, 2015).

“Portanto, como estratégia de sobrevivência em sistemas compulsórios, o gênero é uma performance com consequências claramente punitivas. Os gêneros distintos são parte do que “humaniza” os indivíduos na cultura contemporânea; [...] habitualmente punimos os que não desempenham corretamente o seu gênero. Os vários atos de gênero criam a ideia de gênero, e sem esses atos não haveria gênero algum, pois não há nenhuma “essência” que ele expresse ou exteriorize, nem tampouco um ideal objetivo ao qual aspire, bem como não é um dado de realidade.” (BUTLER, 2015, p.241)

O gênero é constituído por meio das mais diversas instituições, normas, leis, políticas e práticas sociais capazes de delimitar e estabelecer os conceitos de feminilidade e masculinidade dentro de uma cultura. Assim, ao pensar no sistema binário, atribui-se compulsoriamente o gênero ao sexo biológico, limitando a liberdade de escolha e orientação sexual entre ser homem e assumir uma postura masculina, ou ser mulher e assumir uma postura feminina. Diante disso, Butler (2015) aponta o gênero como um processo “não natural”, onde um corpo biologicamente do sexo feminino não precisa possuir necessariamente traços femininos e ter desejos por homens.

Diante desse novo paradigma onde o gênero extrapola as características dadas à priori, subvertendo padrões e normas, o próprio conceito de “mulher” passa a ser questionado. Encontramos neste momento, um problema político dentro dos movimentos feministas, uma vez que a categoria mulher pressupõe uma identidade comum, um ponto de intersecção e diálogo do que constitui essa identidade feminina (BUTLER, 2015).

Nesse contexto, passa-se a questionar o discurso feminista e a “identidade feminina”, alavancando uma imensa discussão em torno da categoria “mulheres”, uma vez que,

nas palavras de Butler (2015, p. 17): “é muito pequena, afinal, a concordância quanto ao que constitui, ou deveria constituir, a categoria das mulheres”.

Butler (2015, p.09) afirma que a própria categoria de “feminino” já não possui mais uma noção fixa e estável, “sendo seu significado tão problemático e errático quanto o significado de “mulher””. A autora reconhece a representação (necessária) que o feminismo propicia, sendo um processo que visa legitimar as mulheres como sujeitos políticos, porém, por outro lado, essa mesma representação é constituída por instâncias que normatizam e classificam a categoria de “mulher”, assumindo assim a existência de uma identidade comum entre as mulheres.

Abaixo, na Tabela 1 é possível verificar o significado da palavra “mulher” e “homem” de dois dicionários de língua portuguesa. A palavra “homem” representa o ser humano de forma universal, enquanto que a palavra “mulher” considera uma parcela da humanidade. Não vemos de forma negativa a palavra “homem” representar a espécie humana - no sentido coletivo, porém, além dos significados de homem associados ao indivíduo do sexo masculino, é acrescentado ao homem características como força e virilidade. Nesse sentido, o significado de mulher, além de remeter a uma parcela da humanidade - não diretamente relacionadas com a genitália (apenas o dicionário Houaiss usa a palavra “genital”), remete a um ser sensível, frágil e do lar.

Tabela 1. Significado das palavras homem e mulher segundo dois dicionários de língua portuguesa.

	MULHER	HOMEM
Novo Aurélio Século XXI	<p>1. O ser humano do sexo feminino. 2. Esse mesmo ser humano considerado como parcela da humanidade. [...] 4. Restr. Adolescente do sexo feminino que atingiu a puberdade; moça. 5. Mulher dotada das chamadas qualidades e sentimentos femininos (carinho, compreensão, dedicação ao lar e à família, intuição.)” (p. 1377)</p>	<p>1. Qualquer indivíduo pertencente à espécie animal que apresenta o maior grau de complexidade na escala evolutiva; o ser humano. [...] 2. A espécie humana; a humanidade. [...] 4. Ser humano do sexo masculino. [...] 6. Restr. Adolescente que atingiu a virilidade. 7. Homem (4) dotado das chamadas qualidades viris, como coragem, força, vigor sexual, etc; macho. ” (p. 1058)</p>
Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa	<p>“1. Indivíduo do sexo feminino, considerado do ponto de vista das características biológicas, do aspecto ou forma corporal, como tipo representativo de determinada região geográfica, época etc. [...] 1.1. Aquela que tem fisiologia e sua vida genital percebidas como essencial do ser humano feminino em sua evolução [...]. 6 fig. Na tradição, como indivíduo e/ ou coletivamente, representação de um ser sensível, delicado, afetivo, intuitivo, fraco fisicamente, indefeso (o “sexo frágil”), idealmente belo (o “belo sexo”), devotado ao lar e à família. (p.1328)</p>	<p>“1. BIO mamífero da ordem dos primatas, único representante vivente do gên. Homo, da sp. Homo sapiens, caracterizado por ter cérebro volumoso, posição ereta, mãos preênsais, inteligência dotada da faculdade de abstração e generalização, e capacidade para produzir linguagem articulada. [...] 2. A espécie humana; a humanidade. [...] 4. Indivíduo do sexo masculino [...] 7. Homem em que sobressaem qualidades como coragem, força, determinação, vigor sexual. ” (p.1031)</p>

Fonte: Elaborado pela autora com base em FERREIRA, 1999 e HOUAISS e VILLAR, 2009.

Ao adentrar na categoria mulheres, nos questionamos: de qual ou a quais mulheres estamos nos referindo? A categorização enfraquece a multiplicidade de formas pelas quais o fazer-se “mulher” é construído, fazendo com que a tentativa de constituir um sujeito político feminista universal seja fortemente criticada por feministas negras, latino-americanas, países coloniais e feministas lésbicas (MARIANO, 2005).

Nesse contexto, a ideia de um sujeito estável que representasse a categoria de “mulheres” proporcionou inevitavelmente inúmeras críticas por parte de mulheres que recusavam essa universalização de uma identidade feminina. Butler (2015, p.222) vai à fundo: a questão não é mais identificar quantas identidades são possíveis dentro da categoria de “mulheres”, mas sim, “como essa identidade é modelada? [...] O que circunscreve esse lugar como “o corpo feminino? ”. Para essa autora, a modelagem do corpo é política, e assim, é o próprio corpo do indivíduo - um corpo-sexuado - que servirá como base para a inscrição cultural. O gênero articula relações de convergência entre diversos pontos cruciais - como raça, classe social, sexo e crença religiosa, - para a constituição identitária de um indivíduo. E assim, “resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida. ” (BUTLER, 2015, p. 21)

2.4. CORPOS “DESVIANTES” E OS LIMITES DA CONDIÇÃO HUMANA

O corpo é discursivo, constituindo-se por meio de narrativas constituídas no contexto social e histórico ao qual está inserido. Completando essa visão, Berenice Bento (2006), ancorada pelos estudos *queer*, afirma não existir um corpo anterior à cultura pois o mesmo é “fabricado” mediante preciosas tecnologias - que garantem a inteligibilidade de gênero aos corpos sexuados (corpo-mulher e corpo-homem). Assim, ao deslocar essa questão para os corpos transexuais, o gênero significará o próprio corpo, revertendo um dos pilares de sustentação das normas de gênero, fundamentando a “hipótese de que transexualidade é uma forma de atualizar, nas práticas de gênero, interpretações sobre o masculino e o femini-no” (BENTO, 2006, p.22).

A Teoria *Queer*⁴ surge no final da década de 1980 nos Estados Unidos, com uma crítica a estudos sociológicos sobre “minorias” sexuais e de gênero, que colocam a heterossexualidade como algo “natural”. Os estudos *queer* questionam os discursos hegemônicos da cultura ocidental, fazendo torções e propondo a reformulação de perguntas e conceitos que colocam determinadas existências como desviantes e desqualificadas. O termo *queer* em inglês significa estranho, sendo usado de forma ofensiva, algo como anormal, defeituoso ou impuro. Em português, *queer* seria semelhante a algo como “bicha”, “viado”. (PELÚCIO, 2009, p. 205). Dessa forma, este termo é usado intencionalmente para deixar claro que a violência de gênero não está apenas na linguagem, mas faz parte da própria estrutura binária que separa homens/mulheres.

Para Leite Jr. (2011), é por meio do gênero e da sua inteligibilidade que se define qual são (ou não) os corpos humanos, quais e quantos são os sexos. O autor acrescenta que, ao assumir o *queer* como um campo de estudos, estamos lidando com o que há de mais degradado e degradante das relações sociais, colocando-se “em xeque o próprio conceito de humanidade segundo estes padrões.” (LEITE JR, 2011, p.121). Esse mesmo autor acrescenta ainda que é por meio da “materialização das normas de gênero” que se justifica e se organiza socialmente hierarquias, salários, assim como vários outros privilégios e até legislações que ditam as vidas que devem ou não existir.

Para que a mulher transexual seja reconhecida socialmente como tal, é necessário mergulhar profundamente no universo feminino, articulando – por meio de gestos, hábitos, linguagens, roupas, acessórios e objetos pessoais -, for-mas de expressar

⁴ A Teoria *Queer* surge através de uma coleção de livros sobre teoria social contemporânea chamada *Queer Theory/Sociology*, editado pelo sociólogo Steven Sediman, em 1996.

sua “feminilidade”. Durante trabalho de campo em hospitais, a socióloga Berenice Bento, acompanhou pacientes em processo de “transição”. Bento (2006), relata que novos significados de feminino e masculino eram constituídos a todo momento em meio a negociações com a equipe médica. Nas suas palavras:

“Uma pluralidade de experiências transexuais convi-via: transexuais femininas lésbicas, transexuais masculinos gays, transexuais que não querem fazer a cirurgia, mas que lutam pela mudança do registro civil, narrativas, enfim, que desmontaram quaisquer possibilidades de se trabalhar com a centralidade da categoria representação social, sem ne-nhuma problematização mais radical dos níveis de deslocamentos e contradições que marcam suas biografias. O fato de se sugerirem pontos de convergência entre uma narrativa e outra não é suficiente para concluir que haja um núcleo central de representação sobre o masculino e o feminino compartilhado exclusivamente e da mesma maneira par aqueles que vivem a experiência transexual.” (BENTO, 2006, p.33)

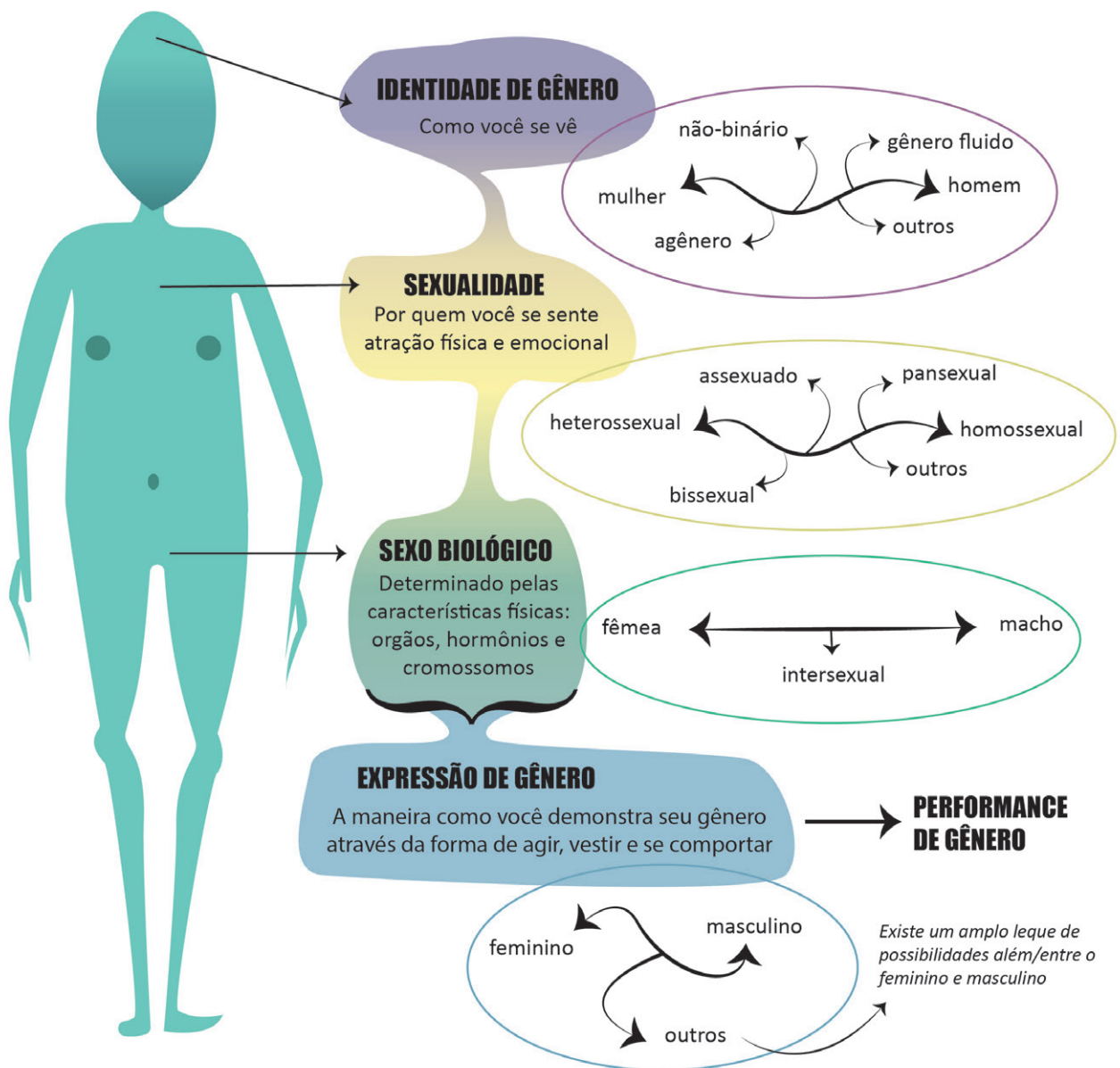
Mesmo diante de diferentes interpretações de masculino e feminino, Bento (2006) ressalta a importância de uma boa performance de gênero diante da equipe médica. Mas, o que é afinal, uma boa performance de gênero quando as interpretações de masculino e feminino são subjetivas? O que delimita uma conduta “de homem” ou “de mulher”?

Para que a performance de gênero seja eficiente, Bento (2006, p. 163), ressalta a importância da estética em meio às negociações de pacientes com a equipe médica, funcionando como “um indicador de níveis de masculinidade e de feminilidade”. A autora aponta ainda, que durante conversas com as pacientes, ao lhes perguntar sobre o processo de composição do seu estilo pessoal, obteve como resposta claras noções de mimese, onde a composição é baseada em interpretações e idealizações. Assim, “a construção da masculinidade/feminilidade [...] efetiva-se mediante uma aparente “cópia” (BENTO, 2006, p.175). Para a autora, a transexualidade é uma forma de atualizar e potencializar as interpretações de masculino e feminino.

O conceito de performatividade – performance de gênero - de Judith Butler tem como base normas que são anteriores ao próprio sujeito, sendo reiteradas permanentemente e materializando-se naquilo que nomeiam (MISKOLCI e PELÚCIO, 2007). Desse modo, os estudos *queer* buscam compreender sujeitos que vivem em conflito com a ordem de gênero vigente, colocando em evidência formas de identidades não binárias e por consequência, não categorizáveis. Posto isso, ao invés de esperar que esses sujeitos se auto definam ou se auto categorizem, “o foco da discussão deve se voltar para fora deles, ou seja, para a possibilidade de ampliação do repertório de identidades existentes” (MISKOLCI e PELÚCIO, 2007, p. 256).

Abaixo, no Quadro 2, segue um infográfico explicando as diferenças entre identidade de gênero, sexualidade, sexo biológico e expressão de gênero. Expressão de gênero refere-se à como a pessoa expressa o conjunto identidade de gênero, sexualidade e sexo biológico. A expressão de gênero de um sujeito pode ser compreendida também como a performance de gênero analisada por Judith Butler.

Quadro 2: Diferenças entre identidade de gênero, sexualidade, sexo biológico e expressão de gênero.



Fonte: desenvolvido pela autora

Tendo em vista a ampliação do repertório de identidades existentes, Bento (2006) acrescenta que a noção que se tem acerca da “cópia” pela qual se compõem as identidades transexuais, é ampla e divergente, contribuindo para que os aspectos que qualificam o feminino, bem como a própria ideia de “mulher” tornam-se múltiplos, contribuindo para desfazer os “estereótipos de gênero”, bem como a ideia de uma identidade transexual universal. Nas suas palavras:

“O gênero só existe na prática e sua existência só se realiza mediante um conjunto de reiteraões cujos conteúdos são frutos de interpretações sobre o masculino e o feminino. O ato de pôr uma roupa, escolher a cor, compor um estilo, são ações que fazem o gênero, que visibilizam e posicionam os corpos-sexuados, os corpos em trânsito ou os corpos ambíguos na ordem dicotomizada dos gêneros. Vestir-se é um dos atos performáticos mais carregados de significados para a construção das performances dos gêneros.” (BENTO, 2006, p.178-179)

Na visão de Bento (2006), o que os pacientes querem com as cirurgias na verdade é ter inteligibilidade social, tornando-se cidadãos reais, dignos de respeito e dentro das normas de gênero da sociedade. Para a autora, a humanidade é reconhecida em dois gêneros, e esses gêneros só se tornam reconhecíveis à medida que se transformam em corpos-homens e corpos-mulheres, deixando fora da categoria de humano aqueles que não se encaixam nesses pares binários. Bento (2006, p. 230) enfatiza que “a reivindicação última dos/as transexuais é o reconhecimento social de sua condição humana”.

Nesse contexto, é possível entender que a humanidade precede a cidadania, e como aponta Bento (2014) as lutas por reconhecimento por parte de mulheres, gays, lésbicas, transexuais, travestis, negros e negras precisaram – e em algumas instâncias ainda precisam -, disputar visões e projetos que remetam à sua humanidade, antes mesmo de disputarem por suas cidadanias. Nas palavras da autora: “Qual corpo tem direito de adentrar na humanidade?” (pp.179). Com essa pergunta, a autora expõe a “cidadania precária” da sociedade brasileira diante das pessoas trans:

“A cidadania precária representa uma dupla negação: nega a condição humana e de cidadão/cidadã de sujeitos que carregam no corpo determinadas marcas. Essa dupla negação está historicamente assentada nos corpos das mulheres, dos/as negros/as, das lésbicas, dos gays e das pessoas trans (travestis, transexuais e transgêneros). Para adentrar a categoria de humano e de cidadão/cidadã, cada um desses corpos teve que se construir como “corpo político”. No entanto, o reconhecimento político, econômico e social foi (e continua sendo) lento e descontínuo.” (BENTO, 2014, pp. 167)

Pensar o corpo, é pensar em suas performances e seus limites, onde - por

meio de um amplo universo semiótico -, são constituídas as subjetividades do indivíduo. (VILLAÇA e GÓES, 2014). Para Miskolci (2006), a subjetividade encontra-se diretamente relacionada à materialidade do corpo e, assim, por meio do controle corporal, almeja-se adequar-se aos padrões de identidade socialmente impostos. Para esse autor, o corpo é cada vez mais um meio para atingir modelos identitários, que, por sua vez são difundidos nos mais diversos meios: das instituições de ensino à mídia.

Por meio de discursos, são estabelecidas as fronteiras do corpo, instaurando e naturalizando as posturas adequadas para cada gênero. As diferenças internas dentro de grupos identitários geram tensões e fissuras dentro do próprio movimento, fazendo com que essas diferenças se tornem motivo de discriminação e exclusão. Ao separar a sociedade em dois polos opostos: mulheres e homens, pressupõe-se a possibilidade de unificar todas as mulheres dentro de uma mesma categoria, colocando de lado as diferenças e tensões internas existentes na mesma. Nesse sentido, ao fazer uso de termos como “mulher” e “homem” como categorias universais, marcadores como raça, classe, gênero, geração, sexualidade são colocados em segundo plano, sem levar em consideração que esses marcadores se articulam de diferentes formas, constituindo modos de poder e opressão.

Joan Scott (2005) aponta que a igualdade só acontece quando os indivíduos são julgados como indivíduos, entretanto, há momentos onde a autonomia individual é limitada pelo próprio grupo da qual o indivíduo faz parte, constituindo um enorme paradoxo entre grupo e indivíduo. Ainda assim, essa autora afirma que igualdade e diferença, assim como indivíduos e grupos, não são conceitos opostos, mas sim, conceitos interdependentes e que se encontram sempre tensionados.

As relações sociais e as identidades dos indivíduos se constituem por meio de processos de identificação e diferença, contribuindo com a ideia de que o sujeito se define por aquilo que ele não é. Somos seres que se constituem pelo e para o olhar dos outros. Desse modo, cabem aos corpos marginalizados e abjetos delimitar os “desvios”, definindo os limites entre as vidas que valem ou não a pena serem vividas, separando corpos em viáveis e inviáveis.

2.5. OS DESDOBRAMENTOS DO DESIGN E DA MODA EM MEIO AS NOVAS QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS

Podemos dizer que uma das intenções do design contemporâneo é traduzir as complexidades vividas nos dias de hoje. Para isso, o designer deixa de lado alguns segmentos e separações entre áreas e passa a pensar o design de forma mais ampla, se debruçando nas mais diversas áreas do conhecimento, produzindo e projetando conteúdos plurais e voltados para todos os aspectos que permeiam a vida do ser humano.

A diversidade de linguagens e campos de atuação do design no contemporâneo apontam para uma área cada vez mais complexa, onde através da interdisciplinaridade lida com as inter-relações entre segmentos dentro de sua própria área, como também possibilita apontamentos transdisciplinares através de relações com outras áreas de conhecimento. Dentre as áreas que estabelecem conexão com o campo do design podemos citar a moda. Conforme Moura (2012), design e moda podem ser entendidos como áreas de conhecimento independentes, porém, é possível encontrar grandes pontos de convergência e sintonia entre os mesmos. Assim, entende-se que tanto o design como a moda são ações contemporâneas de tradução e de influência na vida do indivíduo na sociedade, onde através de objetos, sistemas, serviços, métodos e materiais, torna-se possível associar questões utilitárias às questões simbólicas.

Na visão de Sudjic (2010, p. 149), a moda chegou a tal ponto de influência na sociedade atual que não é mais possível descartá-la como uma “frívola questão secundária”, uma vez que a mesma se tornou um mecanismo que reflete a natureza dos grupos sociais, funcionando como um instrumento de auto definição. Lipovetsky (2009) atribui à moda uma lógica inconstante, e é justamente devido a essas variações incessantes causadas pela moda e seus códigos que o indivíduo é convidado a pensar em si mesmo, a moda funciona como uma espécie de culto estético do Eu:

“Primeiro grande dispositivo a produzir social e regularmente a personalidade aparente, a moda estetizou e individualizou a vaidade humana, conseguiu fazer do superficial um instrumento de salvação, uma finalidade da existência.” (Lipovetsky, 2009, p. 43)

A moda é capaz de auxiliar na construção da auto identidade de um indivíduo por meio de “traços de identificação que permitem a assimilação de sua cultura [...], quer por traços de similaridade, quer por traços de diferença” (CASTILHO e MARTINS, 2005, p. 37). Assim, através de interferências e sobreposições provenientes da moda, o corpo é potencializado, possibilitando a construção e a alteração de seu significado, ou seja, dando novos valores a ele.

Podemos pensar a moda por dois caminhos: por um lado, como instrumento de padronizações, correções e perfeições, e por outro, como uma forma de subverter fronteiras, derrubar cânones, intensificar e pluralizar as diferenças (VILLAÇA e GÓES, 2014, p.121). Para Lipovetsky (2009), a moda propicia o “individualismo estético”, criando uma espécie de vetor capaz de dar relativa autonomia individual em termos de aparência, constituindo uma relação entre a esfera individual e a regra social. O autor acrescenta ainda que mesmo diante do mimetismo imposto por conjuntos de regras, a moda possibilita ao sujeito a manifestação de seus gostos pessoais.

A moda potencializa a subjetividade do indivíduo por meio de peças carregadas de significado que são acopladas ao corpo das mais diversas formas. Nesse sentido, a moda funciona como uma ferramenta capaz de ampliar os questionamentos públicos, atribuindo autonomia à ideias e existências subjetivas. Aqui vale pontuar a importância que a moda – no sentido de vestimentas – tem para as pessoas trans, uma vez que é por meio da incorporação de peças e acessórios de moda pertencentes ao “gênero oposto” que essas pessoas passam a mostrar para a sociedade suas “novas” identidades. A moda é um poderoso dispositivo para a articulação de uma performance de gênero eficiente.

Crane (2006), afirma que as roupas são capazes de fazer declarações sobre classe e identidades sociais, pois carregam consigo mensagens que fazem menção aos gêneros desempenhados diariamente por homens e mulheres. Complementando essa visão, Lipovetsky (2009, p. 106) apresenta um sistema de produção onde as questões levadas em conta na criação para mulheres e para homens não funciona sob a mesma lógica. A moda para mulheres possui um percurso multissecular, carregados de representações e valores sobre o feminino, e assim, mesmo com as tentativas de minimizar as diferenças entre os sexos, “perpetua-se um processo de diferenciação ostensiva deles através desses signos exclusivamente femininos que são vestidos, saias, tailleurs, meias, escarpins, maquiagem, depilação etc.” (Lipovetsky, 2009, p.153).

Essa questão está presente também no design, uma vez que a divisão de objetos por gênero é algo que parece até mesmo “natural”. Forty (2007) analisa que a partir do século XIX, as distinções entre homens e mulheres, assim como entre adultos e crianças, passam a ser objeto de maior importância, e assim, gradativamente, por meio de roupas e objetos de uso pessoal passa a ser definido que é de uso exclusivo de cada gênero. O autor acrescenta que é possível classificar os produtos de design de várias maneiras, como classe, idade e raça por exemplo, mas nenhuma delas é tão eficiente e antiga como a separação entre os gêneros masculino e feminino. A classificação por gênero separa produtos por meio de sua adequação a ideias associadas ao que é apropriado para homens e mulheres, ou seja, “por meio das

noções de masculinidade e feminilidade, que não se referem a diferenças biológicas, mas a convenções sociais.” (FORTY, 2007, p.91).

Para Sudjic (2010), o design é considerado uma linguagem essencialmente visual, entretanto, vai muito além das paletas de cores e formas geométricas, alcançando o usuário por meio de todos os sentidos.

“O design, em toda as suas manifestações, é o DNA de uma sociedade industrial – ou pós-industrial, se é o que temos hoje. É o código que precisamos explorar se quisermos ter uma chance de entender a natureza do mundo moderno. É um reflexo de nossos sistemas econômicos. E revela a marca da tecnologia com que temos que trabalhar. É um tipo de linguagem, e é o reflexo de valores emocionais e culturais.” (SUDJIC, 2010, p. 49)

De acordo com Moura (2014), os objetos e produtos criados pelos designers no contemporâneo precisam ir além do belo e funcional, propiciando uma experiência que estabeleça maiores relações simbólicas, emocionais, afetivas e também subjetivas para os sujeitos usuários, ainda que os mesmos não tenham plena consciência desses fatos.

Os objetos são constituídos basicamente de 3 funções: prática – também chamada de funcional -, estética e simbólica. Cada uma dessas funções influencia na forma como o usuário percebe aquele objeto como um todo. Nem sempre a função prática é a mais importante. Para Schneider (2010), os produtos estabelecem relações com seus usuários, assumindo caráter simbólico e passando a transmitir valores que se tornam tão importantes quanto as funções prático-técnicas e estéticas do objeto.

Schneider (2010) acrescenta que as funções estéticas são emocionais e subjetivas, oferecendo diferentes interpretações dependendo do usuário. Por conta disso, as funções estéticas de um produto não podem ser avaliadas isoladas de seu contexto, uma vez que seus significados se constituem por meio do contexto social e cultural do usuário. As funções estéticas de um objeto aparecem por meio da forma, material e superfície que constituem o aspecto formal desse objeto, e assim, “são os “signos”, que tornam um objeto de uso “legível” e dão indicações visuais para o uso” (SCHNEIDER, 2010, p.198)

Diante de um cenário onde os objetos são vistos como poderosos símbolos carregados de valores, Bonsiepe (2011, p. 22) acrescenta que design e manipulação dialogam intimamente quando se diz respeito a “produção de aparência”, uma vez que, “ao projetarmos, estamos – entre outras e certamente não exclusivamente – construindo aparências”. Na visão do autor, a aparência nos leva diretamente ao tema da estética, que por sua vez, possui dois caminhos: um mundo de liberdade e o outro da manipulação, e assim, cabe ao designer analisar a melhor forma de explorar esses caminhos:

“Para projetarmos aparências dos produtos e dos artefatos semióticos, inevitavelmente entramos no jogo da sedução, quer dizer, provocar predisposições positivas; ou também, segundo o contexto, provocar predisposições negativas [...]. Ou seja, dependendo das intenções, o design se inclina a um polo ou a outro, tendendo para a autonomia ou para a heteronomia.” (Id., *Ibid.*, p. 23)

Diante dessas questões, é possível perceber que o design possui uma grande responsabilidade por suas criações, uma vez que é um dos responsáveis pela forma como sentimos o mundo ao nosso redor, como nos relacionamos com os objetos e com os indivíduos na sociedade. Observa-se um profissional que precisa ter um olhar mais sensível sobre a sociedade, percebendo suas necessidades e mudanças, para que então seja possível caminhar junto ao ser humano, aos grupos sociais e comunidades.

Victor Papanek (1923-1989), foi um dos primeiros designers a questionar a cultura de consumo, os recursos limitados do planeta, bem como a real necessidade da mudança do comportamento humano diante das complexidades sociais e ambientais vividas no mundo⁵. O autor acredita que nossas vidas, assim como o meio ambiente, podem ser influenciadas – para o bem ou para o mal – pelo poder do design, e assim, Papanek (2007) frisa a necessidade da responsabilidade social e ecológica desses profissionais.

Ainda, aponta Papanek (2007) que, dentre as qualidades que um designer deve possuir, estão: a aptidão em investigar e inovar; o dom para explorar e testar respostas para os novos problemas da sociedade; o talento para combinar técnicas a fatores sociais, ambientais, estéticos e humanos em busca de produtos eficientes; e a capacidade para trabalhar com diferentes culturas e áreas de conhecimento.

“A função do designer é apresentar opções às pessoas. Estas opções deveriam ser reais e significativas, permitindo que as pessoas participassem mais plenamente das decisões que lhes dizem respeito, e deixando-as comunicar com os designers e arquitetos na procura de soluções para os seus próprios problemas, mesmo – quer queiram quer não – tornando-se os seus próprios designers.” (PAPANEK, 2007, p.64)

Ao associar valores conceituais à objetos, atribuímos qualidades que no fundo não derivam do objeto em si, mas do repertório cultural e do contexto social que o objeto e o usuário se encontram (CARDOSO, 2012). Complementando essa ideia,

⁵ Em 1971, Victor Papanek publicou "Design for the Real World", traduzido no Brasil como "Arquitetura e Design - Ecologia e Ética". O livro foi pioneiro ao abordar questões como a preservação de recursos, consumo consciente e ética no design.

Sudjic (2012, p. 21) analisa que os objetos não existem por si mesmo – “no vácuo” - são sempre parte de um contexto maior, “são arte de uma complexa coreografia de interações”. Somado a isso, o autor acrescenta que os objetos possuem a capacidade de moldar a maneira como nos relacionamos, a forma como comemos, como nos sentamos, e até mesmo a forma como olhamos uns para os outros, funcionando como uma “maneira de medir a passagem de nossas vidas. São o que usamos para nos definir, para sinalizar quem somos, e o que não somos” (SUDJIC, 2012, p. 21). Desse modo, quando pensamos em produtos criados pelo design, vamos além e pensamos em produtos materiais e imateriais.

Como exemplo de produtos materiais – físicos, palpáveis – podemos citar os muitos objetos que nos rodeiam: roupas, sapatos, joias, computadores, celular, revistas, livros, mesas, utensílios domésticos e objetos decorativos até casas populares, casas inteligentes, semáforos, carros, ônibus e aviões. Quando pensamos na atuação do designer além da concepção de objetos físicos, nos deparamos com possibilidades, que vão desde a interface de um site, seu funcionamento, identidade visual, navegação, acessibilidade, funcionamento e interface de softwares e aplicativos. Além de muitas outras possibilidades em meio às redes do mundo virtual, o designer atua também em várias instituições dentro da sociedade, desde a sinalização de empresas, metrô, ruas, bem como a sinalização da própria cidade.

Designers também são capazes de criar ambientes, serviços e gerenciar projetos, explorando as potencialidades das partes envolvidas, seja em uma comunidade, por meio do design participativo por exemplo -, como também em equipes multidisciplinares dentro de empresas. O design social ou design universal e se destaca na contemporaneidade diante das problemáticas e dos vários questionamentos que envolve o ser humano e a sociedade, desde as questões ambientais, ecológicas, sustentáveis – do micro ao macro ambiente - até as questões relacionadas a inter-relação e a interação sujeito e sociedade.

Abaixo, no Quadro 2, encontram-se reunidas as áreas de atuação do design que influenciam na vida dos indivíduos na sociedade tanto na esfera pública quanto na privada.

Quadro 3: Áreas de atuação do design



Fonte: desenvolvido pela autora

Diante de uma perspectiva onde o design passa a fazer parte da vida do indivíduo na sociedade, Schneider (2010), acrescenta que o design fornece à sociedade, uma linguagem que contém informações dos mais variados estilos e filosofias e vida. Essas representações passam a transmitir valores culturais, contribuindo para a formação de identidades, e assim, “através da expressão de valores coletivos, eles não apenas possibilitam integração social, mas também diferenciações e classificações”. (SCHNEIDER, 2010, 199).

Bonsiepe (2011, p. 21) apresenta uma questão fundamental para qualquer profissional, bem como o designer: “formar uma consciência crítica frente ao enorme desequilíbrio entre os centros de poder e os que são submetidos a eles”. O autor enfatiza a necessidade de se analisar e compreender o contexto como um todo, entendendo e interpretando as reais necessidades de grupos sociais, visando a elaboração de propostas viáveis e emancipatórias. Desse modo, o exercício projetual do designer deve visar a redução da dominação, voltando sua atenção às minorias, aos excluídos e discriminados.

Ao discorrer sobre as virtudes do design, Bonsiepe (2011) atribui a alteridade como um dos valores que devem nortear essa área de conhecimento. Para o autor, a alteridade é a capacidade de respeitar outras culturais projetuais, deixando de lado qualquer visão messiânica etnocentrista, contribuindo “para contrapor a tendência atual de se concentrar o desenvolvimento exclusivamente em 25% da humanidade que faz parte dos países industrializados” (Ibid., p. 38). Posto isso, o autor acrescenta ainda que essa virtude é importante, uma vez que é diretamente ligada a questões identitárias, sendo esta, uma temática essencial aos movimentos feministas, LGBTs, movimentos raciais e religiosos – representando assim, a indiferença com grande parte da humanidade que necessita de atenção.

Nesse sentido, Papanek (2007) aponta a necessidade de se conhecer os dilemas éticos dessa profissão, tendo sempre em mente os valores espirituais concebidos pelo design. Para Papanek (Ibid., p. 59), dentre as perguntas que devem ser feitas tendo como foco os valores espirituais do design, estão: “Poderá facilitar a vida a algum grupo que foi marginalizado pela sociedade? [...]. Ajudará aqueles que são pobres, estão privados de direitos ou sofrem?”

Por meio dessas perguntas e, tendo em vista o bem-estar individual e coletivo dos seres humanos, percebemos que é necessário primeiramente entender quais são os conflitos e dilemas internos desses grupos, para que então seja possível a criação de projetos mais eficientes aos que necessitam. Aqui vale ressaltar o objetivo dessa pesquisa: entender como o design e a moda participam da construção identitária de mulheres transexuais e travestis. Nesse sentido, entendendo melhor quem são essas pessoas, quais e como se constituem suas vivências, torna-se possível pensar de maneira mais eficiente, em como o design pode auxiliar na caminhada para o bem-estar das pessoas transexuais.

O design é capaz de promover mudanças consideráveis na sociedade, uma vez que, ao promover a concepção de novos valores, rompe com aqueles que já não condizem mais com a sociedade atual. Assim, designers são profissionais que atuam como mediadores em meio a cenários aparentemente desconexos, construindo soluções inteligentes para questões relacionadas às mais diversas áreas que permeiam o ser

humano e a sociedade como um todo. Por meio da atividade projetual, Cardoso (2012, p. 44) afirma que o grande trabalho do designer consiste em estabelecer conexões entre coisas que antes eram desconexas, tratando-se, entretanto, “de um processo bem maior e mais abrangente [...]. A parte de cada um é entender sua parte no todo”.

A revisão de literatura apresentada ao longo desse capítulo teve a intenção de conduzir as/os leitores pelos caminhos percorridos entre as novas constituições identitárias no contemporâneo – mais especificamente pensando nas mulheres transexuais e travestis – até o design e a moda. Para tal, foi necessário estabelecer pontos de intersecção entre design e o objetivo dessa pesquisa: estudar a constituição identitária de mulheres trans e travestis por meio do design. Essas intersecções foram apresentadas por meio dos subcapítulos, visando, ao final do mesmo, preparar as/os leitores para a pesquisa de campo, análises e resultados apresentados nas próximas páginas.

"Meu Deus, meu Deus! Como tudo é esquisito hoje! E ontem tudo era exatamente como de costume. Será que fui eu que mudei à noite? Deixe-me pensar: eu era a mesma quando me levantei hoje de manhã? Estou quase achando que posso me lembrar de me sentir um pouco diferente. Mas se eu não sou a mesma, a próxima pergunta é: "Quem é que eu sou?". Ah, essa é a grande charada!"

Alice no País das Maravilhas

3. MATERIAIS E MÉTODOS

3.1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Artes, Arquitetura e Comunicação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho em 30 de maio de 2016 por meio da Plataforma Brasil⁶. Foi adotada uma abordagem qualitativa, utilizando-se das técnicas de revisão de literatura, pesquisa documental, pesquisa de campo e estudo de caso.

Esta pesquisa contou com a participação de 12 interlocutoras. Além da participação de 10 mulheres transexuais e travestis, foi feita uma coleta de dados complementar com mais 2 participantes, visando compreender aspectos que se destacaram ao longo das entrevistas e necessitavam de aprofundamento. Os temas são: prostituição, pessoas trans não-binárias e *cisplay*.

Para que o total sigilo de identidade das participantes fosse garantido, foi solicitado a cada uma que escolhesse um pseudônimo para a pesquisa. Além disso, por questões éticas, as transcrições das entrevistas não estarão de forma literal em anexo e sim encontram-se incluídas no texto do capítulo 3 organizadas como textos descritivos e com inserções de algumas falas literais das entrevistadas.

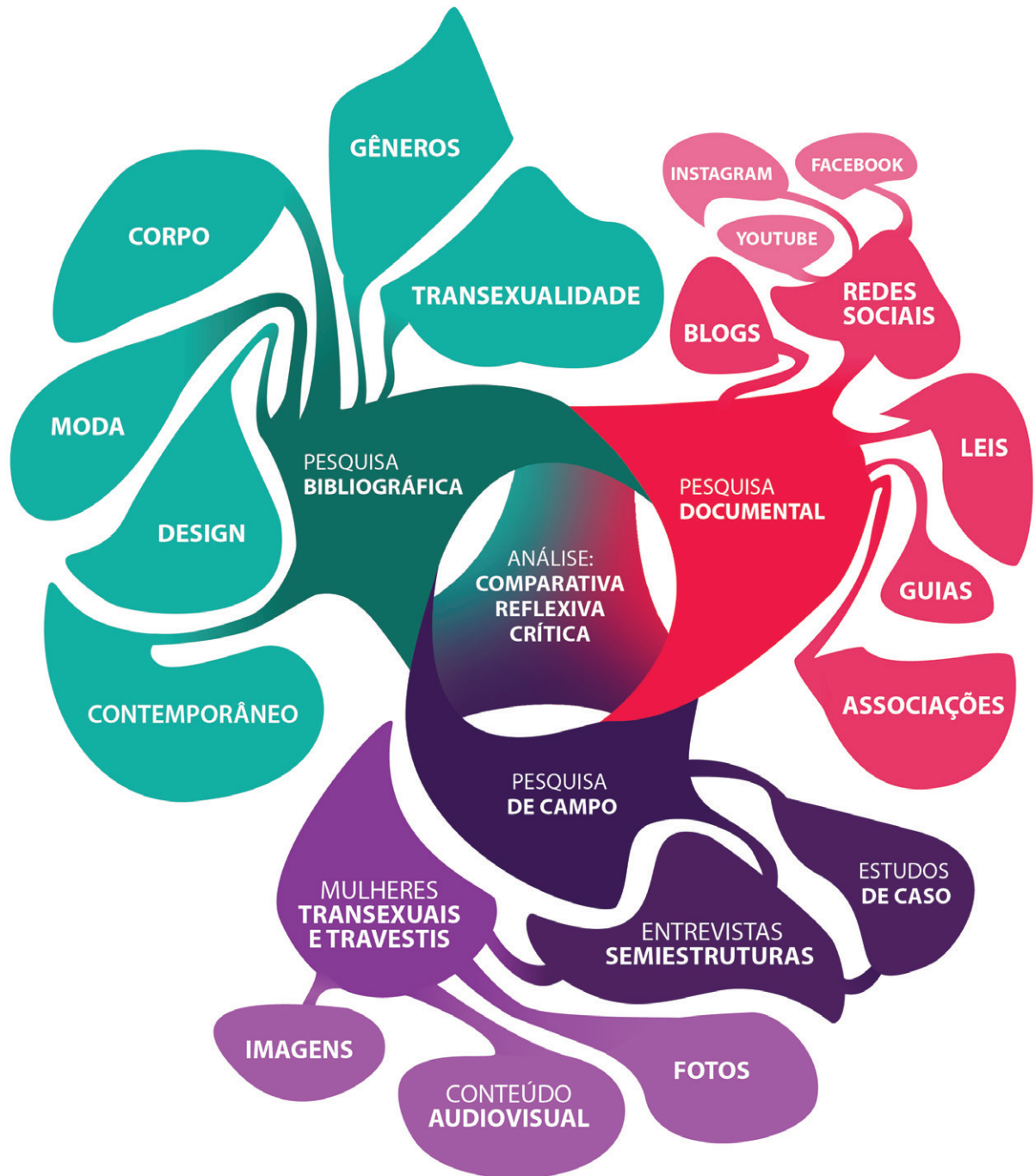
Para a realização das 10 entrevistas semiestruturadas (APÊNDICE 1), foram adotados os seguintes critérios:

- Identificar-se como mulher transexual ou travesti;
- Ter entre 20 e 30 anos de idade;
- Apresentar-se socialmente como mulher, tendo ou não realizado a cirurgia de redesignação sexual;
- Ser reconhecida em sua comunidade como mulher;
- Aceitar as condições da pesquisa, formalizado mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Abaixo, no Quadro 4, encontram-se os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa.

⁶ Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 55283616.0.0000.5663 e Parecer nº 1.564.196.

Quadro 4: Procedimentos de pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora

Os materiais utilizados para essa pesquisa foram: livros, artigos de anais e periódicos, artigos de jornais e revistas de grande circulação, matérias de blogs, web sites e redes sociais que abordem o tema tratado. Foram utilizados ainda: computador, gravador, diário de campo, e câmera fotográfica.

A pesquisa documental aconteceu em grande parte *on-line*, por meio de sites, blogs, canais do Youtube, Instagram e em especial, pelo Facebook. Inclusive foi essa rede social que serviu para encontrar novas participantes e também acompanhar seus

perfis pessoais, assim como também de outras pessoas públicas (militantes cis e trans ativas nas redes sociais) e também páginas relacionadas aos temas abordados nessa pesquisa. Os grupos usados para encontrar as entrevistadas no Facebook foram dois: “Transgêneros e os Hormônios”, com cerca de 10 mil membros e “Trans Bauru-SP”, com cerca de 120 membros. O Youtube possibilitou expandir o conhecimento sobre questões específicas e ter outros pontos de vista de pessoas trans que falar sobre suas vidas. Os canais mais assistidos foram: Mandy Candy⁷, Canal da Bee⁸, Hugo Nasck⁹ e BlogEleouEla¹⁰.

As entrevistas foram realizadas de duas formas: pessoalmente e *on-line*. A duração das entrevistas feitas pessoalmente variou de 30 minutos a 2 horas, e em todos os casos, o local foi escolhido pela entrevistada. A duração das entrevistas feitas *on-line*, o tempo foi de 1 hora a 3 horas e meia de entrevista, e aconteceram de 3 formas: Messenger (texto e áudio), pelo WhatsApp (texto e áudio) e pelo Skype (áudio e vídeo). O uso do gravador autorizado em todas as entrevistas feitas pessoalmente e também nas realizadas por Skype.

Com exceção da primeira entrevistada, as demais participantes não eram conhecidas da autora e foram encontradas por indicação das próprias entrevistadas, de terceiros ou por meio de grupos no Facebook. A estratégia de encontrar entrevistadas por grupos de Facebook se deu pela necessidade de expandir a pesquisa de campo, uma vez após a confirmação de 6 participantes, ainda não haviam participantes negras e nem travestis.

Foram selecionadas candidatas que mantinham seus perfis abertos no Facebook e que possuíssem alguma indicação sobre ser transexual, como por exemplo: postar fotos de sua transição ou postar e compartilhar notícias relacionadas a questões LGBT em geral. Apesar do Facebook disponibilizar, a partir de 2015, 17 opções de gênero¹¹, as 3 entrevistadas encontradas em grupos no Facebook, tinham o gênero definido como “Feminino”. Para a realização de dez entrevistas foi necessário enviar uma solicitação de amizade¹² para 23 mulheres no Facebook. Dessas 23 solicitações, 21 foram aceitas e o primeiro contato foi estabelecido, porém, por diferentes motivos – por parte das entrevistadas e da autora da pesquisa – a entrevista não foi realizada.

⁷Possui aproximadamente 412 mil inscritos.

⁸Possui aproximadamente 299 mil inscritos.

⁹Possui aproximadamente 43 mil inscritos.

¹⁰Possui aproximadamente 24 mil inscritos.

¹¹São elas: Cross gender, Feminino, FtM, Homem (trans), Homem transexual, Masculino, MtF, Mulher (trans), Mulher transexual, Neutro, Pessoa trans, Pessoa transexual, Sem gênero, Trans homem, Trans mulher, Transgênero e Travesti.

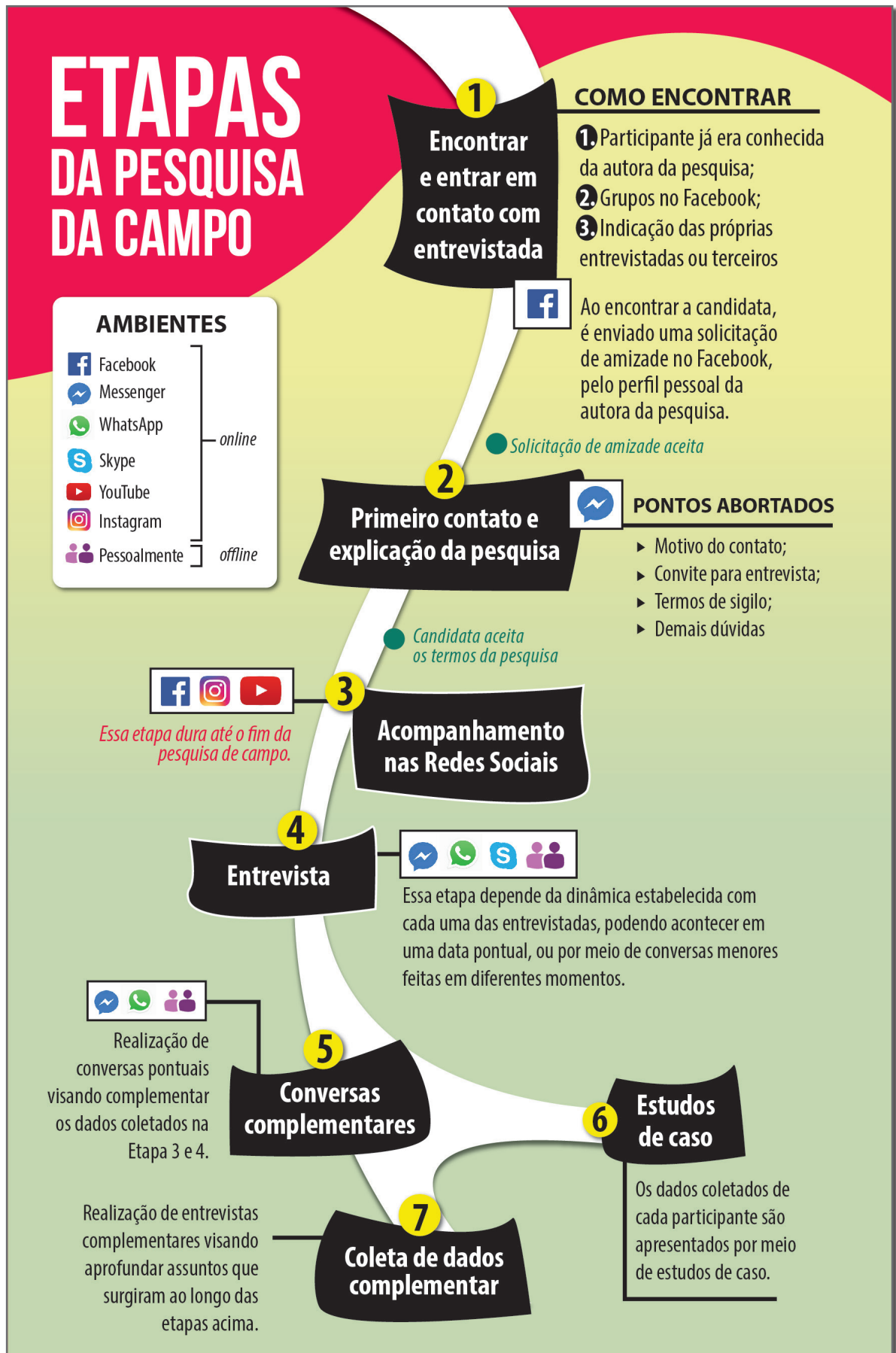
¹²As solicitações de amizade foram enviadas durante toda a pesquisa de campo, na medida que se fazia necessário a busca de novas entrevistadas.

Algumas participantes apesar de responderem o primeiro contato de forma positiva, ao longo do tempo deixaram de responder ou não puderam mais participar da pesquisa pela correria do dia a dia. Vale ressaltar a ocorrência de um único caso onde a entrevista foi marcada presencialmente e a participante não apareceu sem dar satisfação e não respondeu mais a autora da pesquisa. Além disso, em alguns específicos, a autora da pesquisa optou por não realizar a entrevista com algumas participantes mesmo tendo uma resposta positiva por dar prioridade para outros perfis dentro da pesquisa, visando a maior diversidade entre as participantes.

Por mais que tenham sido adotadas as mesmas estratégias de contato com as entrevistadas, cada experiência foi única, exigindo uma dinâmica particular que foi se estabelecendo ao longo de cada conversa. Algumas entrevistadas foram mais reservadas e diretas, não entrando em aspectos muito pessoais de suas vidas. Outras, no entanto, se abriram, relatando momentos de desespero, desilusão, tristeza, ódio, machismo, estupro, depressão, pânico e tentativas de suicídio. Assim, tendo como objetivo apresentar as entrevistas da maneira mais próxima do que as entrevistadas relataram, ao longo deste capítulo serão usadas suas próprias falas para contar suas experiências. *Essas falas estarão destacadas em cinza e em itálico.*

A pesquisa de campo foi dividida em 7 etapas apresentadas no quadro abaixo:

Quadro 5: Etapas da pesquisa de campo



Fonte: Desenvolvido pela autora.

3.2. ESTUDOS DE CASO

As participantes serão apresentadas na ordem cronológica em que as entrevistas foram realizadas. Ao final de cada estudo de caso - com exceção dos casos complementares -, segue uma ficha com as informações que se mostraram mais relevantes ao longo da pesquisa de campo.

Abaixo, na Tabela 2, serão apresentadas das 10 participantes dessa pesquisa. Grande parte do conteúdo apresentado é proveniente de entrevistas pontuais realizadas com cada uma das participantes, por meio de um roteiro semiestruturado. Por conta disso, algumas das participantes possuem, em suas apresentações, tópicos que não são compartilhados por todas as participantes, uma vez não estavam no roteiro e/ou surgiram ao longo da entrevista.

Tabela 2: Perfil das entrevistadas

	Nome escolhido para a pesquisa	Idade	Raça/Cor	Sexualidade	Cidade em que nasceu e onde vive atualmente	Com quem mora	Escolaridade e Formação	Ocupação	Planos futuros	Quanto se assumiu publicamente*
1	CHLOE	24	Branca	Heterossexual	Bauru	Mora com os pais	Formada em Produção Visual. Faz curso de maquiagem profissional.	Desempregada. Está criando um canal de maquiagens no Youtube.	Pretende fazer Mestrado.	10 anos
2	FRIDA	22	Branca	Transviada com atração por homens	Nasceu em Lins e mora em Bauru	Mora com amigas e amigos	Ensino Superior Completo Formada em Design de Moda.	Desempregada. Abriu uma marca pela internet e passou a vender roupas.	Pensa em se mudar para São Paulo e trabalhar como modelo.	11 meses (janeiro de 2016)
3	MARINA	21	Branca	Hétero com exceções	Pederneiras	Mora com os pais	Formada em Design de Moda	Desempregada	Ainda não sabe se quer continuar na área da Moda. Pretende encontrar um emprego que possa trabalhar e sair da casa dos pais.	5 anos
4	GABRIELY	28	Morena	Heterossexual	Nasceu em Guarantã e mora em Bauru	Mora com sua prima e um amigo	Fez curso profissional de cabelereira (há 10 anos) e recentemente se formou em Enfermagem.	Trabalha como cabelereira e enfermeira	Realizar a cirurgia de redesignação sexual e depois se mudar de Estado.	12 anos
5	ALICE	20	Negra	Bissexual	Ribeirão Bonito	Mora com os pais	Ensino Médio completo	Desempregada. Cuida dos afazeres da casa. Procura um emprego formal e estuda para o vestibular. Atua no mercado informal vendendo doces por encomenda e roupas reformadas de brechós.	Fazer faculdade de Psicologia ou mudar-se para o Rio de Janeiro para trabalhar.	8 meses (abril de 2016)
6	CARLA	27	Negra	Heterossexual	Bauru	Mora sozinha	Ensino Médio completo. Faz faculdade de Educação Física (trancou a faculdade em 2016).	Trabalha na lanchonete de seus pais.	Terminar a faculdade e abrir sua própria academia.	9 anos
7	SOLANGE	28	Negra	Bissexual	São Paulo	Mora com amigas e amigos	Ensino Médio completo com técnico em contabilidade.	Possui 2 empregos como atendente em de telemarketing em dois Call Centers.	Continuar trabalhando em 2 empregos por pelo menos um ano para potencializar sua transição.	7 meses (maio de 2016)
8	GIOVANNA	21	Branca	Lésbica	Naceu em São Paulo e mora em Campinas	Mora com amigas	Ensino Médio completo. Faz faculdade de Engenharia da Computação.	Estudante de Engenharia da Computação	Quando se formar quer trabalhar com empreendedorismo nas áreas de computação, engenharia e mercado financeiro. Pretende escrever um livro e criar um canal no Youtube.	3 anos
9	PAN	24	Parda	Pansexual	Campinas	Mora com os pais	Ensino Médio completo	Trabalha como atendente na loja de chaves do pai.	Fazer faculdade de Serviço Social.	6 anos
10	VIOLETA	23	Branca	Majoritariamente hétero	Nasceu em São Paulo e mora em Campinas	Mora com amigas e amigos	Ensino Médio completo. Faz faculdade de Artes Cênicas.	Estudante de Artes Cênicas. Faz leitura de mapa astral, ministra encontro de teatro só para mulheres e outros projetos paralelos.	Pretende continuar com as leituras de mapa astral e criar um canal sobre astrologia no Youtube.	1 ano e 4 meses (agosto de 2015)

* As datas mencionadas na tabela tem como referência o fim dessa pesquisa, dezembro de 2016.

Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa

“Desde criança eu tinha essas coisas femininas como colocar toalha enrolada no cabelo, colocar a roupa das minhas amigas. Por isso que eu considero que ser mulher é uma coisa mais espiritual.”

Chloe

3.2.1. CHLOE

Chloe é branca, tem 24 anos e é formada em Produção Visual por uma faculdade em Bauru¹³, cidade onde nasceu e mora até hoje, com seus pais e sua irmã mais velha. Ela começou seu processo de transição há cerca de 10 anos e apesar de seu pai não aceitar bem no começo, sempre teve uma boa relação com sua família. Chloe está na fila de espera pela cirurgia de redesignação sexual, futuramente pretende colocar silicone e operar o nariz. Atualmente, está desempregada, faz um curso de maquiagem profissional e outros projetos paralelos como direção de vídeo-arte e performances e está criando um canal no Youtube sobre maquiagens que será lançado no começo de 2017. Além disso, Chloe tem planos de ingressar na carreira acadêmica e fazer mestrado. Chloe é heterossexual e atualmente está solteira.

3.2.1.1. Cicatrizes

“Ai viadinho, viadinho... Eu sofro bullying desde os 4 anos” Foi assim que Chloe descreveu sua infância. Na escola, ela não conseguia socializar com os meninos e eram sempre motivos de piada por causa de sua voz afeminada e delicadeza. Por conta disso, desde os 4 anos Chloe faz terapia, pois ela e seus pais sabiam que havia algo de *“errado”* com a filha, ainda filho.

Chloe gostava de desenhar meninas e vestir bonecas desde muito pequena, e enfatizou que nessa época ela não sabia o que era sexualidade e nem gênero. Para que Chloe se enturmasse com as meninas do parquinho, sua mãe comprava bonecas escondida de seu pai. Além dos encontros no parquinho, Chloe ia brincar na casa de suas amigas e durante as brincadeiras sempre pedia para que elas tirassem a roupa para que Chloe pudesse vestir. Como ela nunca queria tirar a roupa na hora de ir embora, sua mãe inventava uma história dizendo que precisava lavar as roupas e depois dizia que *“um tal de Joãozinho tinha roubado, para eu parar de pedir as roupas de volta e minha mãe poder devolver para minhas amigas”*.

¹³ Bauru é uma cidade no interior de São Paulo, situada no centro-oeste paulista e tem cerca de 369 mil habitantes (IBGE, 2016).

3.2.1.2. Sobre tornar-se quem se é

“Aos 12 anos eu contei para minha mãe: “sou gay”. Era onde eu me encaixava”. É assim que Chloe descreve o início de seu processo de transição. Aos 13 anos, ela aderiu ao estilo emo, pois assim poderia ter o cabelo um pouco maior, usar roupas mais justas e shorts. Com 15 anos, Chloe tinha como grande referência *“um menino chamado Izzy Hilton, ele era bem andrógino, usava cabelo descolorido loiro e roupas femininas, mas não fazia terapia hormonal”.* Ela contou que achava seu estilo muito interessante e que *“provavelmente”* influenciou em sua construção de gênero.

Nessa época, Chloe contou que todos a chamavam por um apelido neutro¹⁴, que poderia ser usado tanto para o gênero masculino como feminino, até que finalmente chegou o dia de sua *“transição decreta”*, onde ela se transformou para ir ao show do Dance of Days. Nesse dia, Chloe usava uma camiseta de banda - *“acho que do Metallica”*, caída de lado e apertada, um cinto na barriga, uma calça apertada e botas sem salto. Além da roupa, *“mesmo já tendo um cabelo maiorzinho”*, Chloe pediu ajuda a um amigo e colocou aplique. Chloe disse que neste dia, chegou para seu pais e disse:

“A partir de hoje meu nome é Chloe, eu gostaria que vocês falassem para as pessoas que vocês têm duas filhas, e não um filho e uma filha, porque eu sou uma mulher, eu me sinto uma mulher e é assim que vai funcionar e eu gostaria do respeito de vocês para fazer isso.”

Com 15 anos, Chloe começou o processo de hormonização por conta própria e com a ajuda da mãe, pesquisando em fóruns na internet e conversando com “outras travestis” com as quais passou a fazer contatos. E assim, aos poucos, seu corpo foi se transformando, seus seios começaram a crescer, as maçãs do rosto ficaram mais evidentes. Como Chloe começou a hormonização cedo, ela disse que não precisou fazer depilação a laser – em especial no rosto - pois seus pelos não chegaram a crescer.

Sobre a cirurgia de redesignação sexual, Chloe disse que quer fazer e já está na fila de espera. Ela acrescentou não achar necessário a cirurgia, pois não é o genital que define o que a pessoa é, porém, no seu caso, por não se sentir confortável com seu corpo, optou por fazer a cirurgia.

Para Chloe, a escolha de seu nome social foi fácil, pois só precisou “feminilizar” seu nome. Ela contou que está quase para sair a perícia com o laudo (que pode ser positivo ou negativo) para a retificação do nome. E pontuou que essa é uma questão muito mais importante e indiscutível, *“todas deveriam ter direito”.*

¹⁴ Como por exemplo: Rafa, Ju, Lu ou Gi.

3.2.1.3. Feminilidades

Chloe tinha o costume de usar roupas de sua mãe e sua irmã para ir aos encontros emos, e também gostava de customizar roupas para que elas ficassem com sua identidade. Ela disse que ela e sua mãe compraram uma máquina de costura e sempre fazem ajustes em algumas peças, *“vemos uns tutoriais no Youtube. Eu sempre gostei de fazer, de customizar”*.

Apesar de dizer que hoje em dia não segue muito estilo, Chloe acrescentou que teve uma época de sua vida, com uns 20 anos, que tinha como grande inspiração a cantora americana Taylor Monsem: *“eu era uma cópia dela”*. Além dela, Chloe também contou que gosta do estilo da rapper americana Brooke Candy e tem grande admiração pela atriz americana Chlöe Sevigny Ahs, servindo, inclusive, de inspiração para a escolha do nome usado nesta dissertação.

Figura 1: Taylor Monsem



Fonte: INSTAGRAM, 2016

Figura 2: Chlöe Sevigny Ahs



Fonte: VOGUE, 2016

Figura 3: Brooke Candy

Fonte: VOGUE, 2014.

Chloe tem 15 tatuagens espalhadas pelo corpo. Algumas delas são palavras, outras são frases extensas e desenhos. Ela está sempre de bolsa e permitiu – no dia da entrevista - que fosse tirada uma foto dos itens de dentro dela. Em sua bolsa havia hidratante para mãos, hidratante labial, gloss, pó facial, escova de cabelo, espelho e isqueiro. Além desses elementos, Chloe disse que sempre está com seu mp3 e um estojo cor de rosa.

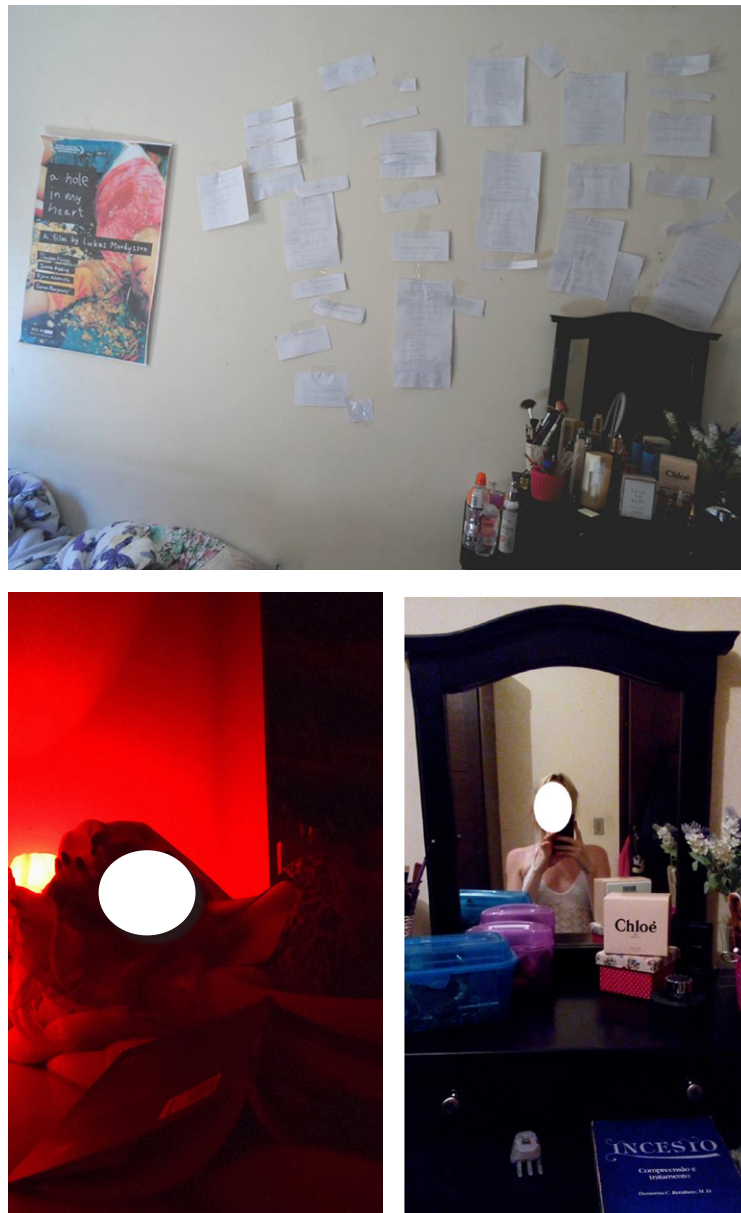
Figura 4: Itens pessoais da bolsa de Chloe

Fonte: autora

Sobre seu quarto, Chloe disse que recentemente conseguiu montá-lo de uma forma que a agrade: *“Eu sempre gostei muito de preto, branco, cinza e cores mais neutras. Então eu tive esse lado sempre um pouco gótico”*. Em seu quarto, o colchão fica no chão e sempre está com lençol preto ou outras cores escuras, que contrastam com a luz vermelha de seu abajur. O guarda-roupas e a penteadeira – onde fica a coleção de perfumes - são pretos e a estante de livros é vermelha. Além disso, as paredes de seu quarto são cheias de papéis colados, lembretes e tem o pôster de um filme que Chloe gosta muito: *“A tole in my heart”*, do diretor sueco Lukas Moodysson.

“Eu tento contrastar essas coisas entre vermelho e preto porque eu acho que tem mais a ver com a minha personalidade. [...] Não gosto de nada muito extravagante e colorido.”

Figura 5: Fotos do quarto de Chloe



Fonte: acervo pessoal da participante Chloe

3.2.1.4. Enfrentamentos

Chloe tem depressão há alguns anos, já teve Síndrome do Pânico e por conta toma ansiolíticos há cerca de 3 anos.

3.2.1.5. Redes sociais

Chloe é uma usuária frequente das redes sociais, em seu Facebook¹⁵ ela posta e compartilha notícias sobre diversos temas, entre eles: filmes e séries, músicas, e também alguns trechos eróticos escritos por ela mesma. Em dezembro de 2016, Chloe fez uma postagem sobre ter publicado seu primeiro artigo, sobre incesto no cinema contemporâneo. Ela também posta fotos de seus gatos (Chloe tem 4 gatos), selfies bem produzidas no sentido de enquadramento, luz, cores, composição, além de fotos de livros que ela tem lido. Chloe não posta em seu Facebook conteúdos relacionados a transexualidade, mais especificamente sobre ser transexual.

Figura 6: Fotos publicadas por Chloe em seu Facebook



Fonte: Acervo pessoal da participante Chloe

¹⁵ Chloe desativou a opção de tornar pública a visualização da quantidade de amigos.

3.2.1.6. Desejos de consumo

Ao falar sobre moda e coisas que gostaria de ter e não encontra no mercado, Chloe disse que não tem nada relacionado a ser trans, mas gostaria de ter um daqueles coletes modeladores de cintura, pois acha que sua cintura poderia ser mais fina. Ela disse que usou por 3 anos, mas rasgou e ela não teve coragem de comprar outro pois pagou 350 reais.

3.2.1.7. Mulher, mulher trans e travesti

Chloe contou que muitas vezes a palavra “*travesti*”, assim como “*trava*” e “*traveco*” vinham como uma ofensa quando ela ainda não havia se decidido sobre sua identidade. Com o tempo, começou a entender melhor sobre transexualidade e começou a se empoderar:

“A partir do momento que eu me vi como mulher, eu nunca gostei muito do termo mulher trans ou de me apresentar como mulher trans. Eu comecei a empoderar minha condição. Eu sou uma mulher!”

Ao responder à pergunta: “O que é ser mulher? O que te faz mulher?” Chloe disse que apesar de sentir a necessidade de adequar seu corpo por meio dos hormônios, não sente a necessidade de “*borrocar*” seu rosto de maquiagem e nem estar com o cabelo sempre solto para ser uma mulher. Chloe acredita que é algo espiritual e acrescentou que sempre se viu como mulher. Além disso, Chloe concluiu: “*É isso [o espiritual] e também a forma como eu me vejo diante da sociedade*”.

Quadro 6: Ficha da participante Chloe

CHLOE

24 ANOS | BRANCA | 10 ANOS DE TRANSIÇÃO | MULHER TRANS | HETEROSSEXUAL

ASPECTOS PROFISSIONAIS

ESCOLARIDADE

Ensino Médio completo .
Formada em Produção Visual.

OCUPAÇÃO

Atualmente faz curso de maquiagem profissional e outros trabalhos relacionados a direção de arte e video performances. Está criando um canal de video no Youtube sobre maquiagens.

PLANOS FUTUROS

Pretende ingressar na área acadêmica e fazer mestrado.

FEMINILIDADES

SOBRE SER MULHER

Ser mulher é algo espiritual e é também a forma como Chloe se vê diante da sociedade.

Diferenças

MULHER TRANS E TRAVESTI

Chloe não apontou diferenças claras entre essas categorias, mas disse que o termo "travesti" veio como ofensa no começo da transição, mas não que seja em si um termo ofensivo.

INSPIRAÇÕES

No começo da transição, Chloe tinha como inspiração Izzy Hilton. Com 20 anos teve com referência Taylon Monsem e atualmente mencionou como inspiração Chloë Sevign e Broke Candy.

Única participante que já era conhecida da autora da pesquisa
ENTREVISTA 28/07/2016 | AMBIENTE Pessoalmente (Donut's Café)

CORPO



Colocou aplique no começo da transição.
Hoje em dia não usa mais aplique, seu cabelo é comprido e descolorido

Pretende operar o nariz

Pretende colocar silicone

Quereria que sua cintura fosse mais fina

DESEJO DE CONSUMO

Colete modelador de cintura

Esta na fila pela cirurgia de redesignação sexual

Tem 15 tatuagens

"A partir do momento que eu me vi como mulher, eu nunca gostei muito do termo mulher trans ou de me apresentar como mulher trans. Eu comecei a empoderar minha condição. Eu sou uma mulher!"

REDES SOCIAIS

Chloe usa frequentemente as redes sociais. Em seu perfil no Facebook, ela não posta conteúdos relacionados a ser transexual.

ENFRENTAMENTOS

- Tem depressão
- Já teve Síndrome do Pânico
- Atualmente toma ansiolíticos
- Ainda não conseguiu a retificação de seu nome.

“Eu acho que é a minha luta de todo dia que me torna mulher. Eu conquisto, tipo assim, um espacinho, que nem: eu conquistei a padaria, sabe?!”

Frida

3.2.2. FRIDA

Frida é branca, tem 22 anos, nasceu em Lins¹⁶, foi criada em São Paulo¹⁷ e há 4 anos, mudou-se para Bauru para fazer Design de Moda. Sua transição tem aproximadamente 1 ano (janeiro de 2016), e ela contou que possui uma boa relação com sua família. Frida é formada, trabalhava até recentemente em uma grande loja de departamento em Bauru, mas foi demitida e resolveu investir em sua própria marca, criou uma página no Facebook e passou a vender roupas *on-line*. Frida pensa em voltar a morar em São Paulo para procurar emprego e disse que já tem o contato de uma agência que quer contrata-la como modelo. Frida tem vontade de fazer a cirurgia de redesignação sexual, mas não agora, e também pretende colocar próteses de silicone para ter seios médios. Sobre sua sexualidade, Frida *“odeia”* a palavra heterossexual, prefere dizer que é *“transviada”* e sente atração por homens.

3.2.2.1. Sobre tornar-se quem se é

Frida contou que apesar de ter certeza desde os 14 anos, foi com 20 que isso realmente se tornou realidade:

“Eu comecei meio que ser drag assim, na verdade, eu queria uma forma de fugir daquilo e me encaixar, e então eu pensei: “vou me montar em festa, vídeos, assim, essas coisas, mas só. Aí com 21, foi quando eu comecei mesmo assim, e falei assim: “vamos lá”.”

Frida disse que esse momento foi *“o ponto inicial de algo”*, que foi a partir daquele momento que ela começou a pensar em um nome e a planejar tudo. Frida explicou que nessa época era chamada por um apelido que não serviria para ser seu nome social, e foi nesse momento, ao ter que pensar em um novo nome, que Frida realmente começou todo seu processo de construção. Frida enfatizou que a escolha do nome foi fundamental e explica: *“eu comecei a minha construção praticamente em cima do nome e de figuras que eu tinha como inspiração. Meio que você começa a costurar tudo isso. “*

¹⁶Cidade do interior do estado de São Paulo com cerca de 76 mil habitantes (IBGE, 2016).

¹⁷Capital do Estado de São Paulo, cidade mais populosa do Brasil, com cerca de 12 milhões de habitantes (IBGE,2016).

Frida contou que antes da transição – quando ainda era considerado “ele” - possuía um visual bastante andrógono e gostava de mesclar peças masculinas com femininas para ir para a faculdade: *Uma calça de cintura alta e uma camiseta transparente, [...] um short considerado feminino com uma camisa considerada masculina.*” Nessa época, Frida também customizava suas roupas, usava maquiagem de uma forma “mais artística” e disse que frequentemente tinha que responder perguntas do tipo: “*você é menino ou menina?*” Assim, Frida contou que ser confundida com menina – antes da transição - acabou lhe abrindo um grande espaço: “*Que nem, se eu tivesse virado de menino para menina do nada, eu teria demorado bem mais para conquistar o que eu conquistei.*”

O processo de transição de Frida aconteceu junto com a hormonização. Frida contou que no começo não sabia administrar direito os remédios e era muito difícil lidar com as oscilações de humor, porém, depois de um tempo aprendeu a administrar seus hormônios e hoje lida bem com eles. Frida faz a hormonização por conta própria, sem acompanhamento médico e acrescentou que o tratamento psicológico é mais importante, por isso pretendia voltar a fazer “*particular*”.

Em relação à cirurgia de redesignação sexual, Frida disse que pretende fazer mais não agora, e acrescentou – em um tom de confissão: “*eu tomo o hormônio não por mim. [Pausa]. Porque eu vou ser mulher com hormônio ou sem hormônio, eu tomo mais por você, pela sua visão estética.*” Frida contou que ver seus seios crescendo e seu rosto mudar foi algo que a deixou muito feliz, porém, ressaltou: “*Qual o nível de hormônio eu tenho que ter no meu corpo?*”

Sobre a retificação do nome social, disse que ainda não entrou com o processo e por enquanto usa seu RG com nome de registro, mas com sua assinatura como Frida¹⁸.

3.2.2.2. Feminilidades

Além de Frida Kahlo - que serviu de inspiração na hora de escolher um nome para a pesquisa – Frida disse que “*sempre foi mais para o lado artístico*”, e tem como referência várias cantoras pops: Lady Gaga, Björk, Madonna, Beyonce, Rihanna e Fka Twigs. Além disso, Frida mencionou que sua mãe e sua vó são duas grandes inspirações, e que inclusive, uma das perucas que ela comprou foi por lembrar os cabelos de sua mãe¹⁹.

¹⁸É possível tirar uma nova cópia do seu RG, ainda com o nome de registro, porém, assinar com seu nome social. Essa é uma estratégia frequente entre as pessoas trans.

¹⁹No dia da entrevista, Frida mostrou uma foto de sua mãe com o cabelo semelhante a sua peruca.

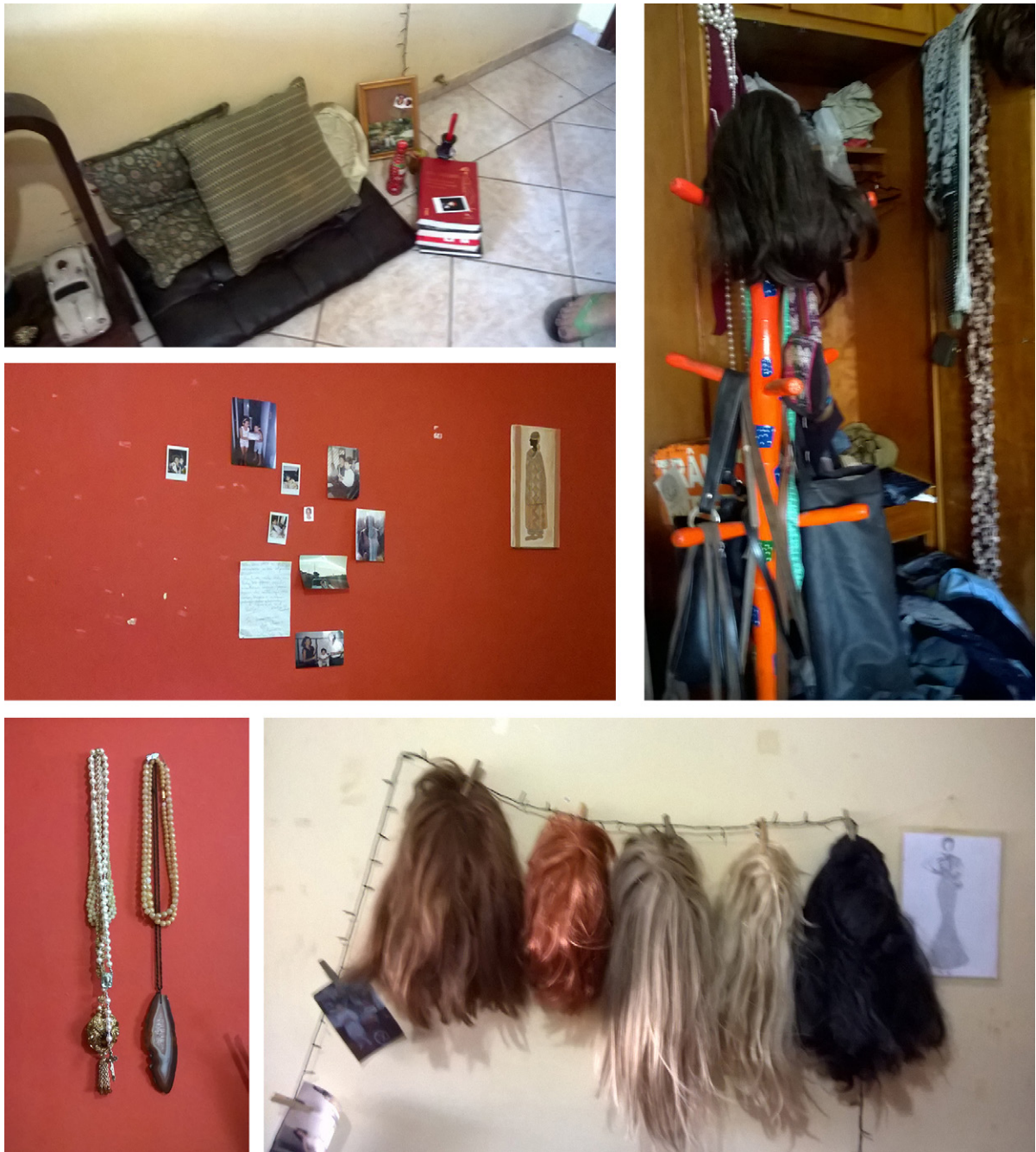
Poucos meses antes da entrevista, Frida havia postado em suas redes sociais, uma foto sua de calcinha em frente ao espelho, com a seguinte legenda: “A primeira calcinha a gente nunca esquece”. Ao falar sobre essa foto, Frida disse que as calcinhas foram muito importantes: *“acho que eu comprei calcinha faz uns 2 meses. Para mim é legal, eu gosto da sensualidade que o meu corpo tem quando estou vestindo uma lingerie.”*

Frida tem 7 tatuagens espalhadas pelo corpo e a mais especial é a de suas costas, com seu nome em meio a ramos de flores. Ao falar sobre as roupas que mais gosta, Frida contou que tem um vício com vestido e foi uma das primeiras peças que ela comprou. Além dos vestidos, ela adora brincos, chinelos e roupas confortáveis. Frida acrescentou que o que mais gostou mesmo foi de pegar todo seu guarda-roupas e colocar em sacos, abrindo espaço para novas peças.

Sobre seu quarto, Frida contou:

“Ele me representa. Na parede tem um varal com as perucas, meu guarda-roupa é aberto e as roupas são sempre jogadas. Acho que essa é a minha bagunça interior. Acho que cada coisa que tem dentro do meu quarto me representa. Nas paredes tem várias fotos da minha família, da minha mãe, dessas coisas, e tudo conecta.”

Figura 7. Quarto de Frida



Fonte: autora

Frida contou que apesar de gostar de se produzir para festas, não liga muito de ficar sem maquiagem no dia a dia e acrescentou que é um pouco preguiçosa nesse aspecto. Frida disse que está sempre de bolsa e permitiu que fosse tirada uma foto dos itens de dentro dela. Em sua bolsa havia 3 batons, 2 pares de brincos, escova de cabelo, carteira, dinheiro solto, documentos, uma cartela de remédios, um pequeno estojo de guardar maquiagem e espelho.

Figura 8. Itens pessoais retirados da bolsa de Frida.



Fonte: Autora

3.2.2.3. Redes sociais

Foi há cerca de um ano, junto com o processo de transição, que Frida criou suas redes sociais. Em seu perfil pessoal no Facebook²⁰, Frida é seguida²¹ por certa de 50 pessoas, posta diariamente questões que fazem parte de sua vida, falando sobre transfobia, feminismo, empoderamento e compartilhando também seu processo de transição. Frida também possui Instagram – o qual atualiza frequentemente -, e tem cerca de 610 seguidores. Além disso, ela possui um canal no Youtube e seus vídeos falam sobre questões relacionadas à sua vida. O último vídeo do canal é de junho de 2016, possui cerca de 880 visualizações e nele, Frida fala sobre ter sofrido abuso e das dificuldades de encontrar pessoas para se relacionar.

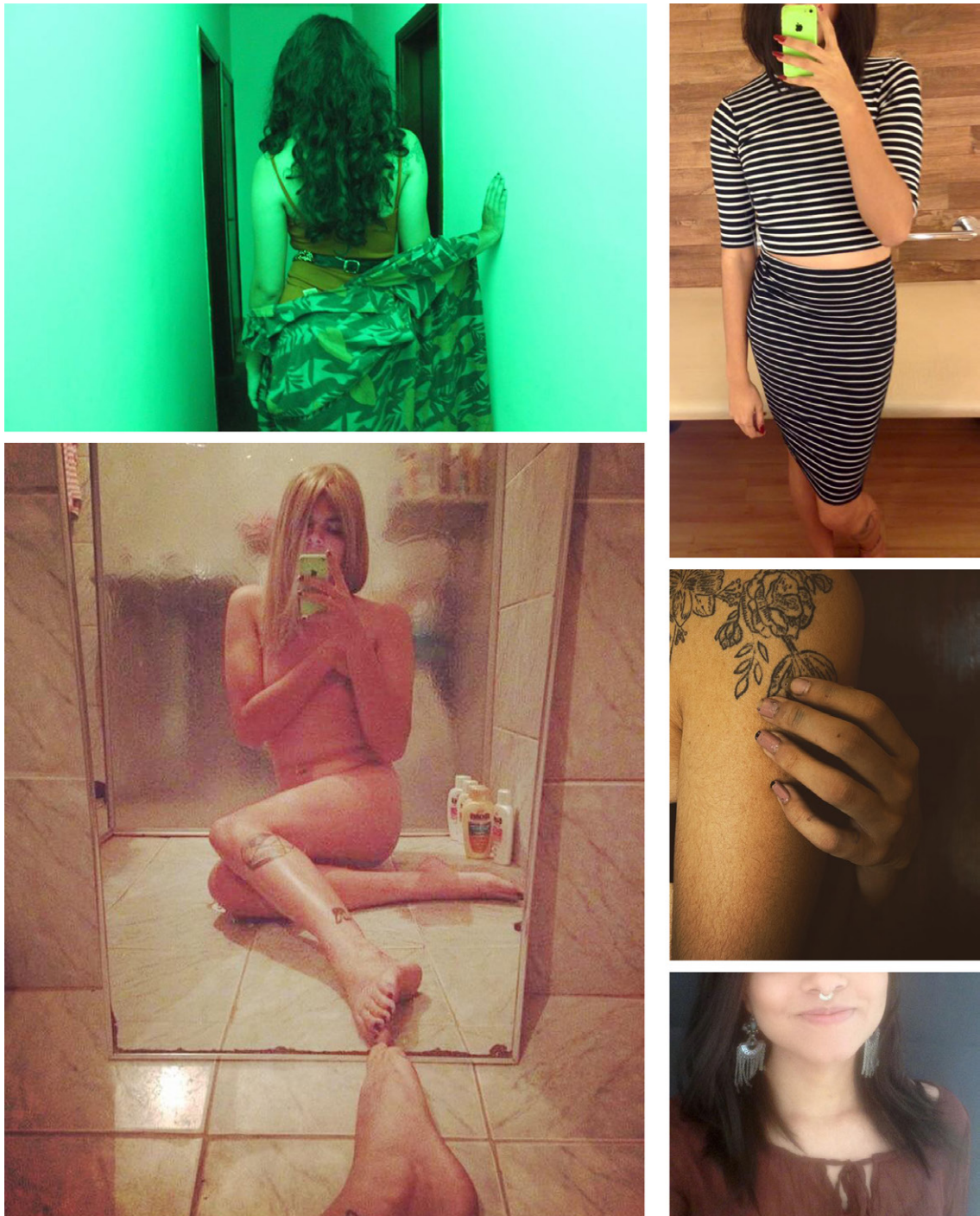
Apesar de não acessar e nem atualizar seu perfil antigo, Frida resolveu manter o perfil “*dele*” e inclusive, posta fotos de “*antes e depois*”²². Assim, Frida não esconde “*ele*”, muito pelo contrário – apresenta por meio de fotos, vídeos e posts - todos os passos dessa intensa transformação. Vale ressaltar ainda, que diferente das demais entrevistadas - seu nome de registro apareceu muitas vezes durante toda conversa.

²⁰Não foi possível visualizar a quantidade de amigos que Frida tem, esta opção está desativada em seu perfil.

²¹Ao “seguir” um perfil pessoal no Facebook, é possível ver as atualizações dessa pessoa sem precisar ser amigo da mesma. Quando se é amigo de alguém no Facebook, automaticamente passa-se a seguir esse usuário e a receber suas atualizações.

²²Uma montagem com 2 ou mais fotos comparando as mudanças dentro de um período de tempo. Nesse caso, a mudança é devido a hormonização, mas poderia ser por outros fatores como: perda de peso, cortes de cabelo e etc.

Figura 9: Fotos publicadas por Frida em seu Facebook



Fonte: acervo pessoal da participante Frida

3.2.2.4. Mulher, mulher trans e travesti

Frida se apresenta como mulher trans, mas que não se ofende com o termo travesti, muito pelo contrário: *“Olha o tanto que uma travesti luta. Se você me chamar de travesti: obrigada, quer dizer que eu estou no meio dessa luta.”* Ela disse que a diferença está em como a pessoa se sente.

Ao responder as perguntas “o que é ser mulher e o que faz mulher? ”, Frida disse que sua definição do que é ser mulher havia mudado muito durante a transição. Ela disse que se essa pergunta fosse feita antes (da transição), a resposta seria “Björk”, mas isso mudou: *“Mas hoje, o que é ser mulher? Eu acho que a minha luta de todo dia que me torna mulher. Eu conquistar, tipo assim, um espacinho, que nem: eu conquistei a padaria, sabe?!”*

Na época da entrevista, Frida morava em uma casa no andar de cima de uma padaria (uma sobreloja), e ela explicou que aos poucos foi conquistando espaço para frequentar a padaria e ser respeitada como Frida.

Quadro 7: Ficha da participante Frida

FRIDA

22 ANOS | BRANCA | 11 MESES DE TRANSIÇÃO
MULHER TRANS | TRANSVIADA COM ATRAÇÃO POR HOMENS

ASPECTOS PROFISSIONAIS

ESCOLARIDADE

Ensino Médio completo.
Formada em Design de Moda.

OCUPAÇÃO

Trabalhava em uma grande loja de departamento, mas foi demitida em 2016. Pela dificuldade de conseguir um novo emprego, Frida criou uma página de vendas no Facebook e começou a vender roupas.

PLANOS FUTUROS

Pensa em se mudar para São Paulo e trabalhar com modelo. Já possui contato com uma agência.

FEMINILIDADES

SOBRE SER MULHER

"Eu acho que a minha luta de todo dia que me torna mulher. Eu conquistar, tipo assim, um espacinho, que nem eu conquistei a padaria, sabe?!"

Diferenças

MULHER TRANS E TRAVESTI

A diferença está na forma como a pessoa se sente, se identifica. Apesar de se identificar como mulher trans, Frida disse que ser chamada de travesti não é uma ofensa e sim motivo de orgulho.

INSPIRAÇÕES

Frida Kahlo, Beyonce, Rihanna, Lady Gaga e Fka Twigs. Além delas, Frida mencionou que sua mãe e sua vó são duas grandes inspirações.

Indicação feita pela participante Chloe | 1º CONTATO 29/07/2016

ENTREVISTA 02/08/2016 | AMBIENTE Pessoalmente (na casa da participante)

CORPO

Possui várias perucas de cores e tamanhos diferentes

Tem 7 tatuagens. A mais especial é a de suas costas, com seu nome em meio a ramos de flores.

Pretende colocar silicone

Quer fazer a cirurgia de redesignação sexual mais não agora

"Eu tomo o hormônio não por mim. Eu vou ser mulher com hormônio ou sem hormônio, eu tomo mais por você, pela sua visão estética... Qual o nível de hormônio eu tenho que ter no meu corpo?"

REDES SOCIAIS

Frida criou suas redes sociais no início da transição. Em seu perfil, ela posta diariamente questões relacionadas a ser uma mulher trans, mostra fotos do processo de transição e selfies.

ENFRENTAMENTOS

- Instabilidade emocional causada pelo uso dos hormônios
- Tem depressão e Síndrome do Pânico
- Atualmente toma ansiolíticos
- Ainda não conseguiu fazer a retificação de seu nome
- Dificuldade de conseguir emprego



“Para mim, ser mulher é ter uma sensibilidade muito, muito, muito alta”.

Marina

3.2.3. MARINA

Marina é branca, tem 21 anos, é formada em Design de Moda e passou pelo processo de transição há cerca de 5 anos. Tem silicone, disse que se tivesse dinheiro faria rinoplastia e ainda precisa de um tempo para pensar sobre a cirurgia de redesignação sexual. Até o começo de 2016, Marina morava em Búzios com seu namorado, porém, o relacionamento acabou e Marina passou um tempo de Curitiba e depois voltou para casa de seus pais, em Pederneiras²³, com quem disse que possui uma boa relação. Marina é formada em Design de Moda, atualmente está desempregada e vem repensando sobre trabalhar nessa área, sua vontade é encontrar um emprego que ela possa viajar. Marina se diz *“hétero com exceções”* e atualmente está namorando um homem trans.

3.2.3.1. Cicatrizes

Marina contou que, quando era pequena, por conta de sua delicadeza e de seu visual andrógono, os professores a confundiam frequentemente com menina e isso era algo que acabava lhe causando muito constrangimento. Nessa época, ela teve muitos apelidos e frequentemente era motivo de piadinhas na escola. Ela explicou que era muito confuso: *“Era uma coisa muito estranha porque eu não sabia o que estava acontecendo comigo entendeu?! [...] E eu não entendia, porque tipo, de qualquer jeito eu tinha que ser menino.”*

3.2.3.2. Sobre tornar-se quem se é

Ao falar sobre seu processo de transição, Marina contou que achava que era gay, mas, como ela mesma disse: *“depois que a Lea T começou a ganhar notoriedade, fama e a Ariadna do BBB também, eu comecei a perceber que existiam pessoas trans assim, sabe?!”* Nesse momento, Marina conversou com seus pais e disse que queria acompanhamento psicológico para saber se era isso mesmo:

“Foi como transformar ele em ela. Primeiramente questionei para os meus pais que eu era trans e com o tempo eu até pedi sugestões de nome porque eu estava muito em dúvida e tal [...] eu sou muito impulsiva, signo de fogo. Leão com ascendente em Capricórnio.”

²³Cidade do interior de São Paulo com aproximadamente 45 mil habitantes (IBGE, 2016).

Marina contou que isso aconteceu quando ela tinha uns 15, 16 anos, estava no segundo ano do Ensino Médio. Junto do tratamento psicológico, ela resolveu começar também a hormonização, pois estava muito ansiosa, e foi nesse momento que Marina – que ainda era “*ele*” – surgiu. Marina contou que “*o processo foi rápido, mas no começo é óbvio que a gente fica meio andrógono*”. Acrescentou ainda que essa fase – que durou em torno de um ano – foi meio complicada, pois foi um grande passo em sua vida. Marina disse que a mudança de seu guarda-roupa foi muito importante, mas que as vezes sentia vergonha quando saía na rua, pois “*estava acostumada de um jeito e depois mudou. [...] Foi uma fase de adaptação para mim, sabe?!*”

Marina contou que antes da transição não tinha um ciclo social com amigos e nem saía muito de casa: “*antes eu não era nada, eu não era absolutamente nada, eu não tinha amigos nem nada*”. Marina contou que ao longo da infância deve ter tido uma ou duas amiguinhas. Assim, no começo da transição e com a ajuda da psicóloga ela finalmente começou e a criar um ciclo social como “Marina”.

Por muito tempo, Marina quis fazer a cirurgia, mas disse que hoje em dia está repensando sobre isso: “*estou tentando mesmo [ênfase] me dar bem com o que eu tenho. Tentando fazer de tudo assim, mas...*”. Ela disse nem tudo se resolve com uma cirurgia e falou de mulheres que fazem esse procedimento e depois se arrependem por não sentir mais prazer. Por conta disso, Marina disse que quer se dar uma chance e que a terapia estava ajudando nisso, mas enfatizou que não estava sendo fácil, pois ela ainda se sentia desconfortável de frente para o espelho.

Marina disse que está um pouco atrasada na questão do nome social, que só agora conseguiu o laudo para poder ir atrás da Defensoria Pública para começar o processo de retificação de seu nome. Por questões financeiras, ela disse que precisa de um advogado público e isso pode demorar ainda mais. Ela explicou que todos os seus documentos oficiais ainda estão com seu nome de registro, mas que tem situações onde consegue usar o nome social, como por exemplo: cartão do SUS, cartão do ônibus e durante o período que trabalhou em shopping.

3.2.3.3. Feminilidades

Marina disse que a modelo Lea T foi uma grande referência no começo da transição: “*por causa dessa visibilidade, dela ser uma pessoa trans assim, linda, modelo, maravilhosa. E na época eu era novinha, então eu ficava “ohh, que lindaa”*. Além de Lea T, Marina disse que também tem como inspiração a modelo Andreja Pejic e outras “*pessoas andrógenas da moda*”.

Marina disse que desde o começo de sua transição, nunca foi de usar muita maquiagem e até hoje só tem o costume de usar lápis nos olhos, além disso, contou

que está sempre de bolsa e permitiu que fosse tirada uma foto dos itens de dentro dela. Em sua bolsa havia uma carteira, fones de ouvido, pó facial, 2 batons, delineador, uma cartela de remédios e uma pequena bolsinha de maquiagem.

Figura 10: Itens pessoais da bolsa de Marina



Fonte: autora

Sobre seu quarto, Marina disse que ele é todo em cores claras, verde clarinho com rosa clarinho, tem uma cama, armário, sapateira e uma TV: *“o meu quarto assim, você entra e fica relaxadíssima, você entra e só quer dormir”*.

Marina disse que calcinha para mulheres trans *“é um problema, você tem que saber qual o tipo e ver se fica bom no seu corpo”*, e pontuou que no seu caso, queria calcinhas menores e que prendessem mais, pois quando ela coloca não fica legal.

3.2.3.4. Sexualidade e relacionamentos

Marina se diz *“hétero com exceções”*. Ela disse que já usou aplicativos de paquera, mas que não gostou, pois, a maioria das pessoas só querem sexo *“ainda mais quando você diz que é trans”*.

3.2.3.5. Enfrentamentos

Marina disse que nunca sofreu nenhum tipo de dificuldade na hora de fazer compras ou entrar em provadores em lojas de roupa: *“as pessoas falam que eu sou*

muito passável”. Ela acrescentou que acha bacana ter uma passabilidade alta pois sofre menos preconceito, e enfatizou que *“infelizmente, ou felizmente, não sei, a aparência conta muito. É uma questão que me ajuda bastante também, sabe?!”* Porém, apesar de não ter passado por nenhuma experiência ruim na hora de fazer compras, Marina disse que conhece meninas que já passaram por isso e que o maior problema mesmo é na hora de conseguir um emprego.

O termo passabilidade refere-se a quanto uma pessoa trans é “passável” pelo gênero que ela reivindica. Ou seja, o quanto uma mulher trans ou travesti “se parece” com uma mulher cis. Esse termo apareceu em várias entrevistas e será melhor analisado no capítulo seguinte.

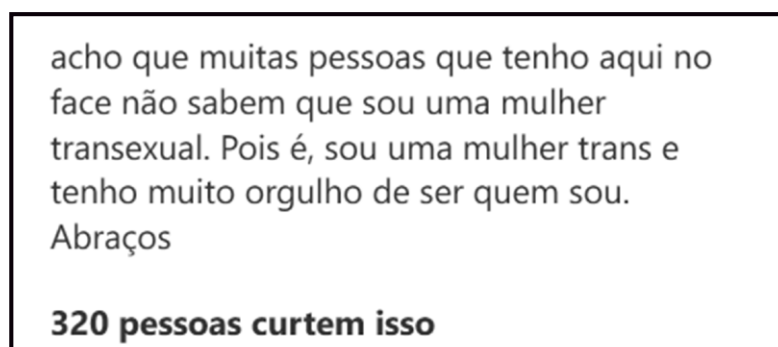
3.2.3.6. Redes sociais

Marina é uma usuária frequente das redes sociais, em seu Facebook ela possui cerca de 1.670 amigos e 140 seguidores, no Instagram é seguida por 1.020 pessoas.

Marina contou que pouco meses antes da entrevista, havia postado em seu Facebook um texto falando que era trans e a repercussão foi muito positiva, pois muitas pessoas que a tinham como amigos nas redes sociais, não sabiam. Ela disse que muitas pessoas foram falar com ela depois desse post, falando que a admiravam ainda mais por ela ter contato. Assim, Marina contou que essa experiência foi libertadora: *“as vezes você fica escondendo uma coisa, mas sei lá, eu sou mulher, não estou escondendo nada, mas as pessoas precisam disso”*. Ela acrescentou também que ajudou muita gente a se assumir por meio das redes sociais.

Abaixo, na Figura 11, um *print screen* dessa postagem de Marina.

Figura 11: *Print screen* da postagem de Marina



Fonte: autora

Marina posta e compartilha diariamente em seu Facebook conteúdos virais da internet como gifs, memes, expõe alguns pensamentos pessoais, fala de signos, posta várias selfies, fotos de gatos e também fotos com amigas e amigos.

Figura 12: Fotos publicadas por Marina em seu perfil no Facebook



Fonte: acervo pessoal da participante Marina

3.2.3.7. Sobre editoriais de moda

Marina disse que a moda poderia contribuir com editoriais que englobassem mais as pessoas trans. Ela acredita que isso já vêm acontecendo e a cada vez mais e isto ajuda a proporcionar uma visibilidade maior para a causa.

3.2.3.8. Mulher, mulher trans e travesti

Marina se considera uma mulher trans, pois segundo o que ela estudou, a travesti é uma mulher transexual também, mas que não deseja fazer a cirurgia. Ela disse ainda, que já foi chamada de “travesti”, “traveco” e que – apesar de não serem termos ofensivos - veem sempre carregados de ofensa.

Para Marina, ser mulher é ter uma sensibilidade muito aguçada, e isso ficou muito claro quando ela começou a tomar os hormônios. Ela disse que começou a perceber como ela era fria, não ligava para as coisas e agora, com os hormônios, Marina disse que sente muito mais as coisas, desde a claridade, os sons, *“Tudo é muito sensível assim para mim, sabe?! Palavras erradas. [...] Para mim, ser mulher é ter uma sensibilidade muito, muito, muito alta”*.

Marina contou que antes dos hormônios ser mulher na sua visão era diferente e o que ela almejava era *“ter uma forma bonita de corpo, um corpinho mais desenhado, cabelo esbelto”* e acrescentou que sem os hormônios, ela continuaria sendo a Marina, só que mais fria e centrada.

Quadro 8: Ficha da participante Marina

MARINA

21 ANOS | BRANCA | 5 ANOS DE TRANSIÇÃO | MULHER TRANS | HETERO COM EXCEÇÕES

ASPECTOS PROFISSIONAIS

ESCOLARIDADE

Ensino Médio completo.
Formada em Design de Moda.

OCUPAÇÃO

Atualmente está desempregada.

PLANOS FUTUROS

Marina ainda está pensando sobre continuar na área da Moda e gostaria de encontrar um emprego que pudesse viajar e sair novamente da casa dos pais.

FEMINILIDADES

SOBRE SER MULHER

'Ser mulher é ter uma sensibilidade muito, muito, muito alta.'

Diferenças

MULHER TRANS E TRAVESTI

A diferença está associada a querer ou não fazer a cirurgia. Apesar de não achar "travesti" um termo ofensivo, Marina disse que palavras como "trava" e "traveco" já a ofenderam muito na forma como foram ditas.

INSPIRAÇÕES

Lea T e Ariadna do BBB foram mulheres trans importantes para que Marina conhecesse a transexualidade. Além delas, Marina teve como inspiração 'outras pessoas da moda' como a modelo Andreja Pejic.

CORPO

Se tivesse dinheiro disse que operaria o nariz

Tem silicone

Por muito tempo Marina quis fazer a cirurgia, mas hoje tem repensado sobre isso e disse que precisa de mais tempo para se decidir

"Era uma coisa muito estranha porque eu não sabia o que estava acontecendo comigo entendeu?! E eu não entendia, porque de qualquer jeito eu tinha que ser menino."

REDES SOCIAIS

Em seu Facebook, Marina posta pensamentos pessoais, fala de signos, posta selfies, fotos de gatos e também fotos com amigas e amigos. Apesar de não falar muito sobre ser trans, postou um texto dizendo que era uma mulher trans pois muitas pessoas que a seguiam não sabiam. Ela já ajudou muita gente pela internet.

ENFRENTAMENTOS

- Marina disse que por ser "muito passável" sofre menos preconceito, porém, na hora de conseguir um emprego isso ainda é um problema.
- Ainda não conseguiu fazer a retificação de seu nome

Indicação feita pela participante Chloe | 1º CONTATO 29/07/2016
ENTREVISTA 03/08/2016 | AMBIENTE Pessoalmente (na casa de Frida)

“É ter a plena consciência que ser mulher não é só dizer da boca para fora e sim lutar e ter direitos iguais aos homens.”

Gabriely

3.2.4. GABRIELY

Gabriely é mulata, tem 28 anos, nasceu em Guarantã²⁴ e é a entrevistada que passou pelo processo de transição a mais tempo, há cerca de 12 anos, sendo também, a única entrevistada a fazer parte do Processo Transexualizador. Há 9 anos Gabriely é cabelereira, no começo de 2016 formou-se em Enfermagem e atualmente trabalha nas duas áreas. Gabriely já morou em várias cidades, atualmente mora em Bauru e tem que ir frequentemente para consultas em São Paulo. Ela tem silicone e contou que seu grande sonho é fazer a cirurgia de redesignação sexual e isso está próximo a acontecer. Gabriely é heterossexual e atualmente diz *“estar enrolada com um homem cis”*.

3.2.4.1. Cicatrizes

Gabriely disse que seu nome foi escolhido quando ela ainda estava no ventre da sua mãe, pois até os 9 meses seus pais acharam que seria uma menina, e acrescentou que antes dos 5 anos eles já tinham percebido que ela era uma menina. Com cerca de 12, 13 anos, Gabriely foi ao médico com seus pais e o médico disse: *“Graças a Deus que se assumiu, ao menos não vai sofrer de depressão ou se matar”*. O médico falou sobre transexualidade, tratamento hormonal e sobre a cirurgia de redesignação sexual. Gabriely disse que sua família entendeu.

Porém, mesmo dizendo que sua família entendeu, seu pai e seu irmão, por serem militares, resolveram mandá-la para o exército pensando que algo mudaria. Nessa época, ela já tinha cabelos compridos e disse que por conta do exército teve que raspar e sofreu muito por isso. Porém, Gabriely disse que nada mudou, e um ano depois, ao sair do exército, começou tudo de novo.

3.2.4.2. Sobre tornar-se quem se é

Gabriely contou que começou a hormonização por conta própria aos 16 anos e mesmo quando estava no exército, disse que não parou com os medicamentos e

²⁴Guarantã é uma cidade no interior de São Paulo, situa-se no centro oeste do Estado e tem cerca de 6 mil habitantes (IBGE, 2016).

nos finais de semana, quando saía da base, estava sempre *“trabalhada na beleza feminina”*. Quando ela saiu do exército e começou *“tudo de novo”*, ela acrescentou que o caminho foi longo e teve que fazer mais de 5 anos de terapia e de acompanhamento com psiquiatras até as clínicas de São Paulo a chamarem para entrar na fila para a cirurgia de redesignação sexual. Gabriely acrescentou que o mais difícil de tudo isso foi ter que esperar até os 18 anos para começar o acompanhamento médico e só então conseguir o encaminhamento para a cirurgia, sendo que ela já tinha certeza muito antes disso.

Gabriely acrescentou que toda situação foi muito desgastante e que não conseguia ter nenhuma informação eficiente quando ligava nas clínicas em São Paulo, chegando ao ponto de passarem informações erradas sobre o tempo de espera de sua cirurgia, dizendo que poderia demorar mais de 10 ou 20 anos, quando, em ocasiões anteriores, já haviam falando para Gabriely que sua cirurgia estava próxima. Esse erro de comunicação fez com que, no começo de 2015, Gabriely tentasse tirar a própria vida: *“foi o fim para mim porque não tenho condição alguma de pagar e realizar meu sonho”*

Assim, poucos dias depois da ligação errada, quando Gabriely ainda estava na UTI por conta da tentativa de suicídio, ela recebeu uma ligação que a deixou revoltada: *“sua cirurgia saiu em setembro de 2013”*, porém, por falta de comunicação Gabriely perdeu essa data, além de ter tentado tirar a própria vida. Ela acrescentou que foi nessa época também que finalmente começou a ir às consultas em São Paulo para dar andamento à cirurgia. Nas últimas conversas com Gabriely, em dezembro de 2016, ela contou que estava indo frequentemente para São Paulo e que a cirurgia estava próxima.

Gabriely disse que começou a hormonização sozinha há quase 12 anos e por conta disso não precisou fazer depilação a laser e nenhum outro procedimento estético. Ela acrescentou que por conta dos hormônios, ocorreu o surgimento de nódulos nos seios, que fez com que ela optasse pela retirada e a substituição por próteses de silicone. *“Sabe, não é fácil... Ainda tenho alguns traços a serem corrigidos, mas estou prestes a readequar meu corpo à minha mente e alma”*.

Durante as conversas, ficou claro a importância que os laudos e protocolos médicos têm para Gabriely. Ela afirmou logo de início se tratar de uma transexual *“de verdade”*, e disse que ainda faltam algumas mudanças em seu corpo, como a cirurgia de redesignação sexual. Gabriely disse que seu grande sonho é fazer a cirurgia para então esquecer tudo isso e mudar de estado para *“seguir a vida normal de mulher sem ninguém me olhar ou perguntar se sou trans”*.

Gabriely disse que em seus todos os seus documentos é oficialmente uma mulher, pois ela conseguiu retificar tanto seu nome como o gênero.

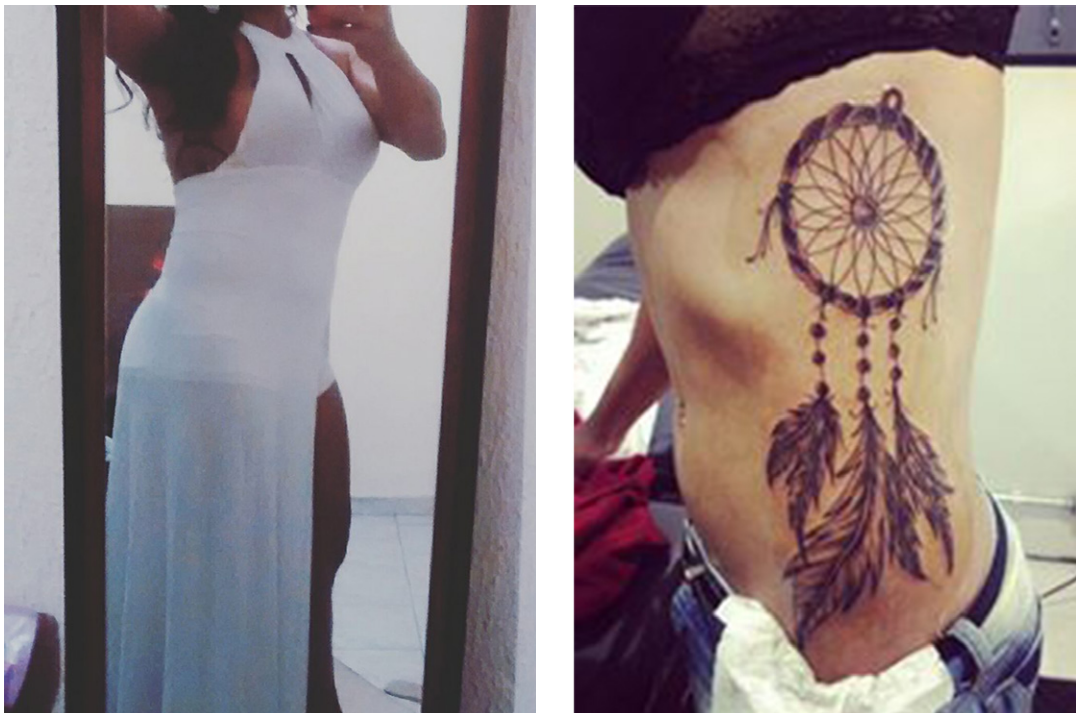
3.2.4.3. Feminilidades

. Em relação a estilo, ela disse que é “*sertaneja*” mas que não segue nada específico. Ela disse que não é muito de sair, prefere ficar em casa e assistir filmes. Quando vai sair é vaidosa, que diariamente prefere algo mais natural. Gabriely contou que geralmente está de bolsa e que carrega “*o mesmo que todas as mulheres, mas o que mais gosto é espelho e maquiagem*”. Em relação a serviços ou objetos, Gabriely disse que atualmente as coisas estão mais fáceis e que não tinha nada que desejasse que não estivesse disponível.

3.2.4.4. Redes sociais

Gabriely é usuária frequente do Facebook²⁵ e não possui Instagram. Em seu perfil pessoal ela posta fotos selfies, fotos com amigos e também muitos cortes de cabelo, processos de colorações, progressiva, bem como outras técnicas que ela trabalha. No perfil pessoal de Gabriely no Facebook, não existem posts e nem compartilhamentos relacionados a transexualidade, mas ela sempre faz check-in quando está no Hospital das Clínicas em São Paulo, pois como já mencionado, Gabriely tem ido frequentemente a São Paulo devido aos procedimentos da cirurgia.

Figura 13: Foto publicadas por Gabriely em seu perfil pessoal



Fonte: acervo pessoal da participante Gabriely

²⁵Não foi possível visualizar a quantidade de amigos que Gabriely tem, esta opção estava desativada em seu perfil

3.2.4.5. Sexualidade e relacionamentos

Gabriely disse que é heterossexual pois não se vê como gay, justamente por ser mulher. Ela contou que muitas vezes os homens se aproximam - tanto pelas redes sociais ou pessoalmente -, sem saberem que ela é trans, e, quando ficam sabendo ela conta que “eles mudam, ou te bloqueiam ou já partem para o sexo”. Além disso, Gabriely contou que já ouviu muitos comentários “*idiotas*”, do tipo: “*seus seios são iguais de mulher*” e que geralmente responde à altura.

3.2.4.6. Mulher, mulher trans e travesti

Ao falar sobre sua identidade, Gabriely afirmou: “sou mulher”. Em seguida explicou que as travestis são mulheres também, mas que não têm vontade de fazer a cirurgia, enquanto que a mulher trans sim: “*Sou uma mulher transexual vivo uma vida normal e só quero readequar meu corpo à minha mente e alma feminina*”.

Ao responder à pergunta “o que é ser mulher? ”, Gabriely disse de imediato “*primeiro que ninguém nasce mulher se torna uma*” e depois acrescentou:

“Ser mulher é ter uma vida normal cheia de trajetos. É ser alguém na vida, ter dias ruins e bons, saber se pôr ao seu devido lugar, ser educada, sincera, madura. É poder se espelhar em alguém que tanto lhe apoiou. É ter a plena consciência que ser mulher não é só dizer da boca para fora e sim lutar e ter direitos iguais aos homens.”

Quadro 9: Ficha da participante Gabriely

GABRIELY

28 ANOS | MULATA | 12 ANOS DE TRANSIÇÃO MULHER TRANS | HETEROSSEXUAL

ASPECTOS PROFISSIONAIS

ESCOLARIDADE

Ensino Médio completo.
Formada em Enfermagem.

OCUPAÇÃO

Trabalha como cabelereira há quase 10 anos e recentemente como enfermeira e cuidadora de idosos.

PLANOS FUTUROS

Está prester a realizar seu maior sonho: a cirurgia de redesignação sexual. Depois disso, Gabriely quer se mudar, esquecer de tudo e *'seguir a vida normal de mulher sem ninguém me olhar ou perguntar se sou trans'*

FEMINILIDADES

SOBRE SER MULHER

'É ter a plena consciência que ser mulher não é só dizer da boca para fora e sim lutar e ter direitos iguais aos homens.'

Diferenças

MULHER TRANS E TRAVESTI

A diferença está associada a querer "adequar" seu como a sua mente, como no caso das mulheres trans. Já as travestis, são mulheres também, mas que não querem fazer essa adequação.

INSPIRAÇÕES

Gabriely não mencionou nenhuma referência de inspiração, e disse que é 'sertaneja' mas não segue mito estilo.

Indicação feita por amigo da autora da pesquisa

1º CONTATO 29/08/2016 | ENTREVISTA 29/08/2016 | AMBIENTE Messenger

CORPO

Aos 18 anos, Gabriely foi mandada para o Exército e teve seus cabelos, que já eram compridos, raspados e sofreu muito

Tem silicone (teve nódulos nos seios causados pelo uso dos hormônios e optou por retirar e colocar próteses de silicone)

Está na fila de espera pela cirurgia

"Sou uma mulher transexual. vivo uma vida normal e só quero readequar meu corpo a minha mente, pois minha alma é feminina."

REDES SOCIAIS

Gabriely posta selfies, fotos com amigos, cortes de cabelo e outras técnicas feitas por ela mesma. Gabriely não posta conteúdos relacionados a transexualidade, mas sempre faz check-in quando está no Hospital das Clínicas em São Paulo (para o Processo Transexualizador).

ENFRENTAMENTOS

Gabriely já teve depressão e passou por uma tentativa de suicídio. Atualmente, disse que as coisas estão bem mais fáceis e já não enfrenta mais dificuldades relacionadas a transexualidade. Além disso, Gabriely conseguiu fazer a retificação do nome e gênero (processos feitos com advogada particular).



“Eu sofro um preconceito duplo, por ser mulher trans e negra.”

Alice

3.2.5. ALICE

Alice é negra, tem 20 anos e mora com os pais e a irmã mais velha em Ribeirão Bonito²⁶, cidade em que nasceu e cresceu. Sua transição começou há menos de um ano (abril de 2016), e por conta de uma criação evangélica, Alice disse que mesmo morando e dependendo financeiramente de seus pais, a relação com eles não é boa: seu pai é *“extremamente machista”* e sua mãe não fala com ela por conta de sua identidade de gênero. Alice terminou o Ensino Médio, atualmente está desempregada e faz alguns *“bicos”* para conseguir dinheiro para seus hormônios. Ela disse que não pretende fazer nenhuma cirurgia, apenas levantar as pálpebras quando for bem mais velha. Alice quer fazer faculdade, mas como não tem condições de pagar um cursinho, tem estudado pela internet. Ela pretende fazer Psicologia. Alice é bissexual e atualmente está namorando um homem trans.

3.2.5.1. Cicatrizes

Aos 14 anos Alice se assumiu gay, afirmando ser o mais próximo do que ela poderia se definir naquele momento, pois apesar de sempre ter se sentido feminina, achava *“ridículo”* da sua parte impor isso. Ela contou que nessa época usava algumas peças de roupas femininas e tinha um visual bastante andrógono, e por conta disso, todos – de amigos a familiares – falaram que aquilo não combinava com ela, que ela deveria usar roupas masculinas. *“Eu tive uma repressão social [que] era muito forte. As pessoas me trataram como uma figura caricata e isso me marcou muito.”*

Alice teve medo de se assumir e se tornar realmente uma figura caricata e, por um tempo, mesmo tendo certeza sobre sua identidade, ela usou roupas masculinas e deixou a barba crescer para ter aceitação social. *“Na verdade, era bem mais fácil lidar com tudo, porém, por outro lado era uma tormenta interna, entende?!”*

3.2.5.2. Sobre tornar-se quem se é

Só depois de algum tempo, com a ajuda da *“santa da internet”*, Alice foi tomando conhecimento sobre transexualidade e acabou descobrindo que existiam outras pessoas como ela. Por meio de suas pesquisas, Alice descobriu também a transfobia

²⁶Cidade do interior de São Paulo, próxima a cidade de São Carlos, com aproximadamente 12 mil habitantes (IBGE, 2016)

e toda a violência sofrida pelas pessoas trans e travestis. *“Eu soube da expectativa de vida²⁷ e tudo mais e isso tudo me amedrontou muito.”* Assim, mesmo tendo certeza de que era trans, Alice disse que tentou evitar pois era desesperador pensar em tudo que enfrentaria. Porém, chegou o momento onde ela não conseguia mais esconder: *“foi quando eu acabei olhando para mim mesma em frente ao espelho e falando, é isso e é isso!”*

Alice contou que teve uma péssima experiência com a única psicóloga que atendia pelo SUS em sua cidade: *“foi um dos maiores absurdos que eu sofri como mulher trans na minha vida”*. Ela explicou que a psicóloga, ao final da consulta disse que Alice tinha certeza do que ela queria, porém, por conta de sua religião, ela não poderia dar um laudo favorável para a começar o tratamento. Alice acrescentou que para a religião evangélica (religião da psicóloga e de sua família) as pessoas trans estão *“possuídas pelo demônio”*.

Diante dessa péssima experiência, Alice se viu sem saídas e no dia do seu aniversário deu início ao processo de transição e começou a hormonização por conta própria. Eis que (re)nasce Alice. Ela contou que novamente foi a *“santa da internet”* quem mais ajudou, e foi por meio de um grupo do Facebook chamado Transgêneros e os Hormônios, que Alice aprendeu como administrar seus hormônios diariamente, sem nenhum tipo de acompanhamento médico ou exames.

Alice contou que *“um dos piores demônios da terapia hormonal”* é a oscilação tremenda de humor, que a deixa deprimida e facilmente irritada. Por conta disso, no começo da transição, foi morar um tempo com sua tia, pois apesar de sua tia ainda se referir a ela por seu nome de registro, ela se sentia mais respeitada do que na casa de seu pai. No dia da entrevista, Alice contou que havia voltado a morar na casa dos pais há uns 2 meses e acrescentou que a convivência continuava difícil.

Alice ainda não foi atrás da retificação de seu nome pois está evitando, pelo menos por ora, o desgaste emocional que ela terá de enfrentar ao longo desse processo, principalmente porque ela terá que recorrer à Defensoria Pública por não ter condições de pagar um advogado. Alice contou que viu as dificuldades enfrentadas por duas de suas tias, que precisaram de advogados públicos, uma para se divorciar e outra para defender o filho que está preso e ambas tiveram esse direito negado.

Alice contou que se sente muito impotente diante de tudo isso, e que seu pedido será banalizado pois o sistema jurídico em sua cidade é bem falho

²⁷ A expectativa de vida para pessoas trans é de cerca de 35 anos, sendo que a média nacional é de 74 anos. Lembrando que não existem censos e pesquisa com dados oficiais sobre essa população, esses dados são provenientes de outras instituições como a ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais).

e elitista. Além disso, Alice mencionou que já solicitou o uso do nome social nos postos de saúde, mas não adiantou: *“o constrangimento na rede pública de saúde é muito forte, [...] se eu for até lá, eles me tratam com o nome de registro.”*

3.2.5.3. Feminilidades

Para Alice, a mudança do guarda-roupa foi um dos aspectos mais complicados (justamente pela falta de dinheiro), e foi com a ajuda de sua tia e de uma amiga que ela comprou suas primeiras peças femininas, entre elas, algumas calcinhas. Ela enfatizou que no começo tinha que usar roupas masculinas, inclusive cuecas, por não ter condições de comprar roupas, e isso era muito doloroso.

Alice falou sobre a enorme cobrança que existe por parte da sociedade, que espera que uma pessoa, ao se assumir transexual, “troque” seu guarda-roupas da noite para o dia:

“As pessoas simplesmente acham que a gente se assume trans e tem que estar diva da noite para o dia, sabe?! E aí vem aquela cobrança toda. Se te veem com uma bermuda, como acontecia muito comigo no começo, as pessoas te veem com uma peça masculina – porque como eu te disse, eu não tinha condições de comprar roupas – e já começam a falar, “mas ué, você não se assumiu como mulher? Sabe assim, com um ar de deboche, e te tratam como uma pessoa confusa, sem ter o mínimo de ideia de todo o “rolê” que a gente está enfrentando”.

Alice é apaixonada por vestidos, saias e sapatilhas e sempre que é possível, guarda dinheiro para essas compras. Ao falar sobre vaidade, enfatizou: *“tenho um xodó super com meu cabelo, ele é crespo e exige hidratação”*. Alice contou que sempre teve esse cuidado e que quando era menor trabalhou como menor aprendiz e assim conseguia guardar dinheiro para essas compras.

Alice contou que tem um *“estilo próprio”*, que no começo teve *“medo de parecer brega”*, mas que atualmente é muito confiante. Ela contou que gosta de mesclar peças e não tem algo definido. Ao falar sobre referências e inspirações, Alice disse que possui grandes inspirações que vão além da moda: Laverne Cox e Viola Davis.

Alice disse que até um determinado momento de sua vida, ela pensava: *“o mundo não tem lugar para mim”*, e só quando conheceu a atriz Laverne Cox²⁸, por

²⁸ Laverne Cox interpreta a personagem Sophia Buset, papel que lhe rendeu indicação ao *Emmy Awards* em 2013 na categoria “Melhor atriz convidada numa série de comédia”, sendo a primeira transexual a ser indicada nessa categoria

meio da série *Orange is the new black* ela começou a ter novas perspectivas. Alice disse que quando viu Laverne “*super divando*”, ela pensou: “*se ela pode estar ali, eu posso estar onde eu quiser*”.

Sobre Violen Davis, Alice disse: “*ela me ajudou demais também, na questão do empoderamento da mulher negra*”. Alice disse que quando se fala de mulheres negras na mídia sempre é algo mais próximo da europeia, e Viola foge desse padrão, “*é uma mulher com uns traços extremamente africanos*”. E concluiu: “*O auge da minha vida é ser Viola Davis, quando eu tiver a autoestima e a confiança daquela mulher eu vou estar na minha vida.*”

Abaixo, nas figuras 14 e 15, as atrizes Laverne Cox e Viola Davis.

Figura 14: Laverne Cox



Fonte: IBTIMES, 2014.

Figura 15: Viola Davis



Fonte: STYLECASTER, 2016.

Alice disse que gosta de usar batom e rímel e que raramente usa pó ou base. E acrescentou que usa pouca maquiagem, pois está tentando desconstruir a ideia de precisar usar maquiagem para ficar bonita. A desconstrução de Alice, tem como referência a cantora Alicia Keys, que em junho de 2016 escreveu uma carta²⁹ com coisas que não aguentava mais, entra elas, como as mulheres sempre acham que precisam ser magras, sensuais e desejáveis, e entre outras coisas, Alicia Keys parou de usar maquiagem. “*Estou gostando cada vez mais da minha beleza natural*”.

No dia da entrevista, ao pedir para que Alice descrevesse os itens de sua bolsa, ela disse que estava sem, pois, havia rasgado e não tinha dinheiro para comprar outra até aquele momento. Quase um mês depois, Alice disse que tinha conseguido comprar uma bolsa em um brechó e mandou uma foto dos itens que sempre carrega: carteira, fone de ouvido, batom, rímel e documentos. Além desses objetos, ela também sempre carrega o celular e um canivete por segurança, mas disse que nunca precisou usar.

Figura 16: Itens pessoais da bolsa de Alice



Fonte: acervo pessoal da participante Alice

²⁹ Disponível em: <http://www.lennyletter.com/style/a410/alicia-keys-time-to-uncover/>

Alice se disponibilizou a mandar algumas fotos de seu quarto e disse que gosta muito dele: “é o meu cantinho de refúgio”.

Figura 17: Quarto de Alice



Fonte: acervo pessoal da participante Alice

3.2.5.4. Redes sociais

Por mais que a transexualidade seja uma experiência relativamente recente na vida de Alice, ela se mostrou uma pessoa atualizada, atenta às políticas públicas e às pautas dos movimentos feministas e LGBTs, e por conta disso, mostrou uma visão crítica sobre muitos assuntos.

Alice se considera uma militante das redes sociais e disse que encontrou muito apoio por meio de grupos e outras pessoas trans que conheceu na internet. Apesar de não possuir muitas fotos suas em seu perfil, Alice tem algumas selfies publicadas e compartilha diariamente em sua timeline notícias, gifs e posts de outras páginas relacionados a questões LGBTs. Em seu Facebook, a frase de apresentação é: "Revolução trans começa quando estamos presentes em um mundo que não quer que a gente exista."

Figura 18: Print screen da página inicial do perfil de Alice no Facebook



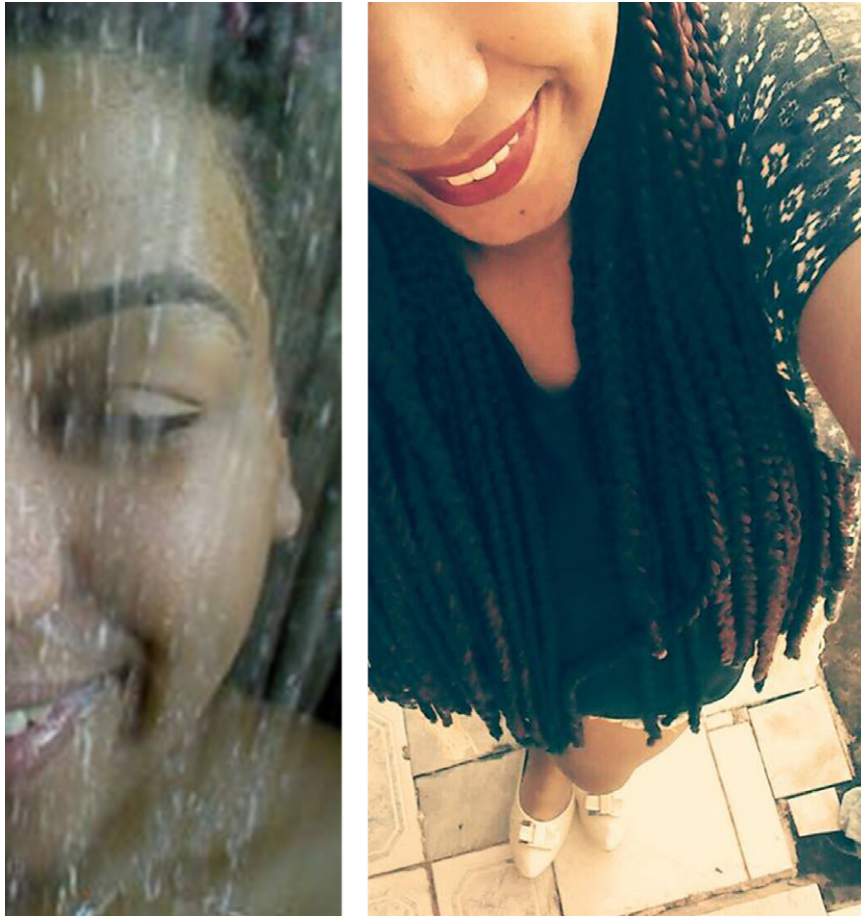
Fonte: autora

Figura 19. Imagens compartilhadas por Alice em seu Facebook



Fonte: acervo pessoal da participante Alice

Figura 20: Fotos publicadas por Alice em seu Facebook



Fonte: acervo pessoal da participante Alice

3.2.5.5. Enfrentamentos

Alice disse que sofre um preconceito duplo por ser negra e por ser trans e que o mercado de trabalho, para pessoas como ela, é extremamente fechado. Por conta disso, atualmente Alice depende financeiramente de seu pai e disse que não sai muito e também não consegue pagar nenhum cursinho ou faculdade, pois tudo envolve dinheiro. Ela contou que seus dias oscilam muito e sua ocupação são as tarefas diárias da casa. Além disso, para conseguir um dinheiro extra para comprar hormônios e outros itens pessoais, Alice faz trabalhos informais como fazer doces para sua irmã mais velha vender na faculdade, cuida de crianças e revende roupas que compra em brechó.

Durante esses 6 meses de transição Alice contou que enfrentou momentos muito difíceis. Sair de casa era e ainda é uma batalha. Em meio ao turbilhão de sentimentos causados pelos hormônios e a pressão para articular uma identidade feminina, Alice aprendeu a ser mais paciente e acrescentou que nesse tempo tem aprendido a lidar consigo mesma, seu corpo e que o mais difícil, lidar com a sociedade:

“Eu tinha medo de me assumir, de exalar a minha essência e me tornar uma figura caricata. Eu tinha medo de ser feia. Mas aí eu entendi que o que aconteceria na verdade é que não importa o quão passável eu esteja, o quão mais parecida com a beleza cis eu esteja, sempre vão me ver como uma figura caricata pelo fato de eu ser trans, entende? Aqui na minha cidade todo mundo me conhece desde infância, então eu não sou respeitada e as pessoas me tratam como homem. Mesmo que eu me imponha o tempo inteiro como Alice e tudo mais, ainda sim eu sou vista socialmente como homem e isso no início foi bem difícil de lidar.”

Alice disse que basta sair de casa que os olhares começam, e as pessoas não olham discretamente: *“elas me olham como se eu fosse um monstro, entende?! Uma aberração. Há piadinhas, há gritos, as pessoas passam de carro e mexem. Não há paz.”* Ela acrescentou ainda que, é por conta dessa situação que a *“passabilidade é algo tão desejável”*

“Porque a maioria das meninas e dos guris querem se passar por pessoas cis socialmente nem é tanto por odiar [ênfase] a aparência física, é mais por essa tormenta social. A passabilidade nos oferece uma segurança, óbvio que é uma segurança ilusória, porque a partir do momento em que as pessoas souberem que somos pessoas trans, independentemente do quão somos passáveis ou não a situação volta a ser a mesma.”

Ao falar sobre seus planos futuros, Alice disse que estava procurando emprego mais, sua vontade mesmo era fazer faculdade de psicologia e que a internet a estava ajudando com isso – uma vez que ela não possui condições de pagar um cursinho. Um outro possível plano de Alice é se mudar para o Rio de Janeiro pois lá ela tem um amigo que trabalha em um lugar que contrata pessoas trans. Porém, Alice disse que se infelizmente esses planos não derem certo ela terá que *“fazer cisplay”*, e explicou:

“Cisplay é um termo inventado pelas pessoas trans, para nomear esse ato de interpretar. É bem horrível porque novamente você volta a interpretar, ser quem você não é. E aí volta toda aquela onda emocional, difícil. E é um “rolê” bem frequente. São mínimas as oportunidades para nós, então é uma saída, principalmente para pessoas que moram no interior como eu e tal”.

3.2.5.6. Sexualidade e relacionamentos

Alice é bissexual e atualmente está namorando um homem trans que conheceu pela internet. Ela disse que usou aplicativos de paquera – no caso o Tinder – apenas

uma vez e foi a pior experiência relacionada a paqueras que ela já teve: *“foi brochante e chato”*.

Ela explicou que apesar de estar escrito em sua descrição que ela é trans, assim que falava isso para as mulheres, elas paravam de responder e os homens imediatamente começavam a falar de sexo.

3.2.5.7. Mulher, mulher trans e travesti

Ao falar sobre os termos “mulher trans” e “travesti”, Alice disse que é tudo a mesma coisa e acrescentou que a palavra travesti carrega junto de si uma identidade política. Ela explicou que o termo “mulher trans” é sempre associado *“a uma imagem mais higienizada, [...] aquela trans que fala bem ou é universitária por exemplo”* enquanto que “travesti” é sinônimo de prostituição e marginalização. Por conta disso, Alice disse que com o passar do tempo, começou a se impor enquanto travesti: *“a gente tem que mostrar que não há nada de errado em ser travesti. Que travesti não é sujeira e que eu sou tão digna quanto elas”*. Ao final da entrevista, ao responder à pergunta sobre o que é ser mulher, Alice disse que *“tem a ver com luta, resistência e garra.”*

Quadro 10: Ficha da participante Alice

ALICE

20 ANOS | NEGRA | 8 MESES DE TRANSIÇÃO | TRAVESTI | BISSEXUAL

ASPECTOS PROFISSIONAIS

ESCOLARIDADE
Ensino Médio completo.

OCUPAÇÃO
Está desempregada, cuida dos afazeres de casa. Estuda para o vestibular pela internet pois não tem condições de pagar um cursinho. Vende doces e roupas para pagar os hormônios.

PLANOS FUTUROS
Pretende prestar vestibular para o curso de Psicologia ou ir para o Rio de Janeiro trabalhar (tem o contado de um trabalho que contrata pessoas trans). Se seus planos não derem certo, Alice disse que infelizmente pensa em fazer cisplay para conseguir um emprego.

FEMINILIDADES

SOBRE SER MULHER
Luta, resistência e garra.

Diferenças
MULHER TRANS E TRAVESTI
O termo “mulher trans” é associado a uma imagem mais higienizada, enquanto que “travesti” é sinônimo de prostituição e marginalização. Alice disse que *‘é tudo a mesma coisa, mas a palavra travesti carrega junto de si uma identidade política.’*

INSPIRAÇÕES
Laverne Cox e Viola Davis foram muito importantes para que Alice se empoderasse enquanto mulher trans e negra.

Participante encontrada em grupos no Facebook
1º CONTATO 21/10/2016 | ENTREVISTA 21/10/2016 | AMBIENTE WhatsApp

CORPO

Alice tem um ‘xodó super’ com seu cabelo. Por ser crespo ela disse que exige muita hidratação e sempre pesquisa receitas caseiras na internet.

Único procedimento cirúrgico que pretende fazer é levantar as palpebras quando for bem mais velha.

Não quer fazer a cirurgia de redesignação sexual

“Elas me olham como se eu fosse um monstro, entende?! Uma aberração. Há piadinhas, há gritos, as pessoas passam de carro e mexem. Não há paz.”

REDES SOCIAIS

Alice posta algumas selfies e compartilha em seu perfil, notícias e textos próprios relacionados a transexualidade. lize se considera uma militante das redes sociais e disse que encontrou muito apoio por meio de grupos e outras pessoas trans que conheceu na internet.

ENFRENTAMENTOS

- Racismo • Transfobia • Dificuldade de conseguir emprego
- Dificuldade de “trocar de guarda-roupas” (por questões financeiras)
- Instabilidade emocional causada pelos hormônios
- Desrespeito ao nome social no sistema de público de saúde de sua cidade
- Não começou o processo de retificação de seu nome pelo desgaste emocional que terá que enfrentar.



“Eu acho que você tem que fazer por você, você mesmo, vai da sua ação e do seu jeito de ser, eu penso assim. Não é ninguém que vai fazer nada por você, é você mesma.”

Carla

3.2.6. CARLA

Carla é negra, tem 27 anos e começou seu processo de transição há cerca de 9 anos, sendo drag queen. Ela nasceu e cresceu em Bauru e recentemente saiu da casa dos pais – com quem disse que possui uma boa relação -, para morar sozinha em uma quitinete. Carla começou a fazer faculdade de Educação Física e a aproximadamente um ano, trancou sua matrícula, mas disse que em 2017 pretende voltar a estudar. Atualmente, ela trabalha na lanchonete de seus pais e faz academia. Após terminar a faculdade, ela tem planos de abrir sua própria academia, e enfatizou que não tem vontade de trabalhar para os outros. Carla pretende colocar silicone (480ml em cada seio), mas não quer fazer a cirurgia de redesignação sexual. Carla é heterossexual e atualmente está “enrolada” com um homem cis.

3.2.6.1. Sobre tornar-se quem se é

Quando Carla começou seu processo de transição ela achava todo o universo drag muito lindo e por conta disso acabou ficando cega: *“eu queria muito fazer aquilo, mas depois de um tempo não estava me rendendo lucro, aí eu resolvi ir parando aos poucos e continuei com os hormônios e agora eu estou assim direto”*.

Carla acrescentou que nessa época tinha um nome artístico, que usava para se apresentar em casas de show e ganhar um dinheirinho. Assim, por um tempo, Carla existia apenas no palco e tinha um nome muito semelhante ao que viria a ser seu nome social e durante o dia e em outras ocasiões ainda era *“ele”*.

Carla contou que todo o processo de montagem de drag – maquiagem, salto, roupas – acaba saindo muito caro. Ela contou que às vezes acabava gastando mais com roupas do que ganhava nos shows. Assim, depois de um tempo, Carla disse que cansou desse processo de montagem e desmontagem e resolveu ser sempre a Carla. Desde então Carla não se apresenta mais em shows e disse que ainda tem algumas peças de roupas para doar.

Nessa época, Carla criou seu nome social, trocou as perucas por megahair e acrescentou que seu guarda-roupas atual é muito diferente do de drag: *“elas não são nada parecidas, nenhum pouco”*. Carla contou que sua mãe tem um estilo parecido

com o seu e que ela tem um guarda-roupa “*imenso*” que aos poucos foi sendo passado para ela. Em relação a sua família, Carla contou:

“Me dou bem com os meus pais, sou filha única, para eles foi tranquilo porque eles viram todas essas fases minhas: eu falei que era homossexual, depois a fase artística, depois veio o megahair.”

Carla quer colocar 480ml de silicone em cada peito e que depois disso, não quer fazer mais nenhum outro procedimento cirúrgico, inclusive a cirurgia de redesignação sexual. Além disso, Carla contou que faz a hormonização por conta própria e explicou: “*nem é por causa de grana, é porque tipo assim, os que eu tomo já dá o resultado que eu quero, então eu não vejo porquê*”.

Carla disse que até hoje não entrou com o pedido de retificação do nome social e disse que o único documento que possui seu nome é na assinatura de seu RG.

3.2.6.2. Feminilidades

Carla contou que sua transição foi por conta própria, ela não teve referências para se inspirar e nem conhecia pessoas trans: “*foi de mim mesma, foi tipo: “aí, não quero mais” e fui*”. Ela acrescentou que não costuma falar muito sobre isso pois “eu fico na minha, não sou de conhecer gente nova e as pessoas que me conhecem já sabem”.

Geralmente, Carla disse que sai sem bolsa, pois tem medo de perder e por conta disso, sempre que leva, carrega pouca coisa: “*gloss, celular e carregador lógico*”. Carla disse que já frequentou baladas, mas que atualmente não sai muito e que prefere se reunir com amigos no posto perto de sua casa. Sobre músicas, ela disse que ouve “*o que está tendo*”, no caso, sertanejo e funk, que são geralmente os estilos de música que Carla ouve nas noites que frequenta o posto.

3.2.6.3. Redes sociais

Em seu perfil pessoal no Facebook, Carla frequentemente posta selfies e outras fotos com amigos em churrascos e também compartilha convites de festas sertanejas e festas drag. Em seu perfil, Carla não compartilha postagens e nem notícias relacionadas a transexualidade.

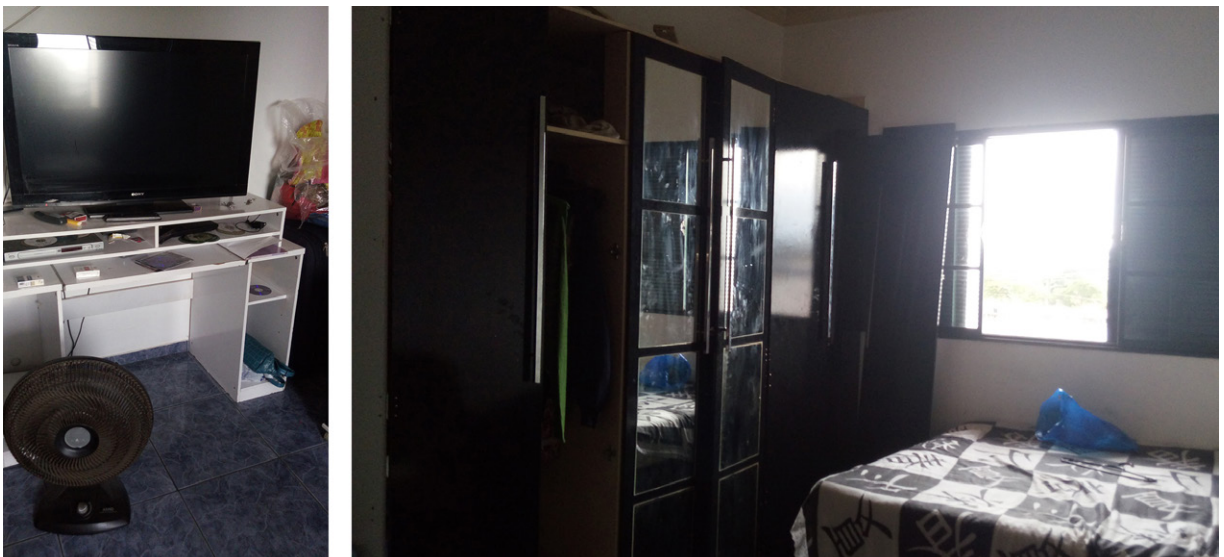
Figura 21. Fotos publicadas por Carla em seu Facebook



Fonte: acervo pessoal da participante Carla

A entrevista foi realizada no quarto-sala de Carla. Carla mora em uma quitinete, onde a estante da TV e o sofá ficam juntos da cama do armário. Antes da entrevista começar, Carla estava com a TV ligada no SBT, assistindo “Casos de família”. Sobre seu quarto, Carla disse que gostaria de trocar seu armário e que queria que estivesse um pouco mais organizado.

Figura 22: Quarto-sala de Carla



Fonte: autora

3.2.6.4. Enfrentamentos

Carla disse que nunca sofreu preconceito nem por ser negra e nem por ser trans. Além disso, contou que não acompanha muita política e explicou:

“Eu vejo assim, tipo, sabe, tirando por mim e outras pessoas do meio, eu acho que não é preciso ficar correndo atrás assim, sabe, de muita política para conseguir alguma coisa, eu já não gosto dessas coisas. Eu acho que você tem que fazer por você, você mesmo, vai da sua ação e do seu jeito de ser, eu penso assim. Não é ninguém que vai fazer nada por você, é você mesma.”

Ela disse que não pretende casar e ter filhos: *“só um cachorro”*. Carla contou que é uma pessoa calma e um pouco tímida, mas nem tanto, pois às vezes é necessário deixar a timidez de lado *“se não, não se vive”* e contou que tinha planos de destrancar sua matrícula no curso de Educação Física, para se formar e abrir sua própria academia, pois: *“não quero trabalhar para os outros. Não quero me submeter a isso”*.

3.2.6.5. Mulher, mulher trans e travesti

Ao falar sobre sua identidade, Carla disse que se identifica como trans pois *“a palavra travesti eu acho uma coisa muito sexual, sabe?! Programa ou coisa muito vulgar. Então eu já não, [pausa], sabe? Não acho muito legal.”*

Por fim, ao falar sobre o que é ser mulher, Carla disse: *“Ter uma tal liberdade. Agir independente do lugar do seu modo, e só. É isso só. [Pausa] Sempre quis, sempre admirei”*.

Quadro 11: Ficha da participante Carla

CARLA

27 ANOS | NEGRA | 9 ANOS DE TRANSIÇÃO | MULHER TRANS | HETEROSSEXUAL

ASPECTOS PROFISSIONAIS

ESCOLARIDADE

Ensino Médio completo.
Faz faculdade de Educação Física e a
cerca de um ano trancou a matrícula.

OCUPAÇÃO

Trabalha na lanchonete dos pais
e faz academia.

PLANOS FUTUROS

Pretende destrancar a
faculdade, se formar e abrir sua
própria academia.

FEMINILIDADES

SOBRE SER MULHER

*'Ter uma tal liberdade. Agir
independente do lugar do seu
modo, e só. É isso só. Sempre quis,
sempre admirei.'*

Diferenças MULHER TRANS E TRAVESTI

Carla disse que se identifica como trans pois *'a
palavra travesti eu acho uma coisa muito
sexual, sabe?! Programa ou coisa muito vulgar.
Não acho muito legal.'*

INSPIRAÇÕES

Apesar de Carla ter começado a transição sendo drag
queen, ela disse que não se inspirou em nenhuma
personalidade durante esse processo: *'foi de mim mesma.'*

Participante encontrada em grupos no Facebook | 1º CONTATO 10/10/2016
ENTREVISTA 14/10/2016 | AMBIENTE Pessoalmente (na casa da participante)

CORPO



Começou sua transição sendo drag
queen. Nessa época ela usava perucas e
quando "resolveu ficar assim direto"
trocou por megair.
Atualmente seus cabelos são longos,
loiros e alisados.

Pretende colocar silicone
(480ml de cada lado).

Não quer fazer a cirurgia de
redesignação sexual.

*" Eu acho que não é preciso ficar
correndo atrás de política para conseguir
alguma coisa. Eu acho que você tem que fazer
por você. Vai da sua ação e do seu jeito de ser.
eu penso assim. Não é ninguém que vai fazer
nada por você. é você mesma. "*

REDES SOCIAIS

Posta selfies e outras fotos com amigos em eventos,
compartilha convites de festas sertanejas e festas
drag. Em seu perfil, Carla não posta coisas
relacionadas a transexualidade. Carla contou que no
dia a dia não costuma falar muito sobre ser trans, pois
as pessoas que ela conhece já sabem e ela não é muito
de conhecer gente nova.

ENFRENTAMENTOS

Carla não mencionou dificuldades durante a
entrevista. Ela disse que nunca sofreu preconceito
nem por ser negra e nem por ser trans

“Eu luto para que todas nós possamos buscar a nossa beleza sem ser a que a sociedade nos impõe todos os dias.”

Solange

3.2.7. SOLANGE

Solange tem 27 anos, é negra, nasceu e cresceu em São Paulo e é a participante que começou o processo de transição há menos tempo, em junho de 2016. Ela possui Ensino Médio completo em técnico em contabilidade e atualmente trabalha como atendente de telemarketing em dois *Call Centers*. Ela disse que tem dois empregos pois está precisando juntar dinheiro para poder potencializar sua transição, e fazer depilação a laser no rosto, entre outras coisas. Solange queria transicionar aos 16 anos, mas disse que teria como única saída a prostituição, pois sua família é muito conservadora e a rejeitariam. Atualmente, ela disse que seus pais não lidam muito bem com isso, mas como eles não moram juntos e Solange é financeiramente independente, fica mais tranquilo. Solange é bissexual, está solteira, disse que pretende continuar assim por um bom tempo e só tem ficado com outras travestis.

3.2.7.1. Cicatrizes

Solange cresceu em uma família conservadora e com posicionamentos de gênero muito rígidos. Ela contou que com cerca de 3 anos, foi várias vezes espancada por seu irmão mais velho pois *“ele dizia que eu era muito delicada e andava rebolando na rua”*. Solange contou que desde pequena sempre teve um desconforto muito grande em frequentar os espaços destinados aos meninos, pois se sentia insegura e não gostava de participar das brincadeiras.

3.2.7.2. Sobre tornar-se quem se é

Solange queria começar a hormonização aos 16 anos, porém, ela pensava muito na reação da família e disse que, se tivesse mesmo transicionado, teria como única saída, a prostituição. Naquela época, Solange se envolveu em vários movimentos: *“LGBT, negro, mulheres,”* e disse que por um tempo passou a se identificar como *“não-binário”*.

Ela explicou que não-binário são pessoas que se identificam com os dois gêneros, ou que transitam entre eles: *“é uma identidade que não está ligada nem ao masculino nem ao feminino”*. A “não-binaridade” possibilitava transitar entre os gêneros, *“se portar como pessoa cis em alguns momentos”*, e assim, Solange explicou que reivindicar-se

não binária *“foi a porta de entrada”*. Porém, contou que depois de um tempo, ela não queria mais transitar: *“eu queria um gênero, eu tinha um gênero: é uma identidade feminina e é assim que eu quero ser tratada sabe?!”* Assim, aos 27 anos, Solange se assumiu e começou a hormonização por conta própria. Na data da entrevista, fazia 5 meses que estava em transição.

Solange contou que seu corpo não se adaptou bem a um dos medicamentos, chamado Perlutan³⁰, e que por conta disso sua pele ficou manchada. Ela disse que por causa da transexualidade ainda ser muito *“patologizada”*, não existem medicamentos para pessoas trans e os que elas tomam na verdade são os hormônios destinados a mulheres cis, ou seja: *“é um tiro no escuro, cada corpo reage de uma forma e tem também o fato de que aquilo não foi projetado para nós”*. Solange pretende fazer depilação a laser pois disse que quando sua barba começa a crescer as pessoas não a *“leem”* no feminino, mesmo quando ela se apresenta dessa forma. Solange acrescentou que, como sua pele é sensível, ela não pode fazer a barba todo dia.

Como o processo de transição de Solange ainda está no começo, ela não requisitou o uso do nome social, e disse que em seu trabalho é conhecida como *“ele”* e por isso, ainda precisa usar o banheiro masculino. Solange explicou que não reivindicou o uso de nome social e nem o uso do banheiro feminino pois ainda possui uma *“leitura de homem cis”*, e assim, se ela reivindicasse o uso do banheiro feminino, estaria atravessando a luta de outras mulheres trans e travestis que já estão nessa luta há mais tempo.

Solange explicou que enquanto a sociedade não conseguir compreender e enxergar a sua identidade feminina, ela não pode simplesmente ultrapassar esses limites, pois existem muitas meninas trans que já deixaram de fazer faculdade, tiveram seus direitos negados em diferentes situações por conta, inclusive do banheiro, e se Solange ultrapassar esses *“padrões”*, ela explicou que poderia dar margem para contribuir com pensamentos como esse.

Solange contou que se reivindicasse o uso do banheiro feminino em seu trabalho, isso poderia ser visto como uma forma de violência, uma vez que as mulheres que fazem uso do banheiro poderiam sentir seu espaço invadido por um homem cis, por mais que Solange não se sinta assim. Além disso, por conta de ainda ter uma leitura de homem cis, Solange disse que quer evitar, em seu trabalho, comentários como: *“agora qualquer viado pode usar o banheiro feminino só porque acha que é mulher?”*

³⁰ Perlutan é um anticoncepcional injetável de uso mensal usado para prevenir gravidez, irregularidades menstruais e problemas hormonais pela falta de estrógeno ou progesterona.

3.2.7.3. Feminilidades

Solange disse que antigamente não usava roupas femininas e que só passou a ter contato mais recentemente, quando sua irmã foi morar um tempo com ela. Assim, Solange disse que ainda não conseguiu reformular completamente seu guarda-roupa, ele está quase em 20%: *“ainda não é suficiente para sair todo dia de mulher, se é que isso existe né?!”*.

Solange disse que não teve como comprar muitas coisas por falta de dinheiro, mas que tem ganhado muitas roupas de amigas. Nesse momento, ela enfatizou a importância dos *“marcadores de feminilidade”*, acrescentando que é justamente articulando alguns desses marcadores, que as identidades trans e travestis são respeitadas.

Ao falar sobre estilo, Solange disse que não possui algo definido e que por mais que existam e sejam necessários os marcadores de feminilidade, ela não quer basear seu estilo em *“algo de mulher, dentro do binário”*. Solange disse que tem como inspiração a rapper, artista e performance norte-americana Mikky Blanco por conta de sua estética: *“não tem passabilidade cis”*. Mikky Blanco surgiu em 2012 mas até hoje é conhecida também por seu nome de registro Michael David Quattlebaum Jr. e como Michael se assumiu homossexual e declarou ser soropositivo.

Figura 23: Mikky Blanco



Fonte: NUMERO, 2015.

Sobre música, Solange disse que gosta de Beyonce, Rihanna e Nicki Minaj. Ela disse que sempre sai de bolsa e se disponibilizou a tirar as coisas de dentro de sua bolsa para tirar uma foto. Em sua bolsa havia uma carteira, óculos de sol, celular, rímel, batons, fones de ouvido, balas, um pequeno vidro de perfume, um pacote de lenços umedecidos, desodorante, um squeeze e um maço de cigarros.

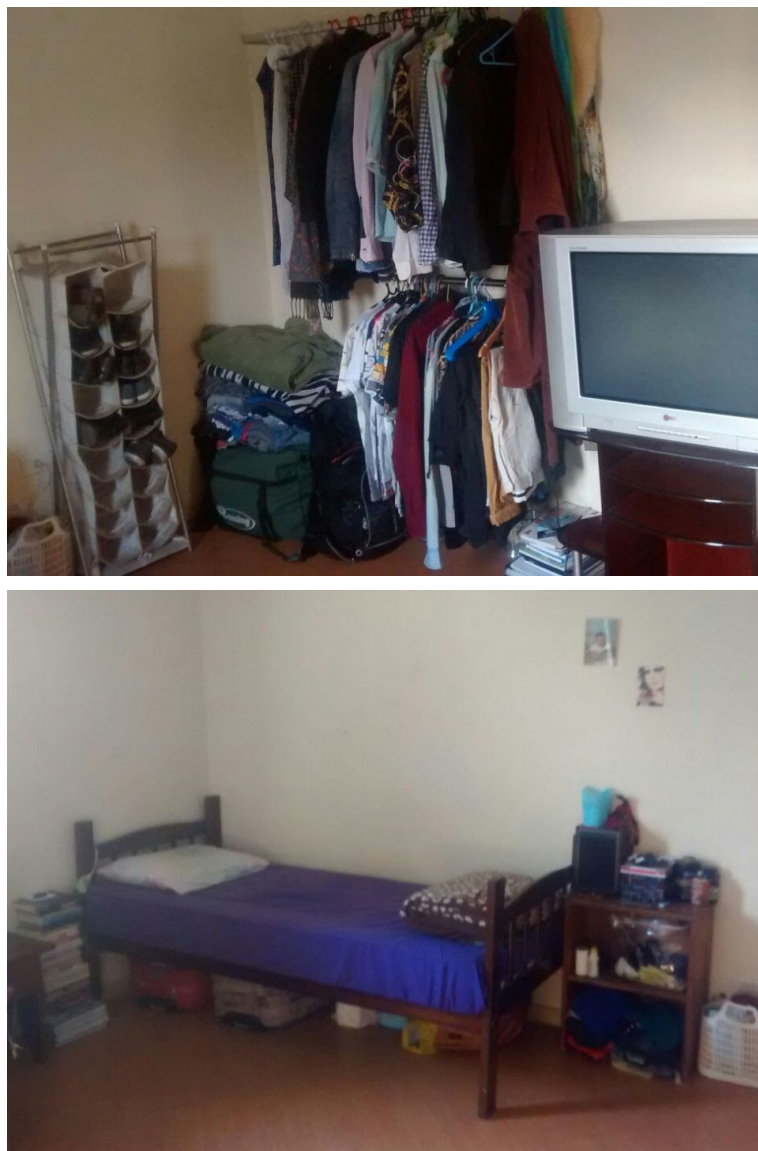
Figura 24: Itens pessoais da bolsa de Solange



Fonte: acervo pessoal da participante Solange

Sobre seu cabelo, Solange disse depois de quase 11 anos usando moicano, resolveu abandonar esse corte de cabelo e deixa-lo crescer, pois sentia falta de ter mais tranças (ela tinha tranças no moicano) para fazer uns penteados legais.

Solange divide quarto com um amigo e disse que desde a transição, seu quarto ainda não havia passado por uma grande mudança, porém acrescentou que precisa muito comprar uma cômoda para guardar suas blusas, pois percebeu que nem todas as peças dá para pendurar nas duas araras que ela tem. Além disso, Solange pretende fazer o desenho de um *“um rosto feminino negro”* em uma das paredes de seu quarto, para decorá-lo.

Figura 25: Quarto de Solange

Fonte: acervo pessoal da participante Solange

3.2.7.4. Redes sociais

O perfil de Solange no Facebook é o mesmo de antes da transição, e assim, é possível acompanhar todo esse processo por meio de fotos e postagens feitas com frequência por Solange. Seu Instagram tem cerca de 930 seguidores e sua frase de descrição é: “Travesti Capricorniana Amante da arte da fotografia Paulista e Bixcaty”. Em seu perfil no Facebook, ela compartilha eventos relacionados à periferia LGBT na cidade de São Paulo, encontros e mesas redondas sobre temas como: mulher negra, periferia, transexualidade e empoderamento. Solange também expõe seus pensamentos por meio de postagens. Abaixo, na Figura 26, uma de suas postagens.

Figura 26: *Print screen* de postagem feita por Solange no Facebook.

TRAVESTI NEGRA

Enquanto negra sofro racismo por parte de outras pessoas trans.

Enquanto trans sofro transfobia por parte de outras pessoas negras.

As vezes eu me sinto extremamente cansada dessa merda toda!

Fonte: autora

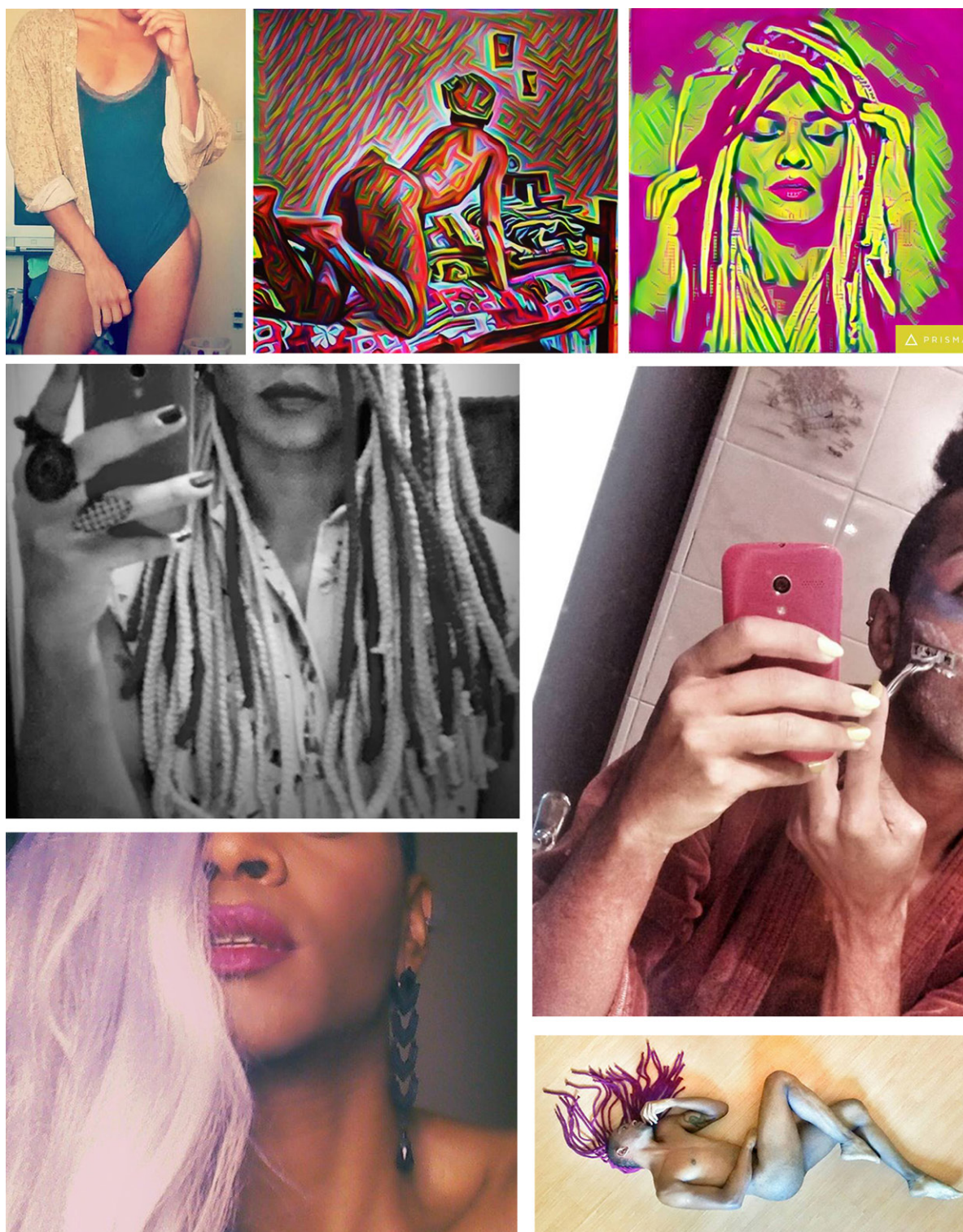
Em uma dessas postagens em seu perfil pessoal do Facebook, Solange falou sobre sua identidade e do porquê a reivindicou. Abaixo, um trecho desse post:

“Portanto, falando da minha identidade, eu não sou e me sinto mulher porque visto uma saia ou passo um batom ou mesmo coloco um silicone, não. Eu faço uso desses elementos e me aproprio deles para que a sociedade me veja com a identidade a qual me reivindiquei. Até porque se para vocês mulheres já existe um padrão do que é ser feminina para nós enquanto trans a sociedade cobrará isso em dobro. Porque se não nos encaixamos nessas definições de "feminino" que já existem muito antes de nós, nós acabamos sofrendo ainda mais violência e também temos a nossa identidade desrespeitada. Pra concluir, não é uma maquiagem, ou uma cirurgia ou mesmo uma vestimenta que me faz mulher, sou mulher porque não me identifico com o que me impuseram através de uma definição biológica limitada e binarista.[...] Sou mulher de peito e pau.”³¹

No começo de novembro, Solange atualizou sua foto de perfil com temática: Transgender Law Center, em apoio à comunidade trans e aos seus direitos. Solange posta várias selfies, utiliza filtros de aplicativos para edição de imagem e sempre posta fotos muito produzidas, com sombra nos olhos, batom, penteados nos cabelos e tranças de várias cores. Abaixo, na figura 27 fotos de Solange de seu perfil pessoal do Facebook.

³¹Trecho retirado de postagem de Solange, em seu perfil pessoal no Facebook, em setembro de 2016.

Figura 27. Fotos publicadas por Solange em seu Facebook



Fonte: acervo pessoal da participante Solange

3.2.7.5. Enfrentamentos

Solange disse que existe uma cobrança muito grande para articular uma identidade feminina que acaba submetendo muitas mulheres a procedimentos cirúrgicos e estéticos visando sempre aumentar sua passabilidade. Ela acrescentou

que as pessoas olham para esses procedimentos como uma forma de validação de suas identidades: *“se você não fizer isso não vai ser reconhecida como mulher”*.

Solange explicou que ter uma passabilidade alta é uma forma da sociedade te aceitar, e conseqüentemente, é também uma forma de inclusão social, porém, a exigência dessa passabilidade como uma forma de inclusão é para ela: *“um problema social”*. Assim, Solange enfatizou que sua luta é justamente contra essas imposições, pois ela quer ter sua identidade validada independentemente de estar com roupas superfemininas ou maquiada. Solange luta pela liberdade de ter um corpo trans livre de regras:

“Uma liberdade que todas nós como mulheres devemos lutar. A Liberdade pelos nossos corpos e do que queremos fazer com eles. Enquanto trans, eu luto ainda mais pela desconstrução desses padrões. Eu luto para que todas nós, enquanto trans, possamos buscar a nossa beleza sem ser a que a sociedade nos impõe todos os dias.”

Solange fez uma comparação com as mulheres cis, dizendo que elas nunca ouvem perguntas como *“você vai colocar silicone?”*, enquanto para ela é *“quase natural as pessoas fazerem esse tipo de pergunta”*. Solange acrescentou que geralmente isso acontece sem contexto algum e no momento em que a conhecem.

Ao falar sobre preconceito, Solange disse que *“travesti e negra são questões complicadas”*. Enquanto negra, é vista uma pessoa inferior, e enquanto travesti é vista como objeto sexual. Sobre a questão do assédio e violência, Solange disse que sabe que todas as mulheres passam por isso, porém a *“cultura do estupro sobre a mulher negra vem desde a época da escravidão”* e explicou que ela, enquanto travesti e negra *“a hiperssexualização e a violência chegam muito mais. Chegam até mesmo no ambiente de trabalho”*. Solange disse que mais de uma vez recebeu fotos inbox com pênis de homens do trabalho e acrescentou disse que a transfobia vem de todos os lugares, inclusive de seus *“irmãos de raça”*.

Solange disse que frequentemente entra em uma loja ou em um supermercado e percebe que os seguranças a estão seguindo. Ela sabe que isso também acontece com pessoas negras cis, porém, enfatizou: *“quando você é travesti as pessoas já tem vem como marginalizada, mas quando você é negra, isso é potencializado”*.

Solange disse que não sente falta de nenhum objeto, roupas e nem nada desse tipo. Porém, disse que sente uma carência muito grande em relação à serviços voltados para pessoas trans, e que sejam feitos por pessoas trans, e explicou: *“dependemos de serviços feitos por e para pessoas cis, sobre a lógica cis que é patologizando”*. Solange explicou que os médicos acham que se você é transexual, você quer fazer a cirurgia de redesignação sexual e isso não é verdade. Por isso, Solange disse que sua

identidade, enquanto travesti, não é respeitada como mulher transexual no sistema de saúde. Ela contou sobre experiências de amigas que não tiveram um atendimento legal, por esse motivo, ainda não foi atrás de acompanhamento médico.

3.2.7.6. Mulher, mulher trans e travesti

Solange se identifica como travesti e disse que a diferença está associada à postura que travestis e mulheres trans têm diante da sociedade. Solange explicou que quando uma pessoa transiciona para o feminino, a sociedade espera que essa pessoa seja *“bela, recatada e do lar, além de muito feminina e delicada, e normalmente as travestis já tem uma outra postura, um estilo próprio e uma atitude diferenciada”*. Sobre “ser mulher”, Solange disse que não existe uma definição exata pois é um processo muito mais interno do que externo. Ela pontuou que se a pergunta fosse: *“porque você não se identifica como homem?”* A resposta seria:

“Porque eu não aceito o que impuseram sobre mim num determinismo totalmente biológico. [...] Então eu não sou trans porque exista uma definição do que é ser mulher, eu consegui me encontrar enquanto mulher porque eu vejo que o que impuseram sobre mim: “você é homem”, não me cabe!”

Quadro 12: Ficha da participante Solange

SOLANGE

28 ANOS | NEGRA | 7 MESES DE TRANSIÇÃO | TRAVESTI | BISSEXUAL

ASPECTOS PROFISSIONAIS

ESCOLARIDADE

Ensino médio completo com técnico em contabilidade.

OCUPAÇÃO

Solange possui 2 empregos. Trabalha como atendente de telemarketing em dois Call Centers.

PLANOS FUTUROS

Pretende ficar pelo menos por um ano trabalhando em dois empregos para potencializar sua transição.

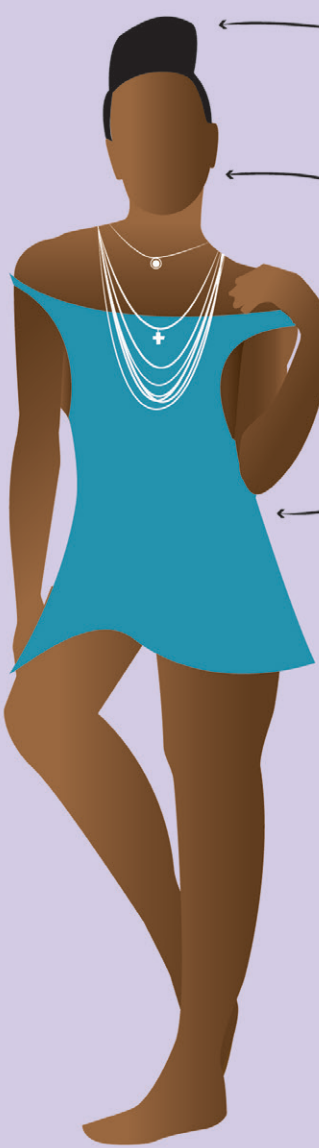
CORPO

Solange teve moicano junto com tranças afros por 11 anos e recentemente resolveu deixar o cabelo crescer.

Pretende fazer depilação a laser no rosto

Ainda não sabe se quer colocar silicone. Solange vai esperar para ver os efeitos dos hormônios.

Não quer fazer a cirurgia de redesignação sexual



FEMINILIDADES

SOBRE SER MULHER

Não existe uma definição exata sobre o que é ser mulher, é um processo muito mais interno do que externo.

Diferenças MULHER TRANS E TRAVESTI

Associada a forma como mulheres trans e travestis se posicionam na sociedade, mulheres trans seguem padrões de cis e *'normalmente as travestis já tem uma outra postura, um estilo próprio e uma atitude diferenciada.'*

INSPIRAÇÕES

Mikky Blanco, Beyonce, Rihanna e Nicki Minaj

REDES SOCIAIS

Posta conteúdos relacionados a transexualidade, expõe seu processo de transição por meio de fotos e por meio de textos fala das dificuldade ser travesti e negra, da transfobia, hipersexualização entre outros assuntos relacionados.

ENFRENTAMENTOS

- Racismo • Transfobia • Hipersexualização
- Carência de serviços para pessoas trans e que também sejam feitas por pessoas trans • Mercado de trabalho fechado • Não tem nome social reconhecido no trabalho
- Conflitos estético • Opressão da sociedade para ter "passabilidade cis" • Pele manchada pelo uso dos hormônios e ter a fazer a barba todo dia.

"Eu luto para que todas nós possamos buscar a nossa beleza sem ser a que a sociedade nos impõe todos os dias."

Participante encontrada em grupos no Facebook | 1º CONTATO 27/08/2016
ENTREVISTA 31/10/2016 | AMBIENTE WhatsApp

“A sociedade é meio hipócrita, se você tiver uma soma de privilégios bem razoável, ela vai te tratar super bem, independente da sua identidade de gênero.”

Giovanna

3.2.8. GIOVANNA

Giovanna é branca, tem 21 anos, nasceu em São Paulo, mas desde pequena mora em uma outra cidade no interior³² e em 2013 se mudou para Campinas³³ para fazer faculdade de Engenharia da Computação. Giovanna se assumiu publicamente no fim de 2013 e apesar de alguns conflitos iniciais, hoje tem o apoio da família. Ela fez 4 cirurgias faciais, pretende colocar silicone e tirar os testículos. É do *“rolê fitness”*, faz academia e tem pretensões de ser vegetariana. Além disso, Giovanna é atea e lésbica. Atualmente está *“enrolada”* com uma mulher cis bissexual.

3.2.8.1. Sobre tornar-se quem se é

Giovanna contou que por volta dos 12, 13 e 14 anos sentia-se um pouco confusa em relação aos sentimentos que tinha por mulheres: *“eu achava que o que eu sentia por mulheres era o normal de ser hétero”*. Porém, com 14, 15 anos, Giovanna percebeu que não era e explicou: *“você percebe que os outros caras não admiram mulheres da mesma forma que você e nem no mesmo nível”*. E assim, com 16 anos, Giovanna ouviu falar sobre a transexualidade e a possibilidade da transição e soube que *“seria a única solução”*.

Assim, Giovanna ficou dos 14 aos 16 anos com medo de contar para seus pais sobre sua identidade. Ela disse que no fim de 2011 – com cerca de 15 anos – contou para seus pais e eles não aceitaram, e ela, então, pediu ajuda para seu irmão. E assim, no começo de 2012, após seus pais conversarem com seu irmão, eles aceitaram. Giovanna contou que todo esse processo foi bem mais rápido do que ela esperava, e chegou inclusive a achar, que iria transicionar depois dos 30 anos.

Com 17 anos, ainda morando com os pais, Giovanna fez sua primeira cirurgia, no nariz. Ela enfatizou que naquele momento, ainda não tinha se assumido e só usava roupas masculinas. Foi só com 18 anos, quando já estava na faculdade, no meio do primeiro ano, que Giovanna começou a hormonização e disse que *“foi esperta nessa questão”*, pois começou a tomar os hormônios seis meses antes de acabar o primeiro ano da faculdade - ainda se apresentando socialmente como homem –, e explicou: *“eu pensei: [...] quando chegar 2014, vou pedir o uso do nome social, me apresentar*

³² A participante preferiu omitir o nome da cidade onde cresceu. Trata-se de uma cidade no interior de São Paulo com cerca de 100 mil habitantes.

³³ Cidade do interior de São Paulo com aproximadamente 1,173 milhões de habitantes (IBGE, 2016).

como Giovanna e deixa o pessoal ir descobrindo aos poucos. E deu certo”

Giovanna contou que seu plano funcionou, e aos poucos as pessoas foram descobrindo. Ela acrescentou também que no começo da faculdade – antes da transição – ela era muito antissocial e que isso mudou muito: *“hoje sou infinitamente mais sociável, foi algo até difícil de me acostumar”*. Além de ser mais sociável, gostar de festas e ter vários círculos sociais, Giovanna passou a cuidar mais de seu corpo, pois antes era *“completamente sedentário, odiava meu próprio corpo e hoje eu sou dessas pessoas chatas que vão na academia”*.

Giovanna achava que teria que usar aplice por um tempo, pois quando ela passou na faculdade, resolveu raspar o cabelo pois era *“bixo”*. Porém, ela disse que seu cabelo cresceu rápido e não precisou do aplice. Giovanna disse que quando se assumiu, *“nunca quis ter uma aparência, digamos assim, de travesti”*, e por conta disso, acabou adiando sua transição por um tempo, pois achava que não daria certo: *“que eu não iria ter uma aparência feminina plena nunca”*. Porém, após a realização de três cirurgias faciais no ano de 2015, Giovanna contou que muitos dos seus *“critérios estéticos”* tinham mudado, e explicou:

“Quando eu me assumi, quando a gente lia sobre isso em 2012, só tinha um jeito de fazer a transição que era fazer tudo [ênfase], com o intuito de ser uma mulher cis no final da história. E aí eu abracei essa linha cronológica. [Pausa] Convicta de que eu ia fazer tudo isso, inclusive a cirurgia que hoje eu acho que não compensa.”

Giovanna gastou em torno de 40 mil reais para a realização das cirurgias faciais e que elas lhe proporcionaram uma aparência muito feminina: *“um outro nível de credibilidade estética”*. Em relação à cirurgia de redesignação sexual, Giovanna explicou *“não vale a pena, o custo benefício não é bom”*.

Além disso, ela pensa em tirar os testículos para parar de tomar o bloqueador de testosterona e disse que atualmente se considera *“satisfeita em quase tudo, falta um pouco de academia e botar peitos”*. Giovanna disse que quer colocar silicone pois seus seios cresceram pouco com os hormônios. Além disso, ela acrescentou que hoje em dia, as mudanças que sente em seu corpo são mais associadas a academia do que aos hormônios.

Mesmo tendo feito depilação a laser no rosto, a cada dois dias Giovanna pega a lâmina e passa em todo o rosto por precaução: *“ficou o trauma, sei lá”*. Ela contou também que é vaidosa ao seu próprio jeito e não costuma usar muita maquiagem: *“bem feminina em uns aspectos e bem sapatão em outros.”*

Giovanna conseguiu fazer a retificação de seu nome em todos os seus documentos, até mesmo na certidão de nascimento. Ela disse que após ter conseguido a troca do nome e as cirurgias, resolveu deixar o processo de retificação do gênero para depois, pois todos esses processos são *“muito exaustivos psicologicamente”*. Ela explicou que a retificação do gênero faz diferença apenas em algumas ocasiões, como no passaporte e por conta disso, mesmo tendo condições financeiros, resolveu deixar para depois.

3.2.8.2. Sexualidade e relacionamentos

Após as cirurgias, Giovanna disse que se sentiu mais confortável e segura para assumir que gostava de mulheres. Antes disso, ela disse que por um tempo – ainda antes da transição – se assumiu como homem gay mesmo sabendo que não era, só para abrir uma *“brecha”* e poder se assumir trans: *“foi uma forma de estratégia”*. Giovanna disse que já tentou ficar com homens, *“mas foi um fracasso total”* e explicou que apesar de suas *“práticas”* serem lésbicas, frequentemente se diz *“bi”* pois: *“mulheres bi são mais tolerantes com a gente, então eu falo que sou bi para não espantar as mulheres bi.”*

Giovanna disse que durante as festas, muitos homens chegam nela quase sempre com os mesmos discursos: como sua aparência é feminina, dizem que não entendem porque ela *“pega”* mulheres e não homens e por fim, deixam claro que não querem ficar com ela pois ela é na verdade, heterossexual.

Giovanna apontou que por conta da passabilidade, todo mundo a enxerga como cis e hétero, e isso acaba sendo prejudicial em alguns contextos, como por exemplo em baladas LGBTs quando ela estava solteira. No dia da entrevista, Giovanna contou que estava *“de rolo com uma moça de outro curso”* e acrescento que ela – a moça – disse para Giovanna que a experiência de ficar com uma mulher trans é muito feminina, independente do genital. Ela explicou que está sendo uma experiência nova e acrescentou que, em relação ao sexo, com calma tudo se resolve.

3.2.8.3. Feminilidades

Giovanna disse que teve uma época em sua vida que ela queria se assumir para sumir do mapa e muito disso estava relacionado a não ter pessoas trans bem-sucedidas como referência. Ela explicou que faltam referências de pessoas trans ocupando diferentes cargos, principalmente nas áreas que Giovanna quer atuar: computação, engenharia, mercado financeiro e empreendedorismo e as poucas referências que existem são nos Estados Unidos e são casos onde essas mulheres já nasceram extremamente ricas.

Giovanna disse que falta inspirações sérias na comunidade LGBT, que grande parte dos ídolos das pessoas LGBTs são “*divas pops*” e que geralmente as divas nem, ao menos, são LGBT. Ela disse que na época que começou sua transição não tinha referências de pessoas trans no Brasil: “*Antes não tinha nem a Mandy Candy*”. Nesse sentido, Giovanna enfatizou: “*“Entendeu?! Então quando você não tem um exemplo de pessoa bem-sucedida, você não sabe se a sua vida vai dar certo”*”.

Giovanna disse que antes da transição teve como referência Steve Jobs. Ela explicou que na época em que ele morreu (2011), muitas citações suas ficaram em evidência na mídia e uma delas dizia algo como: “*você tem quer viver uma vida que vale a pena, pois sempre pode ser o último dia*”. Giovanna contou que nessa época, ela estava justamente pensando em se assumir para a família e Steve Jobs acabou servindo como um impulso: “*eu sentia jogando minha vida no lixo, dia após dia [...] No fundo no fundo, o medo de se assumir é besteira porque a vida é uma só*”.

Em termos estéticos, Giovanna disse que não teve uma referência e nem seguia pessoas específicas: “*pegava algumas inspirações em Tumblr e Instagram da vida e ia construindo em cima disso, mas foi o de menos*”.

Giovanna contou que só passou a ter uma aparência feminina no começo de 2014 e que foi nessa época que começou a comprar mais roupas femininas, antes disso, usava peças masculinas. Ela contou que ter assumido sua feminilidade, influenciou em tudo na sua vida, inclusive em sua criatividade, e acrescentou que antes disso, estava pensando em fazer um curso que ela não iria gostar muito: Física:

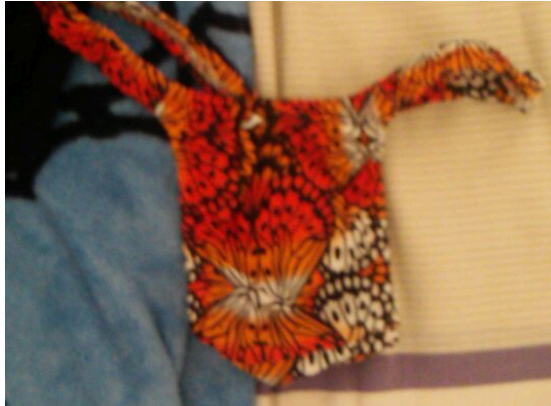
“Eu ter me assumido influenciou minha escolha na faculdade, meu gosto por empreendedorismo. Tudo na minha vida, não só a estética que eu tenho hoje, vai muito além disso.”

Sobre roupas, Giovanna disse que não tem dificuldade para encontrar peças que fiquem boas em seu corpo, ela disse que com os hormônios, seu corpo foi se remodelando - “*perdi em cintura e ganhei em quadril*”- e as roupas vestem bem. Giovanna disse que gosta de usar calcinhas e que seguram melhor que cuecas, e disse que especificamente quando vai na academia, usa uma calcinha especial que comprou no Jardim Itatinga³⁴, em Campinas. “Ela explicou que “*é uma calcinha que a gente usa para segurar o negócio*” e que fica melhor com legging, e não machuca quando ela vai nadar ou correr.

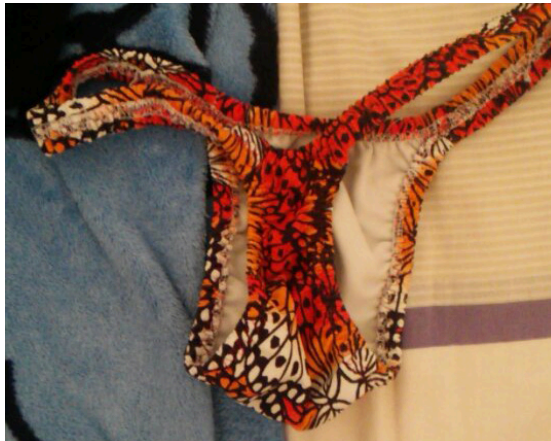
³⁴ Jardim Itatinga é um bairro de Campinas criado em 1960 pelo poder público – na ditadura militar – com o intuito de concentrar as atividades ligadas à prostituição em uma área distante da cidade. O bairro Jardim Itatinga é o maior área de prostituição da América Latina. (HELENE, 2015)

Figura 28. Calcinha que Giovanna usa na academia.

Parte da frente



Parte de trás



Fonte: acervo pessoal da participante Giovanna

As pessoas que frequentam a academia com Giovanna não sabem que ela é trans, ela disse que evitou contar para não correr o risco de perder o acesso aos banheiros e vestiários femininos.

Atualmente Giovanna mora em uma república com mais algumas amigas e tem um quarto individual que foi possível visualizar durante a entrevista, por meio de videoconferência via Skype. Seu quarto é grande, tem um closet com alguns armários e banheiro e estava bem arrumado. Não tem quadros nas paredes.

Sobre a organização, Giovanna disse: *“sou organizada, mas meu pais não acham. Eles são muito organizados e perfeccionistas, criaram a gente assim”*. Sobre usar bolsa, Giovanna disse que acaba usando, mas que prefere levar o mínimo possível e *“botar tudo no bolso”*, ainda mais quando vai para baladas e *“festas de rep”*. No bolso, geralmente leva RG, RA da faculdade, cartão do banco, chave, dinheiro e celular. E nos casos onde Giovanna leva bolsa, aproveita para levar a carteira toda, um estojo com canetas e um estojo de maquiagem.

Giovanna disse que tem dificuldades para comprar sapatos pois calça 42/43. Ela disse que sempre compra em São Paulo, mas mesmo assim é difícil de encontrar.

3.2.8.4. ENFRENTAMENTOS

Giovanna contou que no começo da transição teve um desentendimento com uma atendente em uma loja, quando foi fazer compras. Ela disse que na verdade foi mais uma questão de despreparo e falta de conhecimento do que transfobia mesmo. Giovanna disse, que nessa época evitava ao máximo passar por esse tipo de situação até que *“passasse a fase mais tensa”* – referindo-se ao processo de transição.

Giovanna mencionou ser uma pessoa que teve privilégios e que muitas pessoas trans não tem uma beleza cis, não só pela falta de dinheiro, mas primeiramente por não ter suporte e acompanhamento endocrinológico desde a infância. Para ela, o preconceito, o desrespeito ao nome social e outras formas de violência são associadas a um *“conjunto de fatores muito grande”* e acrescentou que a sociedade é *“meio hipócrita”* pois *“se você tiver uma soma de privilégios bem razoável a sociedade te trata super bem, independente da sua identidade de gênero”*

Hoje em dia, Giovanna disse que sua transição já se consagrou e tem uma leitura de gênero totalmente feminina. Por conta disso, Giovanna que tem mais medo do machismo e da homofobia – de ser agredida quando está com outra mulher – do que da transfobia em si. Para explicar melhor, Giovanna deu um exemplo:

“Tipo, numa balada e um cara vem chegando, assediando. Eu tenho medo dele pôr a mão bem ali, no meio do short e fudeu (sic) tudo assim. Eu ter que sair correndo. [Pausa]. Isso quase aconteceu umas 4 vezes.”

Ao falar de preconceito na faculdade, Giovanna contou que nos últimos tempos, ocorreu *“uma mini revolução nas festas da computação”*. Ela explicou que as festas de seu curso eram geralmente bastante machistas: *“tipicamente de engenharia, sabe?!”* e que isso está mudando. Sobre as pessoas de seu curso, ela disse que tem recebido bastante apoio e é admirada por muita gente. Giovanna disse que o preconceito em seu curso existe e que geralmente *“as pessoas não te levam a sério em termos acadêmicos”*.

Giovanna disse que um de seus grandes medos, e que ela acredita ser compartilhado por muitas pessoas LGBTQs, é de sofrer algum tipo de violência e as pessoas se omitirem: *“todo mundo vendo e ficar quieto num canto”*. Por conta disso, ela enfatizou que seria legal ter *“aplicativo para recomendar ou*

desrecomendar lugares para pessoas trans frequentarem”. Além disso, Giovanna sugeriu que restaurantes e outros estabelecimentos tivessem uma plaquinha escrito algo como: *“aqui você será defendido”*. Ela disse que isso já seria o suficiente para ela se sentir mais segura.

Giovanna mencionou a falta serviços para pessoas trans, e disse que faltam mais iniciativas como a da militante Daniela Andrade, com a criação do Transemprego³⁵. Giovanna enfatizou que falta posicionamento das empresas, pois mesmo as empresas que se dizem LGBTs e abertas à diversidade, não possuem políticas internas claras em relação a discriminação como homofobia, transfobia. Giovanna deu como exemplo, o caso da Ambev, que recentemente passou a distribuir um manual sobre as políticas internas para todos os funcionários – antes era distribuído apenas a quem pedisse. Ela disse que com esse tipo de posicionamento, as pessoas cis e héteros também irão saber como funciona.

Giovanna contou sobre um dia que foi no Bairro Itatinga, em Campinas, com uma amiga travesti e prostituta. Ela disse que quando a cafetina olhou para ela, achou que ela era de outro planeta, *“ela demorou para entender que eu também era trans”*. Giovanna disse que a cafetina era esperta e *“manjava das coisas”* e disse que se ela quisesse estar ganhando 15 mil por mês daqui um ano, era só procurá-la. Giovanna explicou que o fato dela ter uma passabilidade alta, não ter silicone industrial e ainda falar inglês e francês intermediário, seria um grande diferencial, e ela poderia ser uma acompanhante publicamente, para levar a jantares por exemplo. Giovanna pegou o cartão da cafetina mas disse que nunca entrou em contato e não cogitou essa hipótese: *“é muito arriscado, muita treta”*

Giovanna disse que com 16 anos, aderiu ao movimento ateu pois começou a perceber que a sociedade achava absurdo não ter uma religião. Ela disse que essa sua fase de ativismo foi pela internet e ela participava ativamente do movimento. Além disso, Giovanna contou que antes de se assumir já participava de movimentos LGBTs, pensou em entrar para a política e foi uma das fundadoras da frente feminista de sua faculdade.

3.2.8.5. Redes sociais

Giovanna usa frequentemente as redes sociais, postando em seu perfil pessoal no Facebook, pensamentos e posicionamentos sobre questões atuais como: o cenário político brasileiro e americano, saúde, educação, economia, questões LGBTs e trans. Por meio de suas postagens, Giovanna também expõe conflitos vivenciados em festas

³⁵Transemprego é um site para pessoas trans procurarem emprego. No site é possível cadastrar diferentes vagas, em diferentes áreas e salários. Para acessar: <http://www.transempregos.com.br>

da faculdade – falando de machismo e também sobre questões relacionadas a ser trans e lésbica, mostrando o preconceito enfrentando em algumas situações.

Em uma de suas postagens, Giovanna se disponibilizou a ajudar pessoas de Campinas, passando o contato de uma advogada que fazia a retificação do nome de graça, acrescentando que esse processo, se feito de forma particular, custa em torno de 4 mil reais.

Giovanna não gosta muito de suas fotos e por conta disso, contou que seu Facebook *“não é muito visual”*. Apesar disso, ela posta algumas selfies e outras fotos com amigos e amigas.

3.2.8.6. Mulher, mulher trans e travesti

Para Giovanna, na prática a diferença entre transexual e travesti não existe e explicou que se for para definir pensando que travesti é a trans que não quer operar, Giovanna seria travesti. Porém, enfatizou que nunca foi chamada ou considerada travesti. E então questionou: *“Então eu sou trans?”* Ela disse ainda, que à medida em que os movimentos trans e LGBT vão crescendo e se diversificando, a tendência é que essa diferença – entre mulher trans e travesti – vá se diluindo.

Ao responder à pergunta “o que é ser mulher?” Giovanna fez uma pausa e respondeu em tom bem-humorado e dando uma leve risada: *“olha, não se aplica”*. E depois complementou:

“Se formos ser bem racionais, bem exatídeos ao meu estilo, você pensa: primeiro, o que é ser mulher, você precisaria definir e aí a gente já logo vai apelar para os estereótipos. Se por apelar para os estereótipos eu posso me dizer uns 60% mulher, vai.”

Giovanna disse que na medida em que a passabilidade e a aceitação da sociedade vão aumentando, a experiência do que é ser mulher torna-se cada vez mais ampla e aberta. Ela explicou que se considera 60% mulher, pois tem coisas que a sociedade considera masculina que ela gosta e que vai continuar fazendo, como por exemplo *“puxar ferro e namorar mulheres”*. Mesmo não tendo 100% dos atributos considerados femininos, Giovanna enfatizou que é possível ser feminina não seguindo completamente os estereótipos de gênero.

Quadro 13: Ficha da participante Giovanna

GIOVANNA

21 ANOS | BRANCA | 3 ANOS DE TRANSIÇÃO | MULHER TRANS | LÉSBICA

ASPECTOS PROFISSIONAIS

ESCOLARIDADE
Ensino médio completo.
Faz faculdade (Curso: Engenharia da Computação)

OCUPAÇÃO
Atualmente Giovanna é estudante universitária e faz academia.

PLANOS FUTUROS
Quando se formar pretende trabalhar com empreendedorismo e escrever um livro.

CORPO

Giovanna achou que no começo da transição teria que colocar aplice pois raspou a cabeça quando entrou na faculdade, - por ser 'bixo' - mas seu cabelo cresceu rápido e ela não precisou.

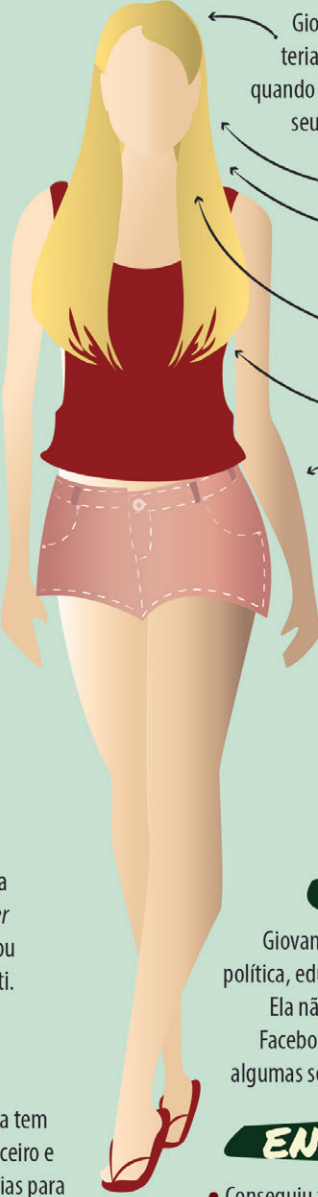
Operou o nariz

Fez 3 procedimentos na mesma cirurgia: contorno frontal, maxilar e queixo

Fez depilação a laser no rosto

Pretende colocar silicone

Não quer fazer a cirurgia de redesignação sexual



FEMINILIDADES

SOBRE SER MULHER
'Se formos ser bem racionais, bem exatídeos ao meu estilo, você pensa: primeiro, o que é ser mulher, você precisaria definir e aí a gente já logo vai apelar para os estereótipos. Se por apelar para os estereótipos eu posso me dizer uns 60% mulher, vai.'

Diferenças MULHER TRANS E TRAVESTI
Na prática essa diferença não existe, pois se for para definir pensando que 'travesti é a trans que não quer operar', Giovanna seria travesti. Porém, ela enfatizou que nunca foi chamada ou considerada com travesti.

INSPIRAÇÕES
Giovanna disse que faltam referências sérias na comunidade LGBT, principalmente nas áreas que ela tem interesse: computação, engenharia, mercado financeiro e empreendedorismo. Uma de suas grandes referências para que Giovanna se assumisse foi Steve Jobs.

"A sociedade é meio hipócrita pois se você tiver uma soma de privilégios bem razoável, a sociedade te trata super bem independente da sua identidade de gênero."

Indicada pela participante Marina | 1º CONTATO 04/08/2016
ENTREVISTA 02/11/2016 | AMBIENTE WhatsApp

REDES SOCIAIS

Giovanna fala sobre sobre questões atuais como: política, educação, economia, questões LGBTs e trans. Ela não gosta muito de suas fotos e por isso, seu Facebook '*não é muito visual*'. Apesar disso, posta algumas selfies e outras fotos com amigas e amigos.

ENFRENTAMENTOS

- Conseguiu fazer a retificação de seu nome, falta a do gênero
- Já teve depressão
- Hoje em dia, por ter uma aparência bastante feminina, Giovanna disse que tem mais medo da homofobia do que da transfobia.
- Falta de serviços e empregos para pessoas trans.

“Eu fiquei avulsa no mundo morando com uns amigos gays. Conheci uma travesti e fui para o Rio de Janeiro fazer programa.”

Pan

3.2.9. PAN

Pan tem 24 anos, mora em Campinas com os pais e disse que sua cor é *“mista”* pois sua família é uma grande mistura, sendo descendente de negros, índios, judeus e portugueses. Pan é a única das entrevistadas que passou pela prostituição. Quando ela se assumiu trans - aos 18 anos -, seu pai não aceitou e depois de muitos conflitos, ela foi para o Rio de Janeiro fazer programa. Hoje em dia, seus pais a aceitaram, e Pan voltou a morar com eles. Pan tem Ensino Médio completo, pretende fazer faculdade de Serviço Social e atualmente trabalha como atendente em uma das lojas de chaves de seu pai. Pan fez 2 cirurgias plásticas (rinoplastia e silicone) e não quer fazer a cirurgia de redesignação sexual. Hoje em dia, ela busca um estilo de vida mais saudável, faz academia, dança do ventre e capoeira. Além disso, Pan é espírita kardecista, pansexual e atualmente está namorando um homem trans.

3.2.9.1. Sobre tornar-se quem se é

Pan disse que desde pequena, nunca foi um garoto normal, pois era muito delicada para ser um menino. Ela disse que por volta dos 16 anos, assim que começou a trabalhar, começou a tomar hormônios e aos 18 anos, saiu de casa pois seu pai não saberia lidar com o fato dela ser trans. No começo sua mãe a ajudou, mas isso não durou muito pois seu pai cortou o dinheiro, e sua mãe, sendo submissa a ele, não pode mais ajudá-la. Assim, Pan ficou *“avulsa no mundo”* e com 50 reais no bolso que conseguiu de um cliente que conheceu pela internet, foi para o Rio de Janeiro. Chegando lá, Pan tinha o contato de uma amiga que trabalhava na prostituição e foi onde acabou morando e se prostituindo por 4 meses.

Nessa época Pan já se chamava Pan, mas usava um outro nome para o trabalho, acrescentando que separava muito bem o trabalho do prazer. O fato dela ser ativa nas relações sexuais, fazia com que ela não ficasse à mercê dos clientes. O programa custava 50 reais mas disse que sempre tirava mais *“Pq roubava ou pedia mais pra gozar”*. Além disso, Pan contou que dessa época teve muito medo de pegar alguma doença sexualmente transmissível e que conheceu de homens ricos a humildes.

Ela contou que as meninas que moravam com ela eram unidas contra possíveis agressões, porém, existiam muitas brigas internas entre elas. Pan contou que se sentia deslocada pois não tinha muita afinidade com as travestis e acrescentou que

se entendia como trans. Apesar de tudo isso, Pan disse que essa época foi libertadora e que lhe proporcionou uma vontade de viver *“tão grande que compensava o desamor da prostituição. A frieza. As coisas grotescas dos clientes. Eu me sentia viva ali”*

Depois de 4 meses morando e trabalhando com outras prostitutas, Pan voltou para Campinas e passou a morar com alguns amigos, sendo bancada por um de seus clientes do Rio de Janeiro, que ela ia visitar. Ela disse que esse cliente a bancou até seus 21 anos e como ele pagava pela exclusividade, foi bom porque Pan não precisou ficar na prostituição. Pan contou que esse cliente – que não foi o mesmo que bancou sua ida para o Rio de Janeiro -, se apaixonou por ela e acabou pagando suas duas cirurgias, de nariz e de silicone. Ela disse que ele tinha fetiche por ela ser trans e novinha. Pan até tentou retribuir o sentimento, mas depois de um tempo, ele confessou que tinha receio de sair com ela de mãos dadas na rua e ela percebeu que o sentimento dele não era verdadeiro.

Pan disse que depois de um tempo a consciência de seu pai pesou e ela voltou a morar com a família. Pan enfatizou que o pai é machista e que grande parte de a ter aceitado de volta se deve ao fato dela ser bem feminina e não fazer ele passar constrangimento. Sobre o tempo que passou na prostituição, Pan disse que não é algo que voltaria por impulso, só por muita dificuldade, pois não gosta de se sentir um objeto e concluiu: *“então não é para mim, mas fez quem eu sou hoje”*

Pan disse que não é militante, mas que tem os discursos feministas sempre em sua vida e que eles, ao longo do tempo, a ajudaram muito a se empoderar. Sobre a cirurgia de redesignação sexual, Pan disse que se dá muito bem com seu genital, que é ativa e por conta disso não quer fazer a cirurgia. Mas enfatizou que por um tempo quis fazer e hoje percebe que era muito mais pela sociedade do que por ela mesma.

Pan ainda não entrou com o processo de retificação de seu nome. Ela disse que está processando as empresas de Call Centers em que trabalhou e que não respeitaram seu nome social. Ela contou que *“era só dá boca para fora”*, que no sistema não constava seu nome social e que era sempre motivo de piadinhas. Pan disse que usava o banheiro feminino, mas algumas pessoas na empresa queriam que ela usasse o de deficiente.

3.2.9.2. Sexualidade e relacionamentos

Pan é pansexual e explicou que se relaciona com homens e mulheres e disse que gosta de pessoas, independente do gênero. Atualmente está namorando um homem trans.

3.2.9.3. Feminilidades

Pan contou que na época do Rio de Janeiro ela usava roupas bem sensuais e isso foi mudando. Até poucos meses antes da entrevista, Pan namorava um *“cara trans”* que queria transformá-la em uma deusa e ela acabou adaptando seu estilo ao que seu namorado achava bonito e só usava roupas de marca. Ela disse que com o tempo foi se libertando dessa futilidade: *“Fui sentindo repulsa das roupas que eu usava me sentido burra”*

Sobre ser vaidosa, Pan disse que já foi muito, mas hoje em dia se preocupa mais com sua saúde e em ter uma aparência saudável. Pan faz capoeira, dança do ventre e disse que pretende voltar a fazer academia. Além disso, Pan contou que *“tenta ser vegetariana”* e era até pouco tempo atrás, mas como ama comida japonesa, às vezes fica difícil.

Pan disse que hoje está muito mais tranquila, veste o que tem vontade e só usa roupas confortáveis e as vezes passa maquiagem quando sai. Ela contou que gosta de usar cuecas femininas, top e roupas mais largas. Ela disse que seu estilo mudou muito e que devido as roupas largas *“as pessoas acham que vestir roupas largas te torna lésbica, então eu falo que virei sapatão.”*

Sobre seu quarto, Pan disse que é bem simples, tem uma cama box, um guarda roupa embutido de madeira antigo e um espelho grande em frente a cama. Pan disse que adora mandalas e arte de *“estilo hippie”*. Sobre sua bolsa ela disse que no dia a dia carrega escova de dentes, fio dental, desodorante, pinça, lixa de unha e óculos.

3.2.9.4. Enfrentamentos

Ao falar sobre passabilidade, Pan disse que acha *“ridículo”* que a aparência física de alguém seja relevante socialmente para uma pessoa ser aceita e respeitada. *“Essa forma de pensar que já foi a minha de sempre ficar mais e mais linda. “Barbie”. Acaba com as pessoas. Deprime meninas. ”*

Pan disse que não sente nenhuma carência em relação a produtos, objetos ou acessórios relacionados a ser trans, porém, pontuou a dificuldade em encontrar bons médicos – em especial endocrinologistas e psiquiatras – para obter laudos. Ela disse que mesmo tendo plano de saúde, suas experiências não foram boas e os médicos não estão preparados para atender pessoas trans. Pan faz a hormonização sozinha até hoje, pois disse que seu corpo se adaptou aos medicamentos, além do fato de não encontrar bons profissionais.

3.2.9.5. Redes sociais

Em seu perfil pessoal no Facebook, Pan posta frequentemente seus pensamentos e compartilha muitas imagens, gifs e memes de outras páginas do Facebook. Ela possui várias fotos com amigos e algumas selfies. Sua frase de apresentação no Facebook é a seguinte: “*A diferencial*.” Seu Instagram tem cerca de 330 seguidores.

Figura 29: Print screen de página inicial do perfil de Pan no Facebook



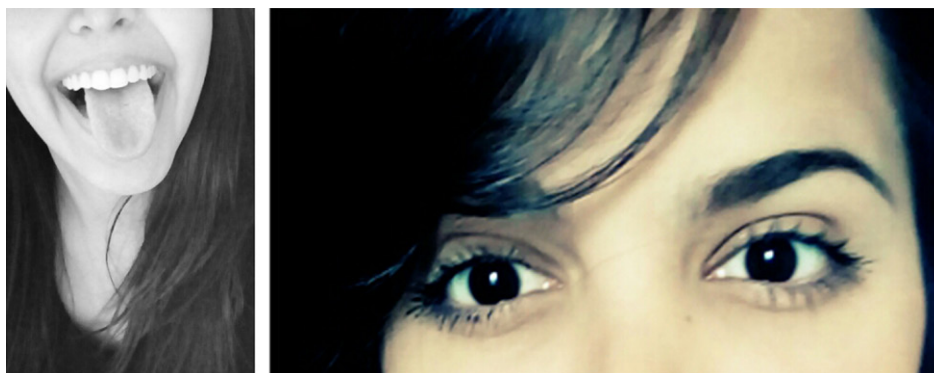
Fonte: autora

Figura 30. Imagens compartilhadas por Pan em seu perfil.



Fonte: acervo pessoal da participante Pan

Figura 31: Fotos publicadas por Pan em seu perfil no Facebook



Fonte: acervo pessoal da participante Pan

3.2.9.6. Mulher, mulher trans e travesti

Pan se identifica como mulher trans e disse que as travestis são pessoas que também usam roupas femininas, tem atributos femininos e fazem modificações em seu corpo, mas não se veem como mulher, *“se veem como um terceiro gênero, nem homem nem mulher”*. Já no caso das mulheres trans, Pan explicou que são pessoas que nascem com a mente de mulher e precisam adequar seu corpo a sua alma, como no seu caso. Ela acrescentou ainda que a psicóloga disse que Pan é uma mulher trans, pois se sente assim desde que nasceu.

Sobre o que é ser mulher, Pan disse que *“é apenas ser, a mulher não tem que provar ou ter certas atitudes, ela apenas é”*

Quadro 14: Ficha da participante Pan

PAN

24 ANOS | PARDA | 6 ANOS DE TRANSIÇÃO | MULHER TRANS | PANSEXUAL

ASPECTOS PROFISSIONAIS

ESCOLARIDADE

Ensino médio completo.

OCUPAÇÃO

Trabalha como atendente em uma das lojas de chaves de seu pai (ele possui 2 lojas). Além do trabalho, Pan faz capoeira e dança do ventre.

PLANOS FUTUROS

Pretende fazer faculdade de Serviço Social.



CORPO

- Operou o nariz
- Tem silicone
- Não quer fazer a cirurgia de redesignação sexual

'É ridículo isso do físico ser algo que é relevante socialmente para ser aceita e respeitada. Essa forma de pensar que já foi minha, de sempre ficar mais e mais linda. Barbie. Acaba com as pessoas. Deprimi meninas.'

FEMINILIDADES

SOBRE SER MULHER

'É apenas ser, a mulher não tem que provar ou ter certas atitudes, ela apenas é.'

Diferenças MULHER TRANS E TRAVESTI

Travestis são pessoas que também usam roupas femininas, tem atributos femininos e fazem modificações em seu corpo, mas não se veem como mulher, *'se veem como um terceiro gênero, nem homem nem mulher'*. Já as mulheres trans, sentem a necessidade de adequar seu corpo a sua alma.

INSPIRAÇÕES

Apesar de não ter meniconado nenhuma referência, Pan disse que tem os discursos femininas sempre em sua vida e que eles, ao longo do tempo, a ajudaram muita a se empoderar.

Indicada pela participante Giovanna | 1º CONTATO 02/11/2016
ENTREVISTA 03/11/2016 | AMBIENTE Messenger

REDES SOCIAIS

Em seu Facebook, Pan posta textos curtos, fotos com amigas e amigos, compartilha imagens, vídeos e outros conteúdos da internet. Ela não costume falar sobre transexualidade em suas redes sociais, mas em alguns posts fala sobre o assunto.

ENFRENTAMENTOS

- Foi rejeitada pela família e viu como única saída a prostituição. Depois um tempo, seus pais se arrependeram e a aceitaram de voltar por ela ser *'bastante feminina'*.
 - Está processando as empresas de Call Center que trabalhou por não respeitarem seu nome social e o uso do banheiro feminino.
- Dificuldade em encontrar bons médicos – em especial endocrinologistas e psiquiatras – para obter laudos.

“Eu não tive escolha, não tive uma socialização enquanto homem, não me identificava e nem que eu quisesse, eu não era.”

Violeta

3.2.10. VIOLETA

Violeta é branca, tem 23 anos, nasceu e cresceu em São Paulo e em 2012 mudou-se para Campinas para fazer faculdade de Artes Cênicas. Começou seu processo de transição a pouco mais de um ano (agosto de 2015), tem uma relação tranquila com sua mãe, mas quando vai visitar seu pai, ela se veste de *“menininho”*, pois ele ainda não sabe de sua transição. Violeta disse que seus dias são lotados, além das aulas da faculdade e do TCC que está chegando, ela participa de um grupo de teatro só para mulheres, ministra encontros de teatro e memória, escreve projetos e é produtora teatral. Além disso, para conseguir um dinheiro extra, Violeta faz leituras de mapa astral. Sobre sua sexualidade, ela disse que é *“majoritariamente hétero”*, mas tem sentido atração por mulheres, o que a coloca como bissexual ou pansexual. Atualmente, está solteira.

3.2.10.1. Cicatrizes

Desde pequena Violeta sempre soube que era igual suas amigas, porém, nessa época tinha como única referência de pessoas trans, as travestis que ela via na rua sendo marginalizadas, se prostituindo e *“apanhando da vida”*. Isso gerou um grande conflito na cabeça de Violeta, pois ela disse que se sentia como as meninas do colégio, mas ao mesmo tempo, quando via as travestis, não queria ser igual a elas.

Sobre sua relação familiar, Violeta contou que não é realmente tranquilo, principalmente quando vai visitar seu pai. Ela explicou que quando vai visita-los, ela ainda coloca roupas masculinas pois seu pai não sabe. Porém, ela disse que seus seios, assim como seus cabelos estão começando a crescer e em breve não vai dar para esconder mais: *“ele está sacando que eu sou trans, mas ele sempre foi muito preconceituoso”*. Já com a sua mãe, Violeta contou que é mais tranquilo e elas até fazem compras juntas.

Ao perguntar se Violeta tinha conhecimento do termo *cisplay*, ela respondeu: *“sim, eu adoro falar que estou de cisplay quando vou visitar meus pais”*. Ela disse que seus pais são casados e que vai visitá-los cerca de uma vez por mês.

3.2.10.2. Sobre tornar-se quem se é

Violeta contou que a primeira vez que disse para si mesma que era *“transgênero”* foi com 17 anos. Antes disso, com 14, Violeta disse que se assumiu como menino gay e que isso a ajudou a se empoderar um pouco mais, pois ela era muito tímida, insegura, falava sempre baixo e rápido. Apesar de ter assumido para si mesmo aos 17 anos, foi com 22 anos, quando Violeta estava no quarto ano de faculdade, essa questão foi ficando cada vez mais forte *“não deu para segurar mais”*.

Ela contou que sua transição foi no momento certo e com a pessoa certa. Ela explicou que tem um lado seu que dói acessar, e que ela possui um amigo que foi o único até hoje que conseguiu acessar esse lado e conversar com ela sobre as questões que a afligiam: *“eu tinha muitos amigos e amigas, mas era como se ninguém pudesse entender minha dor. Sempre usei máscaras”*.

Violeta contou que sua transição foi desencadeada por um acontecimento no carnaval de 2015, onde ela e alguns amigos – *“todos cis, um hétero, um bi e um gay”* foram a uma festa vestidos de maiô. Ela disse que possui *“marcadores que sempre foram lidos como mais femininos, como “bunda grande, coxa grossa, baixinha, quadril largo e rosto redondo com cara de criança”*. Por conta disso, apesar de todos estarem vestidos de maiô, apenas ela foi assediada a noite inteira: *“caras escrotos me seguindo, batendo na minha bunda, tentando me pegar a força”*. No fim dessa festa, Violeta disse que estava sendo assediada e chegou um cara – que já era conhecido dela – fingindo ser seu namorado e a beijou, salvando Violeta.

Depois disso, Violeta foi embora a pé de casal com o cara que a salvou e mais um casal – o seu grande amigo e uma outra menina. Durante o caminho, Violeta disse que esse cara falou uma coisa horrível para ela, colocando-a *“à margem”*. Ela explicou que sempre se sentiu um *“corpo estranho”*, sendo sempre maltratada e tratada como objeto e as palavras que ele dizia, a faziam sentir-se novamente assim. Em meio as agressões verbais lançadas pelo cara que a acompanhava, Violeta começou a chorar e seu amigo a defendeu: *“Ele começou a tretar com o cara. Foi a primeira vez que eu senti que eu importo muito fortemente para alguém”*.

Violeta contou que depois da briga, eles foram embora e seu amigo a ouviu chorar por mais de 1h30 até que finalmente ela conseguiu se abrir, explicando que nunca conseguiu se relacionar sexualmente com ninguém, pois sempre foi tratada como objeto, por nunca ter enxergado seu próprio valor.

“Eu sentia que seria sempre um corpo à margem, que eu não seria nem homem suficiente para os homens gays e nem mulher o suficiente para os homens héteros. Eu entrei numa crise, depois disso tive depressão e tentei me matar algumas vezes.”

Violeta disse que foi passado por momentos muito difíceis, entre eles a violência sexual - foi estuprada por um cara que ela ficou em uma noite e isso contribuiu ainda mais para a depressão e as tentativas de suicídio. Passados alguns meses, Violeta contou que se assumiu para seu amigo, e depois aos poucos foi contando para o pessoal do trabalho e assim por diante, até que em agosto de 2015, se assumiu publicamente.

Violeta começou a hormonização no começo de 2016 e na data da entrevista fazia 9 meses. Ela contou que tudo mudou em sua vida quando ela se assumiu. Disse que as pessoas foram se aproximando e ela foi tomando coragem para sobre si mesma e também para conhecer outras pessoas trans. Violeta enfatizou que está começando a entender seu próprio corpo, disse que *“é uma loucura”* ver seus seios crescerem, as maçãs de seu rosto e seu corpo ganharem novas formas. Ela disse que pretende fazer depilação a laser, mas por enquanto não tem dinheiro.

No começo de sua transição, Violeta contou que foi em um evento sobre transexualidade e travestilidade que fez muita diferença em sua vida. Nesse encontro, Violeta conheceu Jaqueline Gomes de Jesus³⁶, Amara Moura³⁷, Amanda Palha³⁸ e Viviane Vergueiro³⁹ e passou a ter como grandes referências as *“trans da militância aqui no Brasil”*. Ela contou que essas pessoas a ajudaram muito no processo de aceitação do próprio corpo: *“foi muito importante ouvi-las, elas que me ensinaram, me moldaram e me mostraram que meu corpo é de mulher do jeito que ele é.”*

Sobre o nome social, Violeta disse que ainda não entrou com o processo de retificação por conta do investimento financeiro que é necessário. Ela contou que fica *“tudo no boca a boca mesmo”*, na faculdade, nas chamadas em sala de aula, com os professores, nada recebe o nome de Violeta.

3.2.10.3. Sexualidade e relacionamentos

Violeta contou que por muito tempo se viu como gay, e assim, ao transicionar, passaria então a ser heterossexual, porém, ela começou a perceber que também se sente atraída por mulheres, o que a coloca na posição de bissexual. Entretanto,

³⁶Apresentação retirada de seu perfil pessoal no Facebook: *Mulher com a missão de lutar, falar, escrever e cuidar.*. Jaqueline é psicóloga e doutora em Psicologia Social e professora do Instituto Federal do Rio de Janeiro.

³⁷Apresentação retirada de seu perfil pessoal no Facebook: *“Travesti doutoranda em teoria literária, feminista, militante dos direitos de LGTBs e de prostitutas.”*

³⁸Apresentação retirada de seu perfil pessoal no Facebook: *“Travesti comunista, feminista e encenqueira. Demoro pra ver inbox, às vezes nem vejo. Não é pessoal.”*

³⁹Apresentação retirada de seu perfil pessoal no Facebook: *Ativista transfeminista, pesquisadora em identidade de gênero e diversidades corporais da Universidade Federal da Bahia.*

Violeta começou a refletir que ao invés de bissexual, poderia se dizer pansexual, afinal, ela gosta é de pessoas.

Além disso, Violeta contou que sempre sentiu atração por amigos e por muito tempo ela achou que estava confundindo as coisas, mas na verdade ela começou a perceber que seu *“tesão estava em outro lugar”*, e explicou que para ela se envolver, é necessário que exista um laço afetivo. Diante disso, Violeta disse tem se identificado como demissexual⁴⁰, mas tudo ainda é muito recente, e por enquanto ela se define *“majoritariamente hétero”*.

Sobre aplicativos de paquera, Violeta disse que já usou o Tinder - deixou *“escrachado”* em seu perfil que ela era trans -, e teve 3 boas experiências. Duas delas foram com homens cis héteros que nunca tinham se relacionado com mulheres trans e Violeta contou que foram boas experiências, um deles foi muito respeitoso com seu corpo e foi muito legal. A outra experiência foi com um casal, mas violeta disse que *“acabou não rolando nada sexual, mas viramos amigos.”*

3.2.10.4. Feminilidades

Por conta da nova relação que Violeta desenvolveu com seu corpo, ela disse que a relação com seu guarda-roupas e o próprio ato de *“vestir-se”* também mudaram. Antes, Violeta preferia usar roupas de frio, com várias camadas que escondiam o corpo e agora disse que se tornou *“uma pessoa solar”*, mostrando mais seu corpo. Ela contou que adora shortinhos e saias de cintura alta, cropeds e blusas que mostrem o colo, botas sem salto – *“odeio salto alto”* -, e misturar peças pretas com outras coloridas. Violeta contou que passou a ousar mais, fazer diferentes combinações.

Violeta disse que gosta de usar calcinhas e que quando precisa usar cuecas, acha desconfortável e se sente um pouco mal. Ela disse que não gosta muito daquelas calcinhas transparentes de rendinhas, mas tem algumas que valorizam a bunda. Além disso, ela contou que adora o momento de tirar o sutiã, e que começou a usá-los antes mesmo de ter peitos, pois era uma forma das pessoas entenderem sua identidade de gênero ainda no começo da transição.

Violeta contou que antes da transição tinha como grande inspiração a modelo Andreja Pejic, que na época ainda se chamava Andrej e era um homem bastante andrógono: *“meu sonho era parecer com ele”*. Porém, algum tempo depois, Andrej se tornou Andreja e se assumiu como transexual e Violeta disse: *“meu mundo caiu”*.

⁴⁰ Violeta definiu demissexual como uma pessoa que precisa da criação de laços emocionais ou intelectuais para conseguir se envolver com outra pessoa.

Violeta também mencionou que gosta muito das cantoras Madonna, Lady Gaga e Beyonce, da atriz Laverne Cox e ressaltou que apesar de não ser negra, sempre se identificou muito com a luta dessas mulheres, pois tanto as mulheres trans como as negras são “mulheres para transar e não para amar”. Além disso, Violeta sempre procura referências de pessoas trans, e disse que adora encontrar pessoas trans: “a gente se identifica”.

3.2.10.5. Enfrentamentos

Violeta disse que na maioria dos ambientes que ela frequenta geralmente as pessoas não sabem que ela é trans e isso não a deixa nem feliz e nem triste, pois ela nunca teve a intenção de esconder sua identidade de ninguém e sempre que pode, ela fala sobre transexualidade. Ter uma “passabilidade cis” a impede de sofrer preconceito na rua, pois “ser trans e andar na rua é foda”. Violeta contou sobre as vezes que sai de casa mais andrógena, com roupas mais largas e com a barba começando a crescer, ela disse que as pessoas olham feio, xingam e a perseguem. Violeta acrescentou que enquanto mulher, quando está na rua, passa por todas as buzinadas, assovios e olhares como qualquer mulher.

Violeta disse que falta representatividade trans em todos os aspectos e enfatizou que é necessário “desvincular a ideia de homem ao falo e mulher a buceta (sic)”. Ela apontou o fato das pessoas trans serem sempre apontadas como “exceção”, reiterando a ideia de que ser cisgênero é o padrão. Violeta mencionou a necessidade de políticas de inclusão nas instituições de ensino – por meio de cotas -, como também, no mercado de trabalho, onde pessoas trans encontram na prostituição a única saída, ou quando possível, ocupam subempregos. Além disso, Violeta mencionou 2 produtos que apesar de já serem de uso de pessoas trans, talvez poderiam ser melhor elaborados se pensados especificamente para esse público, são eles: barbeadores para mulheres trans e embalagem de absorventes para homens trans.

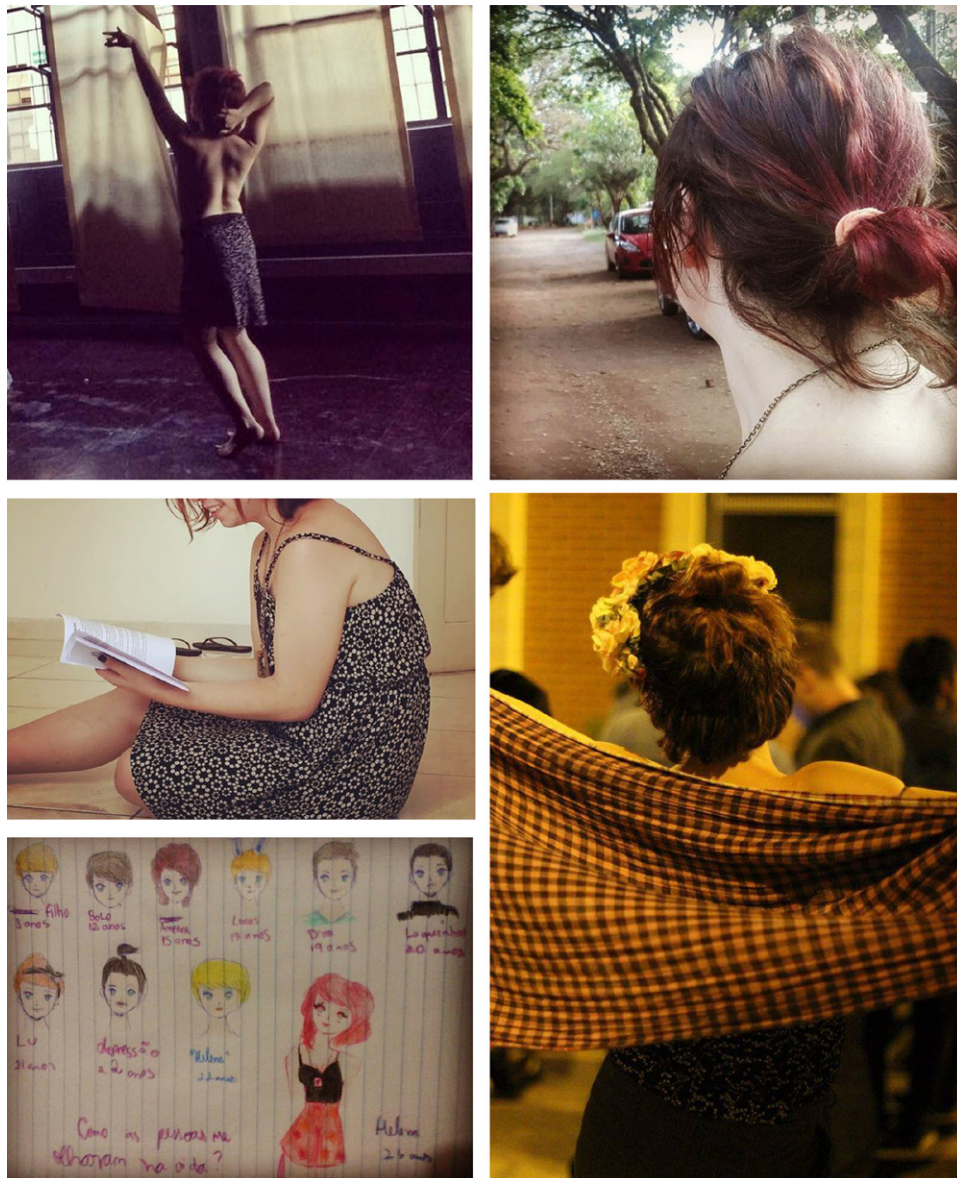
Atualmente Violeta mora em uma “república mista”, com mais 2 meninas e 3 meninos. Ela disse que 2 dos meninos são héteros e um deles é gay, o que é bom pois as vezes a convivência só com pessoas héteros é difícil.

Por um tempo na faculdade, Violeta teve bolsa de Iniciação Científica e guardou esse dinheiro para poder se bancar e comprar seus hormônios. Ela disse que sua avó também a ajuda financeiramente. Recentemente Violeta começou a ler mapas astrais e disse que pretende criar um canal no Youtube para ganhar dinheiro, pois “como atriz não está fácil”.

3.2.10.6. Redes sociais

Violeta é uma usuária frequente das redes sociais, em seu Facebook ela tem cerca de 1430 amigos e no Instagram 580 amigos. Violeta posta selfies produzidas com diferentes maquiagens e cabelos, mostrando seu corpo por meio de fotos artísticas e de ensaios teatrais e também fotos com amigas e amigos.

Figura 32: Fotos publicadas por Violeta em seu Facebook



Fonte: acervo pessoal da participante Violeta

Ela usa as redes sociais como forma de entretenimento, em seu perfil pessoal no Facebook, Violeta posta frequentemente pensamentos e reflexões sobre seu processo de transição, sobre as mudanças que vem ocorrendo e todo o processo de passar a amar o próprio corpo. Em seus textos, Violeta fala sobre seu corpo, sobre passar a se olhar no espelho e gostar, sobre ter que fazer a barba todo dia, sobre passabilidade cis, machismo, feminismo, empoderamento, entre outros assuntos relacionados.

Abaixo, segue uma das postagens publicadas por Violeta em seu perfil pessoal no Facebook, em agosto de 2016:

“Depois de seis meses eu me olhei nua no espelho. Por inteiro. E desde esse dia passei a olhar meu reflexo diferente todos os dias posteriores. Não teve um segundo que eu não me senti em cada poro Violeta, em cada pelo e em cada pelo arrancado. Em cada traço, cada curva redesenhada e, mesmo nas de antes, que me apontavam marcadores femininos já. Não teve um segundo que eu não me senti em cada poro Violeta, em cada pelo e em cada pelo arrancado. Em cada traço, cada curva redesenhada e, mesmo nas de antes, que me apontavam marcadores femininos já. Agora tenho até coragem de dizê-los, franca.

Desenhei-me algumas vezes, então. E agora, quero revelar meu corpo ao mundo que o vê. Um corpo baixo, com curvas, pernas fortes e quadril grande, pênis, cintura se fazendo ver aos poucos, curvas na barriga, curvas que se formam em pequenos seios também, braços que se fortalecem, peito que se abre. Panturrilhas grossas, pés achatados com dedos gordinhos, mãos pequenas, bunda grande, bochechas que se reinventam e me dão maçãs mais visíveis.

Quero me mostrar nua, quero que vejam esse corpo. Não porque eu talvez goste de me exhibir. Mas porque eu tenho um corpo lido como abjeto e me orgulho dele, vejo a sua beleza. Porque eu quero, me olhar, nua, e sentir que me empoderei, e ler a história feita em carne, lendo este corpo em eterna transição.

Depois de seis meses redescobri ainda mais como me amar. E amar cada canto meu.”

Quando Violeta começou a publicar em seu perfil pessoal suas reflexões sobre ser trans, muitas pessoas passaram a segui-la nas redes sociais e ela passou a receber muitas mensagens e comentários de pessoas falando que a admiram, a achavam linda. Ela disse que isso foi muito importante para seu empoderamento, mas ao mesmo tempo, confessou que ainda está aprendendo a lidar com elogios das pessoas, pois às vezes tem a impressão de que as pessoas só a elogiam por ela ser trans. Violeta disse que *“é um novo jeito de se desconstruir”*, e por conta disso, contou que nunca sabe como aceitar os elogios das pessoas.

3.2.10.7. Mulher, mulher trans e travesti

Violeta se identifica como mulher transexual e ao ser questionada sobre a diferença entre mulher trans e travesti, disse que essa é uma questão bastante complexa para

se resumir em poucas palavras e enfatizou que ambas são expressões de gêneros femininas. Violeta explicou que a diferença está associada a fatores sociais, sendo também uma questão de identificação: *“eu sempre me achei como uma mulher cis. Minha construção de gênero está no mesmo lugar que das mulheres cis”*. Além disso, Violeta apontou que as travestis são uma categoria identitária particular do Brasil, sendo um termo bastante marginalizado e associado a prostituição.

Ao falar sobre o que é ser mulher, Violeta disse que mulheres e homens são construções sociais com papéis bastante rígidos. Violeta disse que ela tem características associadas ao feminino que ela quer desconstruir, como por exemplo: ser sentimental, carinhosa, emotiva. Violeta disse que se questiona até que ponto essas coisas são realmente dela, ou se fazem parte da construção social do que é ser mulher. Por fim, Violeta disse que ser transexual não foi uma escolha como muitos dizem: *“Eu não tive escolha, não tive uma socialização enquanto homem, não me identificava e nem que eu quisesse, eu não era. Eu não sei definir o que é mulher, eu olho para elas e me sinto igual”*.

Quadro 15: Ficha da participante Violeta

VIOLETA

23 ANOS | BRANCA | 1 ANO E 4 MESES DE TRANSIÇÃO
MULHER TRANS | MAJORITARIAMENTE HETEROSSEXUAL

ASPECTOS PROFISSIONAIS

ESCOLARIDADE

Ensino médio completo.
Faz faculdade (Curso: Artes Cênicas)

OCUPAÇÃO

Estudante de Artes Cênicas. Faz leitura de mapa astral, ministra encontro de teatro só para mulheres e outros projetos paralelos.

PLANOS FUTUROS

Violeta está terminando a faculdade e se mostrou preocupada com o mercado de trabalho. Além de investir na leitura de mapas astrais, ela pretende criar um canal no Youtube para falar sobre astrologia.

FEMINILIDADES

SOBRE SER MULHER

Mulheres e homens são construções sociais com papéis bastante rígidos. *'Eu não tive escolha, não tive uma socialização enquanto homem, não me identificava e nem que eu quisesse, eu não era. Eu não sei definir o que é mulher, eu olho para elas e me sinto igual.'*

Diferenças

MULHER TRANS E TRAVESTI

A diferença está associada a fatores sociais, sendo também uma questão de identificação. Violeta explicou que essa é uma questão muito complexa para se resumir em poucas palavras.

INSPIRAÇÕES

As *'trans da militância aqui no Brasil'*, como Amara Moura, Amanda Palha e Viviane Vergueiro, além de Jaqueline Gomes de Jesus. Violeta citou também as cantoras Madonna, Lady Gaga e Beyonce e a atriz Laverne Cox.

CORPO



Violeta teve o cabelo pintado de vermelho (ruivo) por um tempo e recentemente resolveu escurecer.

Não quer fazer nenhuma cirurgia, apesar a depilação a lazer no rosto (barba).

Não quer fazer a cirurgia de redesignação sexual

'Eu sentia que seria sempre um corpo a margem, que eu não seria nem homem suficiente para os homens gays e nem mulher o suficiente para os homens heteros.'

REDES SOCIAIS

Posta textos e fotos sobre seu processo de transição, fala sobre as mudanças que vem ocorrendo com seu corpo e outras questões relacionadas a ser trans. As redes sociais foram muito importante para seu empoderamento e muitas pessoas passaram a segui-la desde então. Porém, Violeta disse que ainda não sabe bem como aceitar os elogios, pois as vezes tem a impressão que as pessoas a elogiam por ela ser trans: *'é um novo jeito de se desconstruir.'*

ENFRENTAMENTOS

Antes da transição, Violeta passou por momentos difíceis, teve depressão e tentou suicídio algumas vezes. Violeta não entrou com o processo de retificação por conta do investimento financeiro que é necessário. Tem a *'passabilidade abalada'* quando está com a barba crescendo e as pessoas a encaram na rua.

Indicação feita por amigo da autora da pesquisa | 1º CONTATO 04/08/2016
ENTREVISTA 11/11/2016 | AMBIENTE WhatsApp

3.3. COLETA DE DADOS COMPLEMENTAR

3.3.1. Sobre ser puta

Erika Hilton tem 23 anos, é negra, travesti e prostituta. Com muito custo, Erika conseguiu terminar o ensino médio por meio do EJA (Educação de Jovens Adultos) e, atualmente, é docente e coordenadora de um cursinho popular da USP São Carlos só para pessoas trans e travestis. Além disso, é militante de várias causas, entre elas, da prostituição, e em 2016 foi candidata a vereadora na cidade de Itu. Vale ressaltar que Erika Hilton é a única participante desta pesquisa que não manteve seu nome em sigilo, enfatizando que gostaria de usar seu próprio nome.

Visando coletar dados voltados para a prostituição, a entrevista com Erika Hilton não seguiu o mesmo roteiro semiestruturado utilizado para as dez participantes dessa pesquisa. Desse modo, diferente das demais entrevistadas, em que foram estabelecidos longos contatos que foram sendo costurados, no caso dessa entrevista, optou-se por apresentá-la na forma como foi realizada, transcrevendo as respostas da entrevistada.

Esta entrevista teve como objetivo ampliar a coleta de dados sobre a prostituição e entender como a mesma acontece para as pessoas trans que são expulsas de casa ainda muito jovens, como é o caso de Erika. A entrevista foi realizada no dia 7 de dezembro de 2016 por áudios do aplicativo WhatsApp.

Sobre sua relação familiar

“A relação familiar não foi tão boa. Quando eu nasci meus pais já eram separados, ele cumpriu o papel dele de homem em uma sociedade patriarcal, que abandona a cria, a mulher, tudo. Por conta disso, nós temos aquela relação bem superficial. Minha mãe sempre foi a criadora, que batalhou para me criar.

Os problemas começaram quando me assumi gay, por volta dos 13, 14 anos. Eu fui agredida, expulsa de casa por várias vezes, tive um relacionamento abusivo por 4 anos por conta de moradia e foi aí que eu conheci a prostituição, a noite e toda [ênfase] a vida que a gente tem, sem viés militante, sem nada. Sem nenhum embasamento político, eu só vivia. Só fui para a marginalidade e me tornei um corpo ainda mais abjeto do que sou – ainda sou um corpo abjeto. Hoje a gente se dá muito bem [falando de sua mãe], ela é uma grande amiga, mas nem sempre foi assim.”

Sobre o processo de transição

“Falar de transição para mim é algo muito complicado porque eu ouço amigos, pessoas trans e travestis que conversam comigo diariamente, falando sobre suas transições e eu não tive esse processo de autoconhecimento, da indagação, do questionamento do que está acontecendo, de que há algo errado. Eu sempre fui muito feminina, muito garota, mas foi muito espontâneo, eu já era Erika, eu já tinha assumido essa identidade.

Essa coisa do autoconhecimento, do questionamento sobre ser trans, não é recente, mas com a ascensão do debate dentro dessa pauta, as meninas que não são expulsas de casa, que tem qualquer tipo de privilégio, que eu enquanto travesti, pobre, negra, periférica de família cristã não tive. Eu percebo realmente que elas têm essa coisa do falar, que é muito importante para a construção enquanto indivíduo, enquanto pessoa, que eu não tive.”

Como chegou até a prostituição?

“As primeiras agressões começaram quando eu comecei a passar maquiagem muito leve no olho e foi onde começaram os primeiros transtornos, com cerca de 13, 14 anos. Nessa época eu comecei a assumir características tidas como femininas muito mais fortes e fui expulsa de casa várias vezes, eu ia para rua e voltada e ainda não tinha conhecimento da prostituição. Com uns 15 anos, quando fui posta realmente para fora de casa, eu não sabia muito o que fazer e não era completamente feminina naquilo que se entende como feminino, mas eu já despertava uma certa euforia e desejo nos homens.

Nisso, fui procurada pela primeira vez, por um senhor muito nojento inclusive, meu primeiro convite para que eu chupasse por um valor muito baixo e aí é onde “pá” [ênfase], eu desperto para a prostituição, mas ainda por um lado ruim, por pura sobrevivência e necessidade. Depois disso, automaticamente vem o contato com outras travestis, o conhecimento da rua, e a hormonização. Hormonização feita na rua, de boca a boca, prescrita pelas próprias travestis.”

Sobre a hormonização

“Os medicamentos que eu uso, eu falo para a mais nova tomar, e a gente vai dando essas dicas sem nenhum conhecimento médico nem nada, muitas mal terminaram o ensino fundamental. Isso de trocar receitinhas é muito comum na rua, nas casas de prostituição e entre mulheres trans e travestis no geral.”

Sobre a prostituição

“Acho que as discussões de gênero têm feito com que meninas se descubram mais cedo, o que é ótimo. O maior problema é que elas estão sendo jogadas para rua muito mais jovens, sem nenhum apoio ou estrutura, elas aprendem na rua com a vivência. Na maioria dos casos, elas são jogadas nas ruas, diretamente para a prostituição, sem escolha. É importante lembrar também que existe um grupo de mulheres ativistas que escolheram de forma política estar ali.”

Sobre a dificuldade de mulheres trans e travestis na prostituição falarem por si mesmas

“A hipocrisia social não permite que essas mulheres se empoderem e sejam donas dos seus próprios corpos, usando a palavra puta [ênfase] de forma política, como uma resistência. Eu gosto muito da palavra puta e prostituta, porque às vezes puta fica muito pesado justamente pela hipocrisia social. É como se puta fosse menos digna, menos merecedora de respeito.

A maior parte das pessoas que estão na prostituição estão por questões de sobrevivência, não tem contato com viés político, femininas, liberdade, dona do próprio corpo. Não têm a visão de que estão ali trabalhando e ganhando dinheiro honestamente com seu trabalho. É difícil conseguir fazer essas pessoas falarem com você. Existe toda uma precariedade de acesso à informação que faz com essas meninas e mulheres tenham medo e não consigam se impor.

A grande maioria tem Facebook mas entra muito [ênfase] pouco, não consigo falar mais com as meninas da rua como falo com outras travestis midiáticas, que usam a mídia como instrumento de fala”

Sobre o meio acadêmico

“O que me preocupa no meio acadêmico - e eu vivo nesse meio - , é quando vão falar de travesti e prostituição ou qualquer outro assunto que não seja hegemônico, a forma como se fala e as pessoas que falam sobre isso. Sabe?! Às vezes transforma uma coisa que é tão importante e política em algo romantizado. Então, se não for para falar realmente das vivências do indivíduo então nem faça.

Outra coisa que acontece é que às vezes as travestis prostitutas que estão nas ruas não olham para a gente como iguais. Acham que não fazemos parte daquele meio. Não conseguem se identificar com a nossa fala, como se estivéssemos em outro patamar. Muitas não querem ouvir, não querem se abrir, não confiam. Isso acaba atrapalhando o trabalho da militância.”

Além da entrevista com Erika Hilton, uma outra participante – Ravena -, também auxiliou para a compreensão de outros dois assuntos que apareceram ao longo da pesquisa de campo: pessoas trans não-binárias e sobre fazer *cisplay*.

3.3.2. Sobre estar no meio: pessoas trans não-binárias

Ravena⁴¹ tem 33 anos, nasceu na cidade do Rio de Janeiro e há pouco mais de um ano mudou-se com a esposa para Duque de Caxias⁴², no estado do Rio de Janeiro. Ela é casada com uma mulher cis há 3 anos. Formou-se no Ensino Médio, por um tempo fez faculdade de Letras, mas parou e atualmente é gerente de um restaurante fast food, pertencente a uma grande rede norte-americana.

As falas em cinza e itálico foram retiradas da entrevista realizada pelo WhatsApp, no dia 31 de outubro.

Ravena se identifica como trans não-binária e que sua expressão de gênero seria preferivelmente feminina ou andrógena. Ela explicou que quando uma pessoa é designada homem ao nascer e se sente mulher, essa pessoa faz a transição e pronto. Porém, como fazer *“quando essa pessoa se sente tão presa no masculino quando se sentiria no feminino?”* Esse é o caso de Ravena, *“algo mais puxado para o meio”*, nem masculino nem feminino, às vezes um, às vezes outro.

Sobre não-binários, Ravena falou que uma forma mais fácil de entender seria por meio da *“invisibilidade bissexual, pois apanha de hétero e apanha de gay”*. Ravena disse que *“um terceiro gênero”* poderia ser uma saída fácil e rápida, porém, ao mesmo tempo, colocaria todos os não-binários dentro de uma nova caixinha e poderia virar um grande alvo de ataques de pessoas que querem prejudica-los.

Ravena disse que além de ser trans não-binária, é pansexual, e explicou que pessoas pansexuais não se atraem por gênero, mas por pessoas: *“Pode ser homem ou mulher cis, trans, com os dois gêneros ou sem nenhum”*. Por ser não-binária, ela disse que sua esposa tem a liberdade de chamá-la tanto como “ela” ou como “ele”, isso depende da situação.

Ravena faz hormonização por conta própria e disse que por ter começado com 32 anos, seus seios cresceram pouco, mas no geral, seu corpo já apresenta mudança. Ela acrescentou que pretende fazer depilação a laser no rosto também.

⁴¹ O nome escolhido por essa participante vem da personagem Ravena do Jovens Titãs, da DC Comics.

⁴² Duque de Caxias é uma cidade que faz parte da Região Metropolitana da cidade do Rio de Janeiro, sendo o terceiro município mais populoso do Estado, com cerca de 882 mil habitantes (IBGE, 2016.)

3.3.3. Sobre fazer *cisplay*

O termo *cisplay* apareceu na entrevista com Alice e mostrou-se uma importante estratégia de sobrevivência frente a determinadas situações. Assim, por indicação de Alice, foi possível conhecer Ravena, já apresentada acima, que pode contribuir tanto com a questão de ser não-binária como também pelo fato de fazer *cisplay*.

O termo *cisplay* não é de comum conhecimento de todas as participantes, sendo um termo frequentemente associado ao *cosplay*⁴⁴, porém, vem sendo incorporado aos poucos pelas pessoas trans que precisam interpretar o gênero designado em seu nascimento em determinadas situações, nos mais diferentes níveis. Diante da ausência de fontes científicas ou com mais consistência sobre o termo *cisplay*, optou-se por apresentar 3 postagens por meio das ferramentas de busca do Facebook, contextualizando melhor as formas como esse termo é empregado.

1. *“Eh, a sociedade ganhou. Vou ter que **fazer cisplay** para conseguir trabalhar como gente normal e parar de me preocupar com grana feito bicho”.*⁴⁵

2. *“Estando no **modo cisplay** eu sofro homofobia... o professor de natação por achar que eu era viado me tratou mal, não quis me deixar nadar com a roupinha q eu mandei fazer pra mim [...] “os meninos só nadam de sunga aqui”.*⁴⁶

3. *“Nível de preguiça: **sair de casa de cisplay** pra não precisar se arrumar”.* Nos comentários dessa postagem, havia um comentário escrito *“cisplay é violência”.*⁴⁷

Ravena disse que seu processo de transição começou acerca de 1 ano, junto com a hormonização, porém, apenas sua esposa e algumas amigas sabem que esta mudança está acontecendo. Ravena disse que mesmo tendo cabelos coloridos, em seu trabalho, ela faz *cisplay*, ou seja: vai vestida com roupas masculinas e ainda é vista como um *“homem branco cis heteronormativo, casado com uma mulher cis”*. Além das pessoas de seu trabalho, ela contou que sua família e a da sua esposa também não *“conhecem Ravena”*, para eles, ela ainda é *“ele”*. Sobre *cisplay*, Ravena disse:

⁴⁴ Cosplay é o ato de se fantasiar de personagens de animês, mangás, histórias em quadrinho, jogos entre outros.

⁴⁵ Post realizado no dia 12 de setembro de 2016.

⁴⁶ Post realizado no dia 29 de julho de 2016.

⁴⁷ Post realizado no dia 12 de setembro de 2016.

“Acredito que tem gente que mesmo sendo mulher por dentro e tendo uma vida feminina em casa, faz cisplay no trabalho. Tem gente que se considera mulher mas faz cisplay fora de casa e dentro e tem gente que só se liberta sob sigilo, num sistema muitas vezes fetichista chamado crossdresser.”

Ravena disse que precisou fazer outro perfil como Ravena, pois muitos dos seus familiares ainda não sabem e não entenderiam sua transição. Por conta disso, ela optou por manter seu perfil antigo mas disse que quase não atualiza mais e em breve pretende desativar. Outro fator que contou na hora de Ravena criar seu novo perfil foram os grupos trans para hormonização, pois ela ficou com medo que não fosse aceita com seu perfil antigo, porque *“pensariam que sou t-lover ao invés de trans”*. Além disso, ela disse que foi bom começar do zero, como Ravena.

Sobre *t-lovers*, Ravena explicou que são homens que geralmente querem ser passivos, mas ainda estar em uma relação sexual com uma figura feminina, são *“vulgarmente chamados de mariconas”*. Ela disse que muitas vezes são pais de família moralistas que na verdade também sofrem com o machismo, pois *“não podem assumir que gostam de sexo anal, pois isso fere sua masculinidade.”*

Ravena disse que apesar de ser não-binária e não se importar de sua esposa se referir a ela com pronomes masculinos e femininos, ela disse que nas redes sociais preferiu deixar tudo no feminino, por ser mais cômodo e *“evita dor de cabeça”*. Ravena tem cerca de 170 amigos no Facebook e cerca de 37 seguidores no Instagram.

Ravena foi a única das entrevistadas, que, ao aceitar a solicitação de amizade no Facebook, tomou a iniciativa de ir falar com a autora da pesquisa - por meio do Messenger – e disse: *“Olá”*. Assim, ao responder e explicar o motivo do contato, Ravena topou participar da pesquisa, mas disse que talvez não se encaixasse no perfil das entrevistadas, pois como ainda é vista como homem, tem muitos privilégios que as pessoas trans não tem. Ela acrescentou ainda que não costuma adicionar pessoas, mais por ser uma mulher ela aceitou. Por conta disso, foi possível perceber desde o primeiro contato que Ravena usa as redes sociais de forma mais reservada.

Em seu perfil pessoal no Facebook não existe quase nenhuma foto sua, a maioria das imagens que Ravena posta – tanto como foto de perfil, como em sua linha do tempo -, são retiradas da internet. Em seu perfil pessoal, a apresentação é a seguinte: *“Sou NB, trans, visual andrógino feminina, pan, atea, transfeminista, empoderadora das manas”*.

Ravena explicou que não posta muitas fotos suas, pois muita gente ainda não sabe e por isso, tanto no seu Facebook como no Instagram, Ravena tem algumas poucas fotos suas, todas cheias de filtros e efeitos artísticos para não tornar a imagem tão nítida. Mesmo sem postar quase fotos suas, Ravena posta diariamente imagens de animês e mangás, fotos de fantasias e ideias para eventos de *cosplay*, fotos de lingerie, tirinhas, memes e gifs retirados da internet.

Entre as postagens diárias de Ravena, ela compartilha conteúdos relacionados a questões trans e LGBT. Além disso, Ravena posta muitos pensamentos relacionados à sua vida, às dificuldades enfrentadas diariamente e depressão que a acompanha há muitos anos. Suas postagens servem como um desabafo, Ravena pede forças para enfrentar os dias difíceis e compartilha parte dos seus sentimentos. Em uma dessas postagens Ravena disse: *“Frustração. Sensação de vazio. Sem esperança de mudar as coisas tão cedo, me sentindo presa...”*

Tudo isso só será possível se aprendermos a reconhecer os dilemas éticos da nossa profissão.

Victor Papanek

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1. TORNAR-SE MULHER: O QUE O DESIGN TEM A VER COM ISSO?

Tendo como objetivo analisar como o design e a moda participam da construção identitária de mulheres trans e travestis no contemporâneo, foi necessário primeiramente entender os aspectos internos que constituem suas identidades, para então, trazê-los para o campo do design e da moda. Como já mencionado anteriormente, a discussão sobre o tema identidade é ampla, sendo discutido em várias áreas das ciências e desse modo, esta pesquisa não tem a intenção de traçar perfis fechados das entrevistadas e nem esgotar suas análises, uma vez que se mostraram complexas e cheias de particularidades que precisam ser aprofundadas por meio de novos estudos.

Sobre o perfil do grupo estudado, tratam-se de mulheres trans e travesti entre 20 e 28 anos de idade, que começaram a transição com uma diferença no tempo de 1 a 12 anos atrás. Das 10 participantes, 5 se declaram brancas, 3 negras, 1 parda e 1 mulata. Quanto a identificação como mulher trans ou travesti, 8 se identificam como mulheres trans e 2 como travestis. Por tratar-se de uma questão bastante abrangente e que necessita de um olhar mais cuidadoso, esta questão será retomada mais à frente, na página 160.

As participantes desta pesquisa nasceram entre 1989 e 1997 e cresceram no final do século passado e no início desse século, ou seja, são pessoas que cresceram junto com o a internet, usaram internet discada, viram o surgimento e a transformação dos celulares em smartphones, participavam de chats de conversa, do ICQ, Orkut e agora possuem Facebook, Instagram, Twitter e Snapchat. Além disso, as duas primeiras décadas desse século é marcada também por políticas públicas voltadas para o público LGBT e trans, fazendo com que a discussão sobre identidade de gênero, sexualidade e transexualidade fosse aos poucos ganhando espaço e hoje trata-se de um assunto discutido por diferentes classes sociais, em diferentes esferas e contextos.

Todas essas questões refletem na forma como as participantes desta pesquisa fazem seus enfrentamentos. Nesse sentido, essa pesquisa encontrou alguns aspectos distantes do que muitas vezes é associado a mulheres trans e travestis, no que diz respeito a marginalização, exclusão social e prostituição. O recorte desta pesquisa apontou para mulheres jovens que possuem consciência de seus direitos, e que buscam – grande parte por meio da internet – ferramentas e vocabulários capazes de auxiliar nessa intensa jornada em busca de si mesma. Mesmo considerando as (muitas) dificuldades enfrentadas pelas participantes, foi possível perceber que utilizar as redes sociais como forma de expressão, representação e informação faz parte de um novo público, de uma geração mais atuante e empoderada.

Vale ressaltar que esta pesquisa não tem a intenção de confrontar os dados que apontam a baixa escolaridade das pessoas trans, bem como a necessidade de recorrer a prostituição como forma de sobrevivência, entre outros que apontam a marginalização dessas pessoas, entretanto, vale apontar que adquirir informações tornou-se mais fácil com o auxílio da internet e isso vem possibilitando que cada vez mais mulheres trans e travestis tenham condições de reivindicar seus direitos enquanto mulheres, uma vez que, cada vez mais cedo, passam a ter conhecimento sobre transexualidade por meio de séries, canais no Youtube, páginas no Facebook entre tantas outras mídias.

É importante destacar o fator classe social, que por sua vez está diretamente associado à educação, moradia, bens de consumo e conseqüentemente, ao acesso à internet. Assim, mesmo o Brasil sendo o 3º país com mais usuários no Facebook no mundo inteiro⁴⁸, pouco mais da metade da população brasileira - cerca de 58% - tem acesso à internet (BRASIL, 2016). Nesse contexto, as escolhas metodológicas feitas ao longo da pesquisa de campo, em especial, o fato do primeiro contato ser feito pelo Facebook, ao mesmo tempo em que restringiu a possibilidade de entrevistar mulheres trans e travestis em situação de extrema vulnerabilidade e exclusão social/digital, possibilitou encontrar participantes inseridas no meio digital e que fazem das redes sociais suas formas diárias de resistência.

Mesmo as participantes com maiores dificuldades financeiras – como no caso de Alice e Solange -, possuem local de moradia fixo, bens de consumo e usam a “*santa da internet*” diariamente. Além disso, todas as participantes são financeiramente estáveis, seja por trabalho próprio ou auxílio dos pais. Das 10 participantes, 7 nasceram no interior de São Paulo e 3 na capital. Atualmente, 6 entrevistadas moram em cidades no interior paulista com menos de 400 mil habitantes (Bauru, Pederneiras e Ribeirão Bonito), 3 moram em Campinas – cidade considerada metrópole e 1 mora em São Paulo, cidade considerada megalópole. Das 10 participantes, 6 não moram mais com os pais, 2 saíram de casa por um tempo e atualmente voltaram a morar com seus pais e 2 sempre moraram e continuam morando com seus familiares. Das 6 participantes que não moram mais com seus pais, 5 moram com amigas e/ou amigos e uma mora sozinha.

Em relação a escolaridade e formação, 3 possuem o Ensino Médio completo como grau máximo de escolaridade, 1 tem formação em Ensino Técnico além do Ensino Médio, 4 possuem Ensino Superior completo nas áreas de Enfermagem (1), Design de Moda (2) e Produção Visual (1) e 3 são estudantes de graduação dos cursos de Engenharia da

⁴⁸ O país com mais usuários é os Estados Unidos e em 2º lugar é a Índia, lembrando que o Facebook é a maior rede social do mundo. (PERON, 2016).

Computação, Artes Cênicas e Educação Física. Ou seja, 7 das 10 participantes da pesquisa possuem formação universitária ou estão caminhando para isso. Das 3 participantes que não fazem faculdade, duas relataram o desejo de fazer Psicologia e Serviço Social.

Um ponto em comum compartilhado pela maioria das entrevistadas foi a preocupação em relação ao futuro profissional e ao mercado de trabalho. Alice por exemplo, disse que o mercado de trabalho é fechado para pessoas trans, e no seu caso é ainda pior, pois de trans, ela é negra. No caso de Giovanna, ela disse que ser trans faz com que as pessoas não a levem a sério no meio acadêmico. Por conta dessas dificuldades relacionadas ao mercado de trabalho, algumas participantes estão procurando alternativas – e tem como planos futuros - encontrar fontes de renda além de um emprego formal, como é o caso de Chloe, que pretende fazer mestrado e está lançando um canal sobre maquiagens no Youtube, Violeta também está criando um canal sobre astrologia no Youtube, Giovanna planeja escrever um livro e quando se formar quer trabalhar com empreendedorismo, Carla quer abrir sua própria academia, Frida pretende trabalhar como modelo e Marina quer um emprego em que possa viajar.

As participantes que não mostraram preocupação com seus futuros profissionais, possuem planos futuros que envolvem sua vida pessoal, como no caso de Gabriely, que quer realizar a cirurgia de redesignação sexual e depois se mudar de Estado e Solange, que pretende continuar em 2 empregos para quer potencializar sua transição. Aqui vale destacar que essas 2 participantes são as únicas que possuem empregos formais e apresentam maior autonomia financeira: Gabriely possui 2 formações (cabelereira e enfermeira) e atua no mercado de trabalho em ambas as áreas; e Solange, tem como grau máximo de escolaridade o Ensino Médio completo com técnico em contabilidade, atualmente trabalha em 2 Call Centers como como atendente de telemarketing.

Outro aspecto que merece ser pontuado, é a relação das participantes com seus familiares. De modo geral, é possível dizer que as entrevistadas possuem uma relação saudável com seus familiares e mesmo nos casos onde a transexualidade foi inicialmente um problema, hoje a relação não é tão conflituosa quanto antes. Apenas uma das participantes (Pan) foi expulsa de casa e foi para a prostituição. Notou-se que as participantes tiveram e ainda tem uma estrutura, por meio da família ou amigos, para lidar com os conflitos enfrentados ao longo do processo de se assumir e transicionar.

Foi possível observar que o design e a moda fazem parte da construção identitária das mulheres transexuais e travestis no contemporâneo. A relação das participantes com o design e a moda apareceu de forma determinante na construção de suas identidades, mostrando-se acima de qualquer objeto, uma questão cultural e

simbólica intimamente ligada ao estilo de vida de cada sujeito. As fotos dos quartos das participantes, os objetos de suas bolsas e as postagens no Facebook foram importantes meios de dar relevo – de materializar – suas identidades. Pensando o design como produtor de uma parcela significativa da cultura material na sociedade contemporânea, foi possível encontrar conexões entre as identidades das participantes e o campo do design.

Antes da transição, muitas participantes não tinham amigas e amigos e nem interação social, alguns relatos deixaram claro o quão era difícil lidar com o sentimento de não pertencimento ao “clube do Bolinha” e com o desejo de ser mulher. Foi possível constatar que a importância dada a esse período está relacionada ao fato dessas pessoas terem passado – de diferentes formas – por um profundo processo de autoconhecimento. Todo esse processo é doloroso e exige uma grande autoaceitação antes de ganhar corporeidade. O começo das modificações corporais mostrou-se como um ritual de passagem onde o ato de poder alterar o próprio corpo possibilitou a articulação de novas estéticas, ressignificando seus corpos e identidades. Além de libertador, transicionar mostrou-se necessário para que essas pessoas continuassem, ou melhor, passassem a existir. Assim, pequenos gestos como passar batom, comprar lingerie, vestir uma saia ou deixar os cabelos crescerem, transformam-se nos corpos dessas mulheres, em atos políticos: atos que reivindicam suas existências como mulheres, não aceitando o gênero que foi lhes imposto pela biologia e pela sociedade.

A “mudança” do guarda-roupas aconteceu de diferentes formas, entretanto, o sentimento relatado foi de liberdade em todas as situações. A apropriação de roupas, acessórios, sapatos, maquiagem e outros itens relacionados ao “universo feminino”, mostraram-se importantes ferramentas de enfrentamento, servindo como instrumento de fala capaz de legitimar e abrir espaço para que a identidade dessas pessoas seja compreendida como feminina. Como apontado por Lipovetsky (2009), a moda - no sentido de vestimentas – mostrou-se capaz de potencializar a subjetividade do indivíduo proporcionando autonomia individual e servindo como instrumento de autodefinição do indivíduo na sociedade.

A divisão de objetos e roupas por gênero (feminino e masculino) mostrou-se importante no sentido de distanciar as participantes do gênero que elas estavam negando e as aproximar, por meio da incorporação de objetos – no seu sentido mais amplo –, do gênero reivindicado: o feminino. Diante disso, evidencia-se, como apontado por Castilho e Martins (2005), que a moda potencializa o corpo por meio de suas sobreposições e interferências, sendo capaz de ressignificar o corpo e dar novos valores a ele.

O uso de lingerie apareceu carregado de grande valor simbólico. Como no caso

de Violeta, que começou a usar sutiã antes mesmo de seus seios começaram a crescer e disse que o ato de “colocar o sutiã” é algo que a agrada muito. Além disso, Violeta apontou que no começo de sua transição, o fato de usar sutiã fez com que as pessoas a compreendessem no feminino, uma vez que o uso de sutiã é um objeto legítimo das mulheres. Além disso, tanto ela, quanto outras participantes mencionaram que usar cuecas tornou-se desconfortável emocionalmente. Porém, mesmo preferindo o uso de calcinhas, algumas participantes relataram um certo desconforto físico em seu uso, dizendo que nem todas ficam bem e as vezes incomodam.

Essa questão contribui para os apontamentos feitos por Beat Schneider (2010), ao dizer que os produtos estabelecem relações com seus usuários ao transmitirem valores simbólicos que se tornam tão importantes quanto as funções práticas e estéticas do objeto. Notou-se que a calcinha foi um objeto onde a função simbólica realmente se sobressai em relação a suas demais funções. Além da lingerie, o uso de saias, vestidos, sapatinhas e sapatos de salto alto, bem como o uso de maquiagem e cuidados com o cabelo, apareceram como grandes símbolos associados ao feminino.

Quando a referências relacionadas ao processo de construção de identidade, grande parte das entrevistadas mencionou o nome de atrizes, cantoras, artistas, modelos, e pessoas em destaque nas mídias televisivas e digitais. Além dessas referências, 3 entrevistadas enfatizaram a relação de identificação com as mulheres da família: mães, irmãs e avós, conforme podemos verificar nos depoimentos a seguir: Chloe tinha o costume de usar roupas de sua mãe e sua irmã para ir aos encontros emos; Carla contou que sua mãe tem um estilo parecido com o seu e que ela tinha um guarda-roupa “imenso” que foi passado para ela; Frida mencionou que sua mãe e sua vó são duas grandes inspirações, e que inclusive, uma das perucas que ela comprou foi por lembrar os cabelos de sua mãe.

Notou-se semelhanças entre as participantes no que diz respeito a incorporação de objetos associados ao feminino, evidenciando que esses produtos fazem parte de um contexto maior, que por sua vez, é associado ao feminino. Essa questão evidencia, como já apontado por Cardoso (2012), que ao fazer associações simbólicas com os objetos, estamos atribuindo qualidades que na verdade não derivam daquele objeto em si, mas sim do repertório cultural que o mesmo está inserido. Entretanto, apesar da apropriação de elementos em comum, não foi possível identificar padrões de beleza claros e bem delimitados, pois apesar de muitas incorporarem os mesmos elementos para suas construções estéticas, as interpretações de feminilidade se materializam em cada corpo de uma forma particular.

Durante as entrevistas, a maioria das participantes disse que não segue estilo, mas sim, tem seu estilo próprio. Mesmo Gabriely, a única que definiu seu estilo como sendo “sertanejo”, disse que também não costuma seguir tendência e estilos. Mesmo

com semelhanças estéticas e de estilo entre as participantes, mesmo com estilos de selfs semelhantes e postagens sobre os mesmos assuntos – notou-se que “ser mulher” é vivido por cada uma delas de uma forma particular, possibilitando diferentes performances de gênero. Diante disso, não foi possível identificar expressões diferenciadas em relação a construção de suas identidades femininas, uma vez que o grupo pesquisado tem como referência ou inspiração compartilhadas também pelas mulheres cis. Em outras palavras, as participantes desta pesquisa – de modo geral - não pretendem criar e nem romper com os padrões considerados femininos, pois almejam ser mulher como “outras mulheres”. Como disse Gabriely, ao falar sobre seu maior sonho: “seguir a vida normal de mulher sem ninguém me olhar ou perguntar se sou trans”.

Tinha-se como um dos objetivos específicos desta pesquisa, criar recomendações para a área do design e da moda, visando a criação de produtos mais eficientes e específicos para esse público, entretanto, ao constatar que as participantes dessa pesquisa não possuem desejos de consumo específicos para sua categoria, optou-se pela criação de tópicos de auxílio – apresentados ao longo desse capítulo - para futuros estudos, uma vez que um dos desafios encontrados nesta pesquisa foi a falta de referências bibliográficas que conectassem design a questões de gênero sem ser pelo viés da ergonomia.

Aqui vale ressaltar a importância dada as roupas íntimas, em especial a calcinha, que apareceu em parte das entrevistas como desconfortável, mas ainda assim, essencial. Nesse caso, o desenvolvimento de calcinhas especiais auxilia no bem-estar dessas pessoas, porém, as possibilidades de atuação do design e da moda não se limitam, nem de longe, a questões ergonômicas. Assim, foi possível perceber que – de modo geral - essas mulheres não querem novos objetos e produtos para mulheres trans e travestis, o que elas querem na verdade, é poder utilizar os objetos já existentes e incorporados pelas mulheres cis.

Como já apontado por Bürdek (2010) no capítulo 2, com o avanço da tecnologia, da pesquisa genética e da informática, o corpo passa a ser em si, a ser objeto de design. Nesse sentido, o que podemos perceber por meio dos estudos de caso, é que as próprias participantes são designers de si mesmas, uma vez que a maioria faz tratamentos hormonais de forma independente, apenas consultando pessoas mais experientes que já passaram por estes processos de redefinição corporal.

As mudanças relatadas devido ao uso dos hormônios englobam o crescimento moderado dos seios, aumento de quadril e maçãs do rosto – deixando o rosto mais “suave”, diminuição de cintura, massa muscular, testículos e diminuição moderada dos pelos faciais e corporais. O uso do estrogênio não é capaz de inibir totalmente o crescimento dos pelos, por isso, foi relatado por algumas participantes, a vontade

de fazer depilação a laser. Além da praticidade e de um efeito estético melhor, essas técnicas de remoção de pelos permite uma tranquilidade maior em relação à aparência. Além de Gabriely, Pan e Marina que já possuem silicone, a vontade de colocar próteses foi compartilhada por outras participantes. Os hormônios também não são capazes de alterar a voz, por isso, algumas participantes relataram um certo incômodo com suas vozes e apontam que a mudança vem apenas com o hábito, ou seja, na imitação da própria voz.

A cirurgia de redesignação sexual surgiu como tema de quase todas as entrevistas antes mesmo da pergunta sobre ela ser feita. Seja para dizer que está na fila de espera para fazer a cirurgia, ou seja para dizer que não pretende fazer, essa questão se fez presente em todas as entrevistas, e teve respostas bem diferentes. Nenhuma das entrevistadas realizou a cirurgia de redesignação sexual. Das 10 participantes, 3 querem fazer a cirurgia: Gabriely disse que esse é seu maior sonho, Chloe está na fila de espera e Frida disse que pretende fazer mais não agora. Além delas, Marina precisa de um tempo para pensar sobre essa questão e as outras 6 participantes optaram por não fazer a cirurgia de redesignação sexual devido as consequências da mesma, por não abrirem mão da libido e do prazer sexual e por não se acharem “menos mulheres” por terem pênis.

A postagem de Solange “Sou mulher de peito e pau” não diz respeito apenas a uma particularidade do seu próprio corpo, é na verdade muito mais do que isso, Solange reivindica um espaço identitário muitas vezes questionado dentro dos próprios movimentos transexuais e feministas. Vale ressaltar que existem movimentos feministas que não consideram mulheres trans e travestis. Além de Solange, outras participantes relataram sentimentos alegres relacionados a descobrimento de um novo corpo onde o pênis é ressignificado em um corpo feminino. Desse modo, a relação das participantes com seus genitais se mostrou – em alguns casos - distante dos discursos médicos que dizem que pessoas trans são disfóricas, ou seja: tem aversão a seu genital.

Com exceção de Giovanna, todas as participantes se identificaram como “meninos gays” antes da transição. Na verdade, Giovanna também passou por essa fase, mas enfatizou que foi uma estratégia para a transição, pois sempre soube que gostava de mulheres. Solange, além de ter se assumido gay, declarou-se até pouco tempo antes da transição, como não-binário. Hoje Solange e Alice são bissexuais, Pan é pansexual, Giovanna é lésbica e Chloe, Gabriely, Carla, Frida, Marina e Violeta são heterossexuais. Cabe dizer que o questionamento sobre a necessidade de rotular e definir a sexualidade apareceu em várias conversas.

Identificou-se um certo incômodo com o uso do termo “heterossexual”, por parte das

participantes que se afirmaram heterossexuais, evidenciando ser um termo que reduz as possibilidades de se relacionar. Frida por exemplo, “*odeia*” se dizer heterossexual, prefere “*transviada com atração por homens*”, Marina é “*hétero com exceções*” e Violeta “*majoritariamente hétero*”, mostrando que declarar-se heterossexual reduz suas identidades a algo que elas não querem.

A hiperssexualização foi mencionada em várias conversas, vários foram os relatos de homens que chegam por inbox no Facebook (o Messenger) e mandam direto a foto de seus genitais, e nos aplicativos de paquera acontece algo muito semelhante. Além do meio digital, essa questão também aparece nas ruas, no trabalho, na escola entre muitos outros lugares. Solange disse que enquanto negra e travesti, a hiperssexualização vem com muito mais força, e junto disso, a transfobia vem de todos os lados, entre eles, do trabalho e até mesmo de suas irmãs e irmãos de raça.

O Brasil, além de ser o país que mais mata pessoas transexuais do mundo, é também o país que mais consome pornografia com transexuais e travestis. Em pesquisa realizada pelo RedTube⁴⁹, constatou-se que no Brasil, a chance de busca com a palavra-chave transexual é de 89% maior que a média mundial. Faz-se necessário olhar para esses dados com atenção uma vez que as mulheres trans e travestis são reduzidas a corpos abjetos capazes de despertar desejo e ódio ao mesmo tempo, e ambos convergem para a mesma coisa: violência.

No caso de Giovanna, não querer a cirurgia de redesignação sexual e ser lésbica, é algo que ainda faz com que muitas pessoas não a compreendam. Como ela mesma disse, foi necessário tornar-se feminina o suficiente, a ponto de ser “*confundida*” como uma mulher cis, para então assumir que gostava de mulheres. Giovanna disse que durante as festas, muitos homens chegam nela quase sempre com os mesmos discursos: elogiam sua aparência feminina, dizem que não entendem porque ela “*pega*” mulheres e não homens e, por fim, deixam claro que não querem ficar com ela pois ela é, na verdade, heterossexual.

Mesmo com toda a passabilidade que Giovanna tem, o fato de ainda ouvir que ela é heterossexual, quer dizer na verdade que devido à sua sexualidade – ela é compreendida como um homem heterossexual vestido de mulher. Pois, “não realizar a cirurgia, e ainda reivindicar-se lésbica, é da ordem do impossível. Não tem conceito para esse sujeito.” (BENTO, 2011). É assim que a socióloga Berenice Bento explica a ausência de humanidade em corpos dotados de todos os atributos corporais de um ser humano, mas ainda assim, não são dotados de humanidade, pois são ininteligíveis. No caso de Giovanna, essa incompreensão parte da não linearidade do gênero feminino com a suposta heterossexualidade, ou seja, sentir atração e relacionar-se

⁴⁹Um dos maiores sites de vídeos pornográficos do mundo.

sexualmente com homens.

Notou-se que a passabilidade aparece como um desejo para muitas mulheres trans e travestis que estão começando o processo de transição. Porém, algumas participantes que no começo da transição almejavam ter uma passabilidade alta, hoje encaram essa questão como uma opressão da sociedade. A passabilidade é sempre articulada e validada para e sobre o olhar do outro. Nesse sentido, a necessidade de ter uma passabilidade alta foi alvo de muitas críticas por parte das participantes. Foi apontado a enorme opressão que existe por parte da sociedade, para que as pessoas trans adentrem aos padrões de beleza “adequados” aos gêneros masculino e feminino. Em outras palavras: a passabilidade faz com que pessoas trans sigam os mesmos modelos corporais e padrões de beleza que mulheres cis, que por sua vez, também excluem e oprimem muitas mulheres.

Essa questão é bastante delicada, uma vez que a passabilidade está relacionada diretamente com o investimento financeiro envolvido, segregando pessoas trans que possuem condições de pagar por uma passabilidade alta – sendo respeitadas -, e as que não tem recursos financeiros, e por conta disso, não são passáveis e dignas de respeito. Alice explica melhor essa questão no depoimento a seguir: *“Porque a maioria das meninas e dos guris querem se passar por pessoas cis socialmente nem é tanto por odiar [ênfase] a aparência física, é mais por essa tormenta social.”*

Diante disso, a passabilidade surge como uma estratégia que se relaciona diretamente com raça, classe social, sexualidade e tempo de transição. Giovanna evidencia essa questão ao dizer que após investir quase 40 mil reais em cirurgias plásticas sentiu-se satisfeita com sua aparência e hoje em dia consegue ter uma vida tranquila por conta de sua uma aparência bastante feminina capaz de lhes proporcionar *“um outro nível de credibilidade estética”*.

A vontade (ou necessidade) de uma passabilidade alta evidencia a grande recusa social à corpos andrógenos, criando e colocando à margem identidades que desafiam as estruturas binárias de gênero. Berenice Bento (2011) aponta que por mais que reconhecer uma mulher na rua seja algo visto como “natural”, na verdade esse reconhecimento é resultado de um “projeto social exitoso”, orientando a forma como os corpos são lidos na sociedade. Desse modo, ao mesmo tempo em que a passabilidade pode ser vista como uma forma de reiterar e incorporar literalmente as normas de gênero, pode ser encarada também como um mecanismo – uma forma de negociação - para lidar com as violências diárias.

A passabilidade surge como uma estratégia para driblar a incompreensão que a sociedade tem ao tentar entender corpos que escapam de uma matriz que só confere legitimidade a corpos-mulher e corpos-homem. Ter uma passabilidade alta resgata

a humanidade de corpos abjetos, atribuindo também inteligibilidade social essas identidades. A passabilidade distingue e constrói hierarquias sociais dentro da própria categoria, uma vez que reintegra a noção de margens e centro dentro da própria margem.

No país que mais mata travestis e transexuais do mundo, articular uma passabilidade alta, é antes de uma questão estética, uma forma de sobrevivência. É ter o direito de andar na rua sem que todas as pessoas te olhem como uma aberração, sem ter medo de apanhar, ser estuprada ou morta. Além disso, ter uma passabilidade alta evita constrangimento em provadores de lojas, banheiro público, faculdade, em relacionamentos e também na relação familiar – como no caso de Pan, que foi aceita novamente por sua família por ser “*muito feminina*”. Diante disso, ter uma passabilidade alta legitima o corpo como um importante veículo de ascensão social, impactando suas vidas tanto em questões da esfera pública como privada.

Seguir padrões de beleza cis e almejar uma passabilidade alta aumenta o “*medo de ficar feia*”, contribuindo com conflitos estéticos que acarretam em baixa auto-estima. Solange por exemplo, disse que só depois de muito tempo começou a entender que todas as suas crises em relação ao seu corpo e sua beleza, estavam associadas a padrões de beleza de mulheres cis. Nesse caso, os padrões de beleza aprisionaram Solange por um tempo, assim como apontado por Pan, que no começo da transição disse que tinha um estilo muito diferente de hoje em dia.

Tinha-se como uma das hipóteses desta pesquisa que a transexualidade potencializa os estereótipos de gênero, corroborando com os estudos feitos pela socióloga Berenice Bento. Essa hipótese foi confirmada – em partes - ao analisar a importância da passabilidade na vida das pessoas trans. Articular uma passabilidade alta significa incorporar elementos associados ao feminino, que por sua vez, são capazes de potencializar a leitura que a sociedade faz sobre seus corpos, compreendendo-os como “de mulher”. Assim, ao dizer que a transexualidade potencializa os estereótipos de gênero, podemos inferir que, o que potencializa de fato esses estereótipos, é a “adequação” que as pessoas trans precisam fazer para serem aceitas ao gênero no qual pertencem.

Além disso, todo o processo de transição, a obtenção dos laudos médicos e os próprios medicamentos reforçam os estereótipos de gênero, fazendo com que mulheres trans e travestis precisem se encaixar em determinados padrões de feminilidade para obter laudos que legitimem suas identidades. Partindo do pressuposto de que o gênero só adquire sentido quando materializado no corpo, pode-se dizer que muitas pessoas trans se apropriam de estereótipos de gênero para terem suas aparências - e consequentemente suas identidades -, validadas como femininas. Diante disso, por mais que possa se dizer que a transexualidade potencialize os estereótipos de gênero,

são as mulheres cis que estabelecem as fronteiras entre masculino e feminino.

Vale ressaltar que os padrões de beleza e modelos corporais a serem seguidos já estão criados há muito tempo e não levam e nem nunca levaram em consideração pessoas trans, são padrões baseados em modelo corporais e de beleza cis. Diante desses padrões, cabe às mulheres transexuais e travestis adequar-se ou não a eles, lembrando que ao transgredir algumas fronteiras estéticas, suas identidades enquanto mulheres passam a ser questionada. Como por exemplo, Violeta, que tem sua passabilidade “abalada” quando sai na rua com roupas “*menos femininas*” ou com a barba começando a crescer. Caso semelhantes acontece com Solange – por conta da barba – e com Alice por conta das roupas.

É importante ressaltar que nem toda mulher trans ou travesti pretende ter uma passabilidade alta e nem ser “confundida” com uma mulher cis. Como apontado por Solange: “*quero ser uma travesti maravilhosa*”, deixando claro que padrões de beleza cis não lhes cabem mais - o que contradiz, em parte, a ideia de que a transexualidade potencializa os estereótipos de gênero.

Diante de visões distintas de como articular uma aparência feminina, evidencia-se ainda mais que a feminilidade, assim como a masculinidade, não são coisas naturais, mas sim, alvos de conquista e aquisições culturais. Em meio a essas questões, o design e a moda são também responsáveis pelas interpretações sobre feminilidade, construindo aparências e associando objetos ao gênero feminino e masculino. Nesse sentido, cabe a pergunta: o design contribui para os estereótipos de gênero?

Por mais que as interpretações sobre o que é ser mulher, ou o que é ter um corpo de mulher, dependam da subjetividade de cada indivíduo, notou-se que muitos objetos e valores associados ao feminino continuam bastante intocáveis, tais como: ser delicada, gostar de boneca, maquiagens e vestidos. Diante disso, foi possível observar que no contemporâneo nem todos os valores se diluem ou são substituídos. Entretanto, essas diferenças atribuídas a mulheres e homens mostraram-se fundamentais para que as mulheres trans e travestis participantes dessa pesquisa pudessem se identificar com o gênero feminino, uma vez que as atribuições dadas ao gênero masculino não lhes cabiam. Assim, as características geralmente atribuídas ao feminino – os estereótipos – transformaram-se, no corpo das participantes - em ferramentas para impulsionar e potencializar a transição.

Como já apontado, o caminho até o momento de “se assumir” é longo e muitas vezes desgastante. Notou-se a inexistência de palavras capazes de descrever suas identidades antes de conhecerem a transexualidade. O sentimento de não pertencimento - tanto ao gênero masculino como feminino - resumiu-se nas palavras de Alice: “não existe lugar para mim no mundo”. Nesse sentido, o momento onde

essas pessoas passam a ter conhecimento sobre a transexualidade é como um divisor, que separa o antes - o sentimento de insatisfação e não pertencimento -, de um mundo totalmente novo e com novas possibilidades de existência além do masculino. Seja assistindo BBB, novelas, séries ou programas de TV, desfiles ou editoriais de moda, perfis das redes sociais ou canais do Youtube entre outras formas, em algum momento as participantes passaram a se identificar e a ter conhecimento sobre a transexualidade.

Nesse contexto, é necessário pontuar que o design tem contribuído com a visibilidade trans, porém, analisando o design como produtor de cultura material que atua como um produtor e reproduzidor de imaginários, o mesmo se apoia muitas vezes em estereótipos que reforçam os binários de gênero. Assim, alguns conteúdos publicitários, apesar de contribuírem com a visibilidade trans, reproduzem estereótipos de gênero, reforçando a opressão estética sobre as pessoas trans. A falta de pluralidade na representatividade trans contribui com a criação de centros dentro da própria margem, por conta disso, faz-se necessário repensar em como a imagem de mulheres e homens estão sendo passadas, pois, assim como as mulheres cis, que muitas vezes não se sentem representadas em capas de revistas, editoriais de moda, as mulheres trans e travestis também passam por isso.

Como já dito no começo desse capítulo, a internet foi uma ferramenta de importância fundamental para que o conhecimento sobre a transexualidade se tornasse realidade. Por meio de grupos no Facebook, blogs, sites e fóruns, as participantes foram pouco a pouco adquirindo informações sobre o uso de hormônios, seus efeitos colaterais e outras questões relacionadas a transição. Diante disso, as redes sociais tornaram-se, ao longo da pesquisa, muito além de uma ferramenta para comunicação. Por meio do acompanhamento feito durante os 4 meses de pesquisa de campo, foi possível perceber que a maioria das participantes são usuárias assíduas das redes sociais e compartilham frequentemente fatos de suas vidas por meio de fotos, vídeos e textos.

Foi possível observar que as participantes que transicionaram mais recentemente possuem uma postura mais ativa e crítica nas redes sociais, fazendo mais enfrentamento sobre questões relacionadas a transexualidade, políticas públicas, direitos LGBTQs, padrões de beleza entre outros temas atuais como aborto, feminismo, machismo e cultura do estupro. Todas as participantes postam selfies em seus perfis nas redes sociais – com diferentes frequências -, algumas possuem poucas fotos e outras postam selfies diariamente. Grande parte é também usuária assídua do Instagram. O Facebook, em especial os grupos fechados para pessoas trans -, se mostrou uma poderosa ferramenta para adquirir conhecimento sobre hormonização, trocar dicas e compartilhar relatos. Assim, falar sobre transexualidade nas redes sociais transformou-se em uma forma de empoderamento que abrange tanto as experiências vividas *on-*

line como *off-line*.

As participantes dessa pesquisa se assumem publicamente como mulheres transexuais e travestis, e acima de tudo, como mulheres. Reivindicar-se “*mulher com peito e pau*”, não querer a cirurgia e ainda afirmar-se ativa sexualmente, fazendo uso de seu genital durante o sexo, inclusive com outra mulher, mostrou-se possível sim. Agora, cabe ao design e a moda lidarem com essas questões, propiciando meios para que essas existências se tornem menos dolorosas, mais possíveis, democráticas e acima de tudo mais humanas.

4.2. AO DESIGN: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES, INQUIETAÇÕES E DESAFIOS

Sendo o designer um profissional atento às necessidades físicas, emocionais e simbólicas dos seres humanos, faz-se necessário pensar em como auxiliar na diminuição das dificuldades enfrentadas diariamente pelas pessoas trans e travestis. Sendo assim, esse subcapítulo tem a intenção de expor os questionamentos que apareceram junto das respostas obtidas, uma vez que muito além de encontrar respostas sobre a construção identitária de mulheres transexuais e travestis, essa pesquisa trouxe muitas perguntas à área do design. Abaixo, estão expostas as questões que precisam de atenção especial do design visando contribuir com as pessoas trans e travestis, pensando em mais soluções eficientes para seus enfrentamentos diários.

Apesar dessa pesquisa ter como objeto de estudo mulheres transexuais e travestis, é importante lembrar dos homens trans, que também necessitam de atenção e estudos relacionados ao design e masculinidades. Assim, apesar dos tópicos abaixo terem surgido com foco em mulheres trans e travestis, grande parte também pode e deve ser pensada para homens trans, bem como pessoas trans não-binárias.

4.2.1. Mulher trans ou travesti?

Foi possível notar que as fronteiras entre as categorias identitárias mulher trans e travesti dependem muito do contexto inserido, mostrando-se um terreno bastante escorregadio. Essas categorias não podem ser dadas como definitivas ou fechadas, uma vez que dependem do contexto e dos discursos envolvidos (médico, religioso, político, midiáticos e culturais, entre outros). Assim, uma mulher transexual pode, dependendo do contexto, declarar-se travesti, evidenciando que essa é, antes de uma identidade social, uma identidade política. Da mesma forma, uma travesti pode declarar-se transexual dependendo da situação, como em atendimento médico ou mediante a reivindicação de seus direitos na justiça.

Declarar-se mulher transexual ou travesti mostrou-se uma questão relacionada a vários fatores, evidenciando diferenças relacionadas a comportamentos, estilo de vida, construção corporal e estética, além de ser uma questão de identificação: de *“como eu me sinto”*. Das 10 participantes, apenas Alice e Solange se declaram travestis. Além delas, cabe citar Erika Hilton, que também se declara travesti e se apresenta *“enquanto travesti, pobre, negra, periférica de família crista”*, evidenciando que seu local de fala é distante de grande parte das participantes dessa pesquisa. Vale ressaltar também, que assim como Erika, Alice e Solange são negras, e também sofreram grande preconceito de suas famílias mesmo antes da transição, enquanto *“meninos gays”*. Solange, inclusive, disse que se tivesse transicionado aos 16 anos, teria como

única saída a prostituição, uma vez que sua família é extremamente conservadora e não a aceitariam dentro de casa. Alice também enfatizou as dificuldades enfrentadas dentro de sua casa por conta de um pai machista e muito religioso, porém, disse que eles ainda a aceitam em casa, mas a convivência é difícil. Assim, reivindicar-se travesti, traz junto de si uma grande luta política pelo reconhecimento dessas pessoas colocadas marginalizadas pelas próprias pessoas transexuais e pela sociedade. O termo “travesti” vem sempre acompanhando de muitas problemáticas, uma vez que é uma identidade estigmatizada, erotizada e de certo modo “suja”, ao passo que se encontra distante da visão higienizada que se tem sobre a categoria “mulher transexual”.

Ao se declarar mulher trans ou travesti, expõe-se os limites identitários de ambas as categorias, evidenciando a ideia de que o sujeito se define por aquilo que ele não é (MISKOLCI, 2009). No caso de Carla, isso fica evidente ao dizer que o termo “travesti” está associado a um leque de coisas que ela *“não acha muito legal”*. Porém, Carla foi a única participante com essa visão, grande parte das participantes mostraram-se engajadas – cada uma a seu modo - em desvincular travestis da marginalização. Além disso, as participantes que se definem mulheres trans, em momentos pontuais usam expressões como *“outras travestis”* evidenciando uma identificação entre essas categorias identitárias. Vale ressaltar que travesti é, além de uma identidade periférica, é uma identidade brasileira.

Estabelecer diferenças entre mulheres trans e travestis contribui para os estereótipos de ambas as categorias, mas, por outro lado, propicia maiores possibilidades de identificação dentro de um amplo leque de identidades possíveis. Diante disso, o problema não está na separação entre essas categorias, mais sim no fato de que essas diferenças podem ser transformadas em formas de opressão. Há momentos onde convém uni-las como parte de um todo maior, e há momentos onde as diferenças entre elas tornam-se importantes para o reconhecimento de suas lutas internas.

O mesmo acontece com os termos “mulher trans” e “travesti”, onde há momentos onde declarar-se mulher trans ou travesti é importante e em outros contextos, pode significar uma forma de opressão, desqualificação profissional entre outras coisas. Violeta evidencia isso ao dizer que muitas vezes não sabe se as pessoas a elogiam por ela ser uma boa atriz, ou se é ela por ser uma atriz transexual. No caso de Giovanna, essa lógica se inverte e ser transexual faz com que as pessoas não a levem a sério no meio acadêmico. Nos dois casos, a transexualidade é colocada acima das qualidades profissionais, potencializando ou reduzindo uma série de outros atributos ao fato de serem mulheres transexuais. Desse modo, com maior intensidade, as mulheres trans - assim como as mulheres cis -, possuem suas qualificações profissionais reduzidas

aos seus atributos corporais. Essa questão evidencia a opressão vivida pelas mulheres trans e cis, em diferentes esferas de suas vidas públicas e privadas.

Ao trazer essas questões para o campo do design, algumas perguntas começam a surgir: Até que ponto as categorias identitárias mulher, mulher transexual e travesti, contribuem de forma benéfica para o exercício projetual dos designers? Como diminuir as fronteiras entre a higienização da mulher trans e a marginalização da travesti? Como o design pode ajudar a positivar o termo travesti?

4.2.2. Sobre tornar-se quem se é: a importância dos questionamentos

O processo de transição não pode ser compreendido no sentido de “virar travesti” ou “virar transexual”, pois essas pessoas não “viram algo”, elas já são e em um determinado momento de suas vidas, passam a externalizar essas subjetividades já existentes de forma mais clara. As subjetividades se materializam por meio do corpo, acontecendo em alguns casos de forma gradual sem datas pontuais e em outros casos, aparece de forma mais rápida.

Em alguns casos, assumir-se é algo que pode levar uma vida inteira, sendo um processo que exige, antes de qualquer coisa, uma profunda autoaceitação. O fato do processo de transição ter aparecido como algo fundamental para se tornarem as pessoas que são hoje, mostra que as participantes tiveram uma base para lidar com esses conflitos. Na maioria dos casos, essa base foi a família e onde isso não aconteceu, foi apontado a importância das amigas e amigos. Foi possível notar que esses conflitos levaram as participantes a uma intensa busca pelo autoconhecimento.

A estrutura familiar comprova-se ainda mais importante com a entrevista de Erika Hilton, que aos 15 anos foi expulsa definitivamente de casa e viu como única saída, a prostituição. Erika contou que seu primeiro contato com a prostituição foi sem nenhum embasamento político ou militante, era uma questão de sobrevivência. Erika disse que já era Erika mesmo antes de conhecer o termo travesti. Outro ponto importante é que pelo fato de ter sido expulsa de casa e passar por situações precárias na rua, Erika não se recorda do período de transição de forma tão clara, pois nunca teve uma base sólida para reflexões sobre sua identidade. No caso de Erika, o conhecimento sobre a transexualidade não seguiu a mesma lógica que as apresentadas pelas participantes desta pesquisa.

Como lidar com a ausência de uma estrutura que permita a essas pessoas se questionarem, proporcionando – por meio do autoconhecimento -, o descobrimento sobre quem são? Como o design pode auxiliar nesse processo de autoconhecimento? É possível propiciar uma estrutura para as pessoas trans e travestis que foram expulsas de casa? Seria o design social ou o design participativo e, especialmente

as posturas inter e transdisciplinares a apontarem soluções para estas problemáticas contemporâneas?

Algumas ideias estão surgindo, como o aplicativo brasileiro MonaMigs, que ajuda pessoas LGBTQs que foram expulsas de casa e o aplicativo You're Accepted (Você é aceito, tradução nossa), que tem o objetivo de ajudar pessoas LGBTQs a se assumirem. Esses dois exemplos mostram como articular ideias inteligentes para solução de problemas. Porém, vale ressaltar que mesmo o celular sendo o dispositivo mais usado no Brasil para acesso individual da internet, pesquisas apontam que apenas cerca de 58% da população brasileira tem acesso à internet. (BRASIL, 2016). Nesse sentido, como pensar em estratégias de auxílio a pessoas trans e travestis sem acesso à internet e conseqüentemente sem muitas outras infraestruturas? Uma iniciativa importante foi a inauguração do primeiro albergue para mulheres trans e travestis, na cidade de São Paulo⁵⁰. Vale lembrar que essas pessoas ainda são acolhidas em albergues masculinos, tendo que dividir o banheiro com homens, o que causa além de enormes constrangimentos, a possibilidade de agressão

4.2.3. E quando a única saída é a prostituição?

Dados apontam que cerca de 90% das mulheres trans e travestis estão na prostituição, porém, ao trazer esses números para os dados encontrados durante a pesquisa de campo, a realidade encontrada foi outra. A resposta para essa inversão de percentuais pode ser dar por inúmeros fatores e exige novas pesquisas para respostas mais exatas.

Uma das hipóteses levantadas está relacionada a metodologia. O fato do primeiro contato ser feito exclusivamente por meio do Facebook, como também por buscas nos grupos do Facebook, pode não ter sido eficiente para encontrar possíveis participantes que estejam na prostituição. Como apontado por Erika Hilton, muitas meninas trans e travestis que estão as ruas não tem nem o Ensino Fundamental completo. Fato esse que condiz com os dados encontrados no grupo de pessoas analisado, uma vez que todas as entrevistadas possuem Ensino Médio completo. Vale ressaltar que Pan, a única das participantes expulsa de casa, foi também a única a se prostituir.

Após tentar 4 contatos com mulheres trans que estão na prostituição e ter todas recusadas indiretamente por intermédio de participantes da pesquisa, ficou ainda mais evidente se tratar de uma questão delicada, onde as próprias mulheres que se encontram nessa situação não se sentem confortáveis para falar sobre isso. Além disso, também foi apontado o receio de serem desrespeitadas por parte da pesquisadora.

⁴⁵ Centro de Acolhida Zaki Narchi, em São Paulo, o primeiro espaços de acolhida LGBTQ do Brasil, inaugurado em 2015 no governo de Fernando Haddad.

Como apontou Erika Hilton, muitas vezes as travestis da rua não reconhecem as “travestis militantes e midiáticas” como parte do mesmo movimento, não se identificam e por consequência, não confiam. Vale ressaltar também que as únicas respostas positivas para a participação da pesquisa vieram de mulheres trans e travestis que estão na prostituição e encontram-se empoderadas nessa situação. São pessoas que postam frequentemente em suas redes sociais relatos da prostituição, apontando questões sobre as quais deve-se refletir mais profundamente. São pessoas feministas, transfeministas e também militantes, inclusive do meio acadêmico e político⁵¹.

Acrescenta-se ainda que por meio de dinâmicas particulares que exigiram da autora da pesquisa o uso de diferentes estratégias e abordagens⁵², foi sendo criada uma confiança com as participantes que contribuiu muito para o desenvolvimento da pesquisa. Assim, pensando em pesquisar mulheres trans e travestis que estão na prostituição, talvez seja necessário um nível de confiança que as redes sociais não são capazes de propiciar num primeiro contato.

4.2.4. Sobre não ter um nome

A escolha do nome social foi apresentada como algo muito importante para o processo de transição. Além disso, o pseudônimo escolhido para essa pesquisa foi em muitos casos, proveniente de referências das participantes, como a atriz Chloë Sevigny, a personagem Ravena de “Jovens Titãs” e a artista Frida Kahlo. Além delas, Alice, Violeta, Marina, Giovanna e Solange também se dedicaram a escolher nomes que de alguma forma as representassem e optaram por nomes que já pensaram em usar antes da escolha do nome social.

Notou-se que a retificação do nome é algo muito importante para as participantes, porém, apenas 2 das entrevistadas conseguiram trocar o nome legalmente em seus documentos⁵³. Ter os documentos retificados significa ter até a certidão de nascimento com o nome alterado, fazendo com que todas as situações que necessitem de algum tipo de documento oficial, se tornem imensamente mais fáceis.

A maioria das participantes ainda usam documentos com seu nome de registro, além de cartão do banco, ônibus, plano de saúde, faculdade e diplomas entre tantos

⁵¹ Além de Erika Hilton, foi feito contato com outras travestis prostitutas que responderam positivamente, mas a entrevista não foi realizada devido a falta de tempo disponível dessas pessoas e ao tempo para finalização desta pesquisa.

⁵² Essas estratégias incluem o horário de comunicação com as participantes, que em alguns casos aconteciam durante as madrugadas e finais de semana, a linguagem usada e também a formulação de perguntas, visando respostas mais precisas e ao mesmo tempo sinceras.

⁵³ Após a defesa dessa dissertação, Chloe obteve o laudo positivo da perícia e assim, ira conseguir retificar todos os seus documentos, inclusive a certidão de nascimento.

outros. Assim, a cada vez que precisam explicar quem são, para então preencher uma ficha que muitas vezes deixa entre parênteses “(nome social)”, essas pessoas reivindicam seus espaços como mulheres, cidadãs, e acima de tudo como seres humanos.

4.2.5. Cisplay: sobre voltar para o armário

Por meio das postagens encontradas sobre *cisplay*, foi possível observar que existem pessoas dentro do movimento trans e LGBT em geral, que consideram as pessoas que podem fazer *cisplay* como privilegiadas. As pessoas que fazem *cisplay* podem ainda não ter começado o processo hormonal, estar no começo da transição ou não querer fazer modificações em seu corpo. O ato de fazer *cisplay* também é compartilhado por pessoas não-binárias.

No caso de Violeta, que já conhecia o termo *cisplay*, o ato de interpretar um “homenzinho” quando vai visitar seu pai é até divertido, pois é algo que acontece esporadicamente. Alice disse que se seus planos não derem certo, ela terá que fazer *cisplay* e enfatizou tratar-se de uma enorme agressão a tudo que ela é. Solange, apesar de não ter usado a palavra *cisplay* durante a entrevista, vivencia em seu trabalho algo semelhante com “fazer *cisplay*”, sendo tratada diariamente no masculino e exercendo sua função como atendente de telemarketing com seu nome de registro.

Ao analisar esses casos com a coleta de dados complementar feita com o auxílio da participante Ravena, foi possível observar que no seu caso fazer *cisplay* é algo muito mais delicado. Os únicos espaços onde Ravena pode expressar sua identidade de gênero feminina é dentro de casa com sua esposa, em raríssimas saídas e nas redes sociais. Diariamente no trabalho, para sua família e de sua esposa, Ravena interpreta um personagem masculino, lido como homem cis hétero casado com uma mulher cis hétero.

Foi possível observar que fazer *cisplay* é geralmente associado a uma enorme violência simbólica, sendo também, emocionalmente desgastante. Fazer *cisplay* pode ser visto uma estratégia de sobrevivência em diferentes situações, seja para conquistar uma vaga no mercado de trabalho, seja com familiares ou eventuais situações onde reivindicar sua identidade ainda não é possível. Assim, faz-se necessário novos estudos para entender melhor como essa situação acontece, entendendo quais formas de opressão levam ao ato de fazer *cisplay* e até que ponto isso é uma brincadeira, um privilégio ou uma forma de negação de si mesmo.

4.2.6. Sobre querer estar no meio: quando o masculino e o feminino aprisionam

Apesar de ter como objeto de estudo desta pesquisa mulheres transexuais e travestis, durante a pesquisa de campo, notou-se o quão amplo são as possibilidades estéticas e as reivindicações identitárias além do feminino e masculino. Desse modo, faz-se necessário abordar além das mulheres transexuais e travestis, as pessoas trans não-binárias.

“E quando uma pessoa se sente tão presa no masculino quando se sentiria no feminino?” É assim que Ravena explica o sentimento de não pertencimento ao gênero feminino e masculino para uma pessoa que se identifica como trans não-binária. Foi possível observar uma enorme necessidade por parte das pessoas trans não-binárias, de explicar a todo mundo quem são, e o motivo dessa “escolha”. Notou-se uma incompreensão sobre ser não-binário inclusive pelas pessoas trans e LGBTs.

A incompreensão sobre as pessoas trans não-binárias cai novamente na recusa social à androgenia – já mencionada na análise sobre passabilidade – uma vez que essas pessoas articulam em seus corpos símbolos associados tanto ao masculino quanto ao feminino, fazendo com que a lógica de corpos-mulher e corpos-homem seja desestabilizada. Porém, diferente da recusa social que atinge pessoas trans com “pouca passabilidade”, as pessoas trans não-binárias não são oprimidas apenas por não articularem em seus corpos performances de gêneros adequadas ao feminino ou masculino, mas sim, por reivindicarem identidades que vão além de “mulher” e “homem”, ou melhor, que transita entre essas categorias identitárias.

Vale ressaltar que existem pessoas trans não-binárias que preferem ser chamadas por pronomes femininos, outras pelo masculino, outras se identificam com os dois e outras preferem o pronome neutro ou estratégias semelhantes. Por meio das redes sociais foi possível identificar algumas alternativas gramaticais ao uso do pronome masculino como neutro, servindo também como uma alternativa ao ter que optar pelo pronome feminino ou masculino. Foram identificados recursos como “@”, “x” e “e”⁶⁴. Compreender a não-binaridade exige pensar além dos gêneros e de toda a estrutura que organiza a sociedade em dois polos opostos. Não são dois polos, tampouco opostos. O gênero flui e reverbera pelo corpo construindo expressões de gênero que desafiam toda a lógica de pensamento tido como “natural”. Por mais que ainda seja da ordem do impossível para muitas pessoas, é necessário afirmar que, nascer com um pênis, reivindicar o uso do pronome feminino, ter barba e usar batom, é possível sim.

⁶⁴ Como por exemplo, a palavra “todos que se transforma em: tod@s, todxs e todes.

As identidades não-binárias bem como outras identidades que se encontram fora do binário de gênero, ainda se encontram fora dos dicionários, ou seja, são identidades que oficialmente não existem. As que existem, como travesti e transexual por exemplo, as vezes não representam de fato essas pessoas, assim como os próprios termos mulher e homem, mostrados no capítulo 2. Como o design pode auxiliar na visibilidade e representatividade de pessoas não-binários? Como tornar essas identidades possíveis? Aqui vale citar o projeto Dicionário de Gênero⁵⁵, um site criado por meio de um projeto colaborativo que busca a inclusão da diversidade de gênero através da língua portuguesa, reunindo depoimentos e interpretações de diferentes pessoas e seus gêneros.

4.2.7. Como pensar a divisão dos espaços? Sobre banheiros e vestiários

O uso do banheiro feminino para mulheres trans e travestis mostrou-se uma questão delicada. Muitas só usam o banheiro fora de casa em momentos de extrema necessidade, pois o constrangimento – seja no banheiro masculino ou feminino – é muito grande. A questão é que a violência sofrida nesses espaços femininos fica no âmbito verbal, enquanto que nos espaços masculinos a agressão verbal pode se transformar em agressão física ou em fetiche. Assim, a mulher trans ou travesti ao adentrar nos banheiros e vestiários masculinos perde sua humanidade e é reduzida a um orifício, que pode ser encarado como uma ameaça ou como um objeto de desejo. Nesse sentido, ao encontrar notícias que associam o uso do banheiro feminino por pessoas trans à possibilidade de estupro, nota-se que se trata de um equívoco e a realidade é outra. Elas não são as agressoras no banheiro feminino, são na verdade, alvos em potencial de violência sexual nos banheiros masculinos.

Em vídeo disponível no Youtube, Erika Hilton fala sobre as dificuldades de usar o banheiro masculino quando trabalhava na empresa Elma Chips. Segue trecho do vídeo⁵⁶:

“No meu caso, a mulher transexual ou travesti é obrigada a usar o banheiro e vestiário masculino. “Você se troca, se veste, você faz tudo ali exposta a tudo né?! A verem seu peito, a verem sua calcinha, a rirem de você, a debocharem. A sua entrada ao banheiro masculino é uma coisa absurda, porque é um griteiro, uma violência na sua dignidade enquanto pessoa, enquanto mulher.”

⁵⁵ <http://dicionariodegeneros.com.br/>

⁵⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CakveCBJjpc>.

No caso das pessoas não-binárias a questão é ainda mais delicada, uma vez que as próprias pessoas não-binárias podem não se sentir à vontade para fazer uso tanto do banheiro masculino como feminino. Porém, na necessidade de escolher um banheiro, o feminino é mais seguro. Por serem pessoas dotadas de marcadores estéticos masculinos e femininos - no caso das pessoas trans por conta do começo da transição e no caso das pessoas não-binárias por opção -, essas pessoas acabam sofrendo enorme preconceito nos locais onde a divisão por gênero acontece, seja nos banheiros, na aula de educação física na escola, em provadores de lojas de roupas, entre outros.

Diante disso, faz-se necessário pensar os espaços de uma forma mais ampla. O design, muito além de entender “como funciona”, precisa pensar em como as coisas se relacionam. Assim, cabe refletir até onde a divisão por gênero é necessária. Pensando nas pessoas que estão no começo da transição e também nas não-binárias, como pensar banheiros e vestiários? Poderia o design repensar em soluções mais eficientes para essas questões? E, além disso, como pensar os espaços de maneira que o masculino não seja sinônimo do espaço público e o feminino do privado?

4.2.8. Sobre o mercado de trabalho

Apesar do aumento da produção de conteúdos publicitários com pessoas trans, é necessário pensar em quem produz esses conteúdos, uma vez que é importante incluir as próprias pessoas trans e LGBTs nesse processo de criação e produção, e isso - salvo exceções -, não acontece. Vale ressaltar que não se trata apenas de incluir no quadro de funcionários pessoas LGBTs pensando na produção de conteúdo LGBT, trata-se de incluir essas pessoas como parte da empresa de modo geral independente do conteúdo produzido.

Uma iniciativa importante aconteceu em 2013, com a criação do Fórum de Empresas e Direitos LGBT. O Fórum tem como lema: “Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos” e surge por meio de empresas como Microsoft, Google, Facebook, IBM, Dell, Banco do Brasil, Avon e 3M, e tem como objetivo o respeito e a promoção dos direitos humanos de pessoas LGBTs no meio empresarial. Em 2014, a ONU lançou o Manual de Direitos Humanos LGBTs no mundo do trabalho, chamado: Construindo a igualdade de oportunidades no mundo do trabalho: combatendo a homo-lesbo-transfobia, disponível para download gratuitamente no site das Nações Unidas.

Trata-se não somente de produzir conteúdos publicitários voltado para às pessoas trans e LGBTs, mas antes disso, de inseri-las como parte do processo de desenvolvimento. É possível identificar algumas iniciativas importantes como

da empresa de tecnologia Dell, da multinacional do setor químico Dow e da IBM, e da Caixa Econômica Federal, que possuem treinamentos e cursos para todos os funcionários da empresa, bem como ações e políticas internas para promover esses valores.

Porém, apesar dessas iniciativas, durante a pesquisa de campo, diversos foram os relatos sobre a dificuldade de conseguir uma vaga no mercado de trabalho, mesmo com diploma de Ensino Superior. Os motivos foram em grande parte associados à transfobia ou ao despreparo para lidar com pessoas trans. Apesar de muitas empresas terem uma visão mais “aberta”, não significa que na prática as ações internas dessa empresa ainda não sejam guiadas por normas conservadoras, piadas machistas, homofóbicas e carregadas de desrespeito.

Ressalta-se a importância de políticas internas capazes de conscientizar não só as pessoas trans, mas principalmente as pessoas cis, de como se relacionar com a diversidade de identidades existentes no ambiente de trabalho. As empresas precisam treinar seus funcionários para serem capazes de se comunicar e relacionar com essa pluralidade de identidade, enfatizando a importância do reconhecimento do nome social, bem como do uso correto do pronome reivindicado e acesso ao banheiro do seu gênero. Além disso, faz-se necessário falar também sobre sexualidades e demais marcadores que podem ser transformados em formas de opressão no ambiente de trabalho.

Diante disso, é necessário pensar como são articuladas as estratégias para inclusão de pessoas trans e LGBTs em geral, visando não apenas que as empresas levanten a bandeira da diversidade, mas que isso seja parte dos valores da empresa, exigindo um exercício ético diário, para com os funcionários e também os consumidores ou usuários.

"Temos o direito de ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito de ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades."

Boaventura de Souza Santos

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensando o design como um dos meios de produção e reprodução da cultura material no contemporâneo, foi possível identificar quais e como são incorporados os objetos associados ao “universo feminino” e constatar que o design faz parte da construção identitária de mulheres trans e travestis. Desse modo, muito além da criação de produtos e objetos, o design faz parte da vida dos indivíduos na sociedade de forma subjetiva, contribuindo para a disseminação de valores que se transformam em bens de consumo e cultura. O design mostrou-se capaz de criar conexões e serviços que fazem parte não só da vida íntima e privada das pessoas como também da vida pública e coletiva. Foram estabelecidas conexões entre design e o processo de transição enfrentado por todas as participantes, visando a articulação de uma “nova” construção identitária, com um novo nome e um outro corpo.

Considera-se que o objetivo dessa pesquisa foi alcançado. O design mostrou-se participante ativo de muitos processos ao longo da construção identitária de mulheres trans e travestis. Pode-se dizer que o contemporâneo, por mais líquido e instável que seja, não é capaz de diluir os valores associados ao feminino, mostrando que as fronteiras entre feminilidades e masculinidades, apesar de frágeis e com fissuras, ainda possuem estruturas sólidas e constituídas como dois polos opostos. Porém, mesmo diante da reprodução de estereótipos de gênero, mostram-se múltiplas as interpretações de como e quais elementos articular em busca de como “tornar-se” mulher.

Os procedimentos metodológicos adotados mostraram-se eficientes para alcançar o objetivo dessa pesquisa. Vale ressaltar que as entrevistas (presencias e *on-line*) não foram – por si só - capazes de suprir todas as respostas necessárias à pesquisa e por conta disso foi necessário a realização de conversas *on-line* visando coletar dados pontuais que se fizeram necessários após a entrevista. Além disso, durante os 4 meses da pesquisa de campo, foi feito o acompanhamento das participantes por meio de seus perfis nas redes sociais, que contribuíram muito para os resultados da pesquisa. As fotos coletadas, bem como as postagens do Facebook foram importantes peças para conhecer melhor as participantes e possibilitar o entendimento de como o design e a moda participam da vida das participantes.

Tornar-se mulher mostrou-se um exercício diário cheio de estratégias e negociações que parecem naturais, sejam para mulheres trans ou para mulheres cis. O design também participa da construção identitária de pessoas cis, porém, os produtos advindos do design ao serem incorporados por mulheres transexuais e travestis contribuem para a maior compreensão sobre os símbolos associados ao feminino

que são compartilhados por mulheres cis e mulheres trans. Notou-se que o design tem potencial para articular soluções inteligentes para os problemas enfrentados por essas pessoas diariamente. Desse modo, as recomendações propostas nos objetivos específicos dessa pesquisa, se transformaram na verdade em perguntas e desafios para a área do design, uma vez que o design precisa voltar seus esforços para compreensão desse fenômeno social de uma forma mais ampla.

Esta pesquisa apontou possibilidades de continuidade e aprofundamento, tais como a aplicação de estudo semelhante com homens trans, a necessidade de se repensar a metodologia aplicada visando ampliar o público abordado, a necessidade de pesquisas de campo *on-line*, com ênfase no Facebook, e também de pesquisa *off-line* com pessoas transexuais e travestis que estão na prostituição. Além dessas questões, os itens apresentados nos resultados dessa pesquisa, apontam de forma mais aprofundada, outras possibilidades de investigação e análise.

Por fim, o design mostrou-se um instrumento capaz de materializar identidades e estilos de vida no contemporâneo. Entender a pluralidade interna existente entre as mulheres trans e travestis contribuiu para reflexões sobre a categoria “mulheres” como um todo. Não se trata de como o design pode auxiliar mulheres trans e travestis a serem compreendidas esteticamente como mulheres, mas sim, de ressignificar a própria categoria mulheres, ampliando as possibilidades identitárias dentro dessa categoria, abrindo espaço para que essas mulheres possam adentrar ao espaço do feminino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Heloisa Buarque de. **Novo olhar para entender o feminino e o masculino**. [jun. 2016.]. Entrevistadores: Cândida Del Tedesco e Fernanda Cirenza. Revista Brasileiros. São Paulo: Brasileiros Editora, n.107, p.34-37, jun, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida** (Trad. Plínio Dentzien). Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchii. (Trad. Carlos Alberto Medeiros). Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: a experiência vivida. (Trad. Sérgio Milliet). São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BENTO, Berenice. A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006

_____. **Política da diferença**: feminismos e transexualidades. In: COLLING, Leandro (Org.). Stonewall 40+ o que no Brasil?. Coleção Cult, n.9, (p.79-109). Salvador: EDUFBA, 2011.

_____. **Nome social para pessoas trans**: cidadania precária e gambiarra legal. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar, São Carlos, v. 4, n. 1, jan.-jun. 2014, pp. 165-182. Disponível em: <<http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/197>>. Acesso em: 27 de Set. De 2015.

BONSIEPE, Gui. **Design, cultura e sociedade**. São Paulo: Blucher, 2011.

BÜRDEK, Bernhard E. **Design**: História, teoria e prática do design de produtos (Trad. Freddy Van Camp). São Paulo: Editora Blucher, 2010. 496p.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. (Trad. Renato Aguiar). 8.Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Redefine e amplia o Processo Transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS). PORTARIA Nº 2.803, de 19 de novembro de 2013. Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803_19_11_2013.html>. Acesso em: 14 de jun, 2016.

_____. **Balanco semestral do Disque Direitos Humanos**. Brasília, 2015a. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/bibliotecavirtual/balancodisque100>>. Acesso em: 10 de mar. 2016.

_____. **Cirurgias de mudança de sexo são realizadas pelo SUS desde 2008**. Portal Brasil, 6 de março de 2015b. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/03/cirurgias-de-mudanca-de-sexo-sao-realizadas-pelo-sus-desde-2008>>. Acesso em: 22 de fev. 2016.

CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

CASTILHO, Kathia e MARTINS, Marcelo M. **Discursos da moda: semiótica, design e corpo**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005. 112p.

CASTILHO, Kathia e OLIVEIRA, Ana Claudia. (Orgs.). **Corpo e Moda: Por uma compreensão do contemporâneo**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008. 301p

COSTA, Sérgio. Roberta Close: Um mito sexual dos anos 80. Revista Manchete. Rio de Janeiro: Editora Bloch, 1984.

CRANE, Diane. **Moda e seu papel social: Classe, gênero e identidade das roupas**. (Trad. Cristiana Coimbra). 2ª Ed., São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FORTY, Adrian. **Objetos de desejo – design e sociedade desde 1750**. (Trad. Pedro Maia Soares). São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FLUSSER, V. **O mundo codificado: Por uma filosofia do design e da comunicação** (trad. Raquel Abi-Sâmara). São Paulo: Cosac Naify, 2007.

GOELLNER, Silvana Vilodre.. **Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”**. In: LOURO, G. L., FELIPE, J. e GOELLNER, S. V. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. 8. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012. Cap 2.

GRUPO GAY DA BAHIA. **Relatório Anual de assassinatos homossexuais no Brasil relativo a 2014**. Disponível em: <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2015/01/relatc3b3rio-2014s.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2016.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. (Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro). Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ILGA. **International lesbian, gay, bissexual, trans and intersex association**. Geneva, 2016. Disponível em: <<http://ilga.org/>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

INSTAGRAM. **Taylormomsen**. 2016. Disponível em: < <https://www.instagram.com/taylormomsen/>>. Acesso em: 05 jan. 2017.

IBTIMES. **“Orange Is The New Black” Star Becomes First Transgender Person To Be Nominated For An Emmy; Laverne Cox Reacts To Nomination**. Out. 2014. Disponível em: <<http://www.ibtimes.com/orange-new-black-star-becomes-first-transgender-person-be-nominated-emmy-laverne-cox-1624714>>. Acesso em: 05 jan. 2017.

JESUS, Jaqueline Gomes. **Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos.** 2012. Disponível em: <http://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989>. Acesso: 15 de Jan. 2016.

KATZ, Helena. **Por uma teoria crítica do corpo.** In: OLIVEIRA, A. C, e CASTILHO, K, (Org.). *Corpo e moda: por uma compreensão do contemporâneo.* Estação das Letras e Cores, São Paulo, 2008. p.69-74.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero.** Uma introdução aos estudos transgêneros. Curitiba: Transgente, 2015.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo** (Trad. Sônia M.S. Fuhrmann). - 2. ed.- Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

LEITE JR, Jorge. **Nosso corpos também mudam: a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico.** São Paulo: Annablume, FAPESP, 2011.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas.** (Trad. Maria Lúcia Machado). São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **Os tempos hipermodernos.** (Trad. Mário Vilela). São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, gênero e sexualidade: o normal, o diferente e o excêntrico.** In: LOURO, G. L., FELIPE, J. e GOELLNER, S. V. (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade.* 8. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012. Cap 3. p.41-52.

_____. **Pedagogias da sexualidade.** In: *O corpo educado: pedagogias da sexualidade.* 2.Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.07-34.

MARIANO, Silvana Aparecida. **O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo.** Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 483-505, Dec. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 mai. 2016.

MEYER, Dagmar Estermann. **Gênero e educação: teoria e política.** In: LOURO, G. L., FELIPE, J. e GOELLNER, S. V. (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade.* 8. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012. Cap 1. p.09-27.

MISKOLCI, Richard. **Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência.** Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 14, n. 3, p. 681-693, Dec. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000300006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 de jun. 2016.

_____. **A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização.** Sociologias, Porto Alegre, n. 21, p. 150-182, Jun. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222009000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 de jun. 2016.

MISKOLCI, Richard e PELÚCIO, Larissa. **Fora do sujeito e fora do lugar: reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre travestis.** *Gênero*, Niterói, v,7, n. 2, p. 255-267, 1. sem. 2007. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/cis/wp-content/uploads/02112009-124220miskolcipelucio.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2016.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** (Trad. Catarina Eleonora F. Da Silva e Jeanne Sawaya). 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MOURA, Mônica. **Relações entre moda e design.** In: Congresso Internacional de Moda e Design, 1. 2012, Minho. Anais... Minho: Universidade do Minho, 2012, p. 1-11.

_____. **Design Brasileiro contemporâneo: reflexões.** São Paulo: Estação das Letras e das Cores, 2014.

_____. **O Design Contemporâneo e suas dobras (I).** In: Revista dObra[s], 2007. v. 1, p. 22-25

NUMERO. **Who is Mykki Blanco, queer icon?.** Mai. 2015. Disponível em: <http://www.numero.com/en/music/portrait-mykki-blanco-queer-icon> >. Acesso em: 02 jan. 2017.

PAPANÉK. Victor. **Arquitetura e Design.** Ecologia e ética. Lisboa: Edições 70. 2007.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids.** São Paulo: Annablume; FAPESP, 2009. 264p.

PERON, Allan. **[Infográfico] Facebook Marketing – Dados de 2016 da Maior Rede Social do Mundo.** Jun. 2016. Disponível em: <<http://www.allanperon.com.br/facebook-marketing/>> Acesso em: 27 mar. 2017.

RAMOS, Diana Helene. **“Preta, pobre e puta”:** a segregação urbana da prostituição em Campinas – Jardim Itatinga. 2015. 334f Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres:** notas sobre a “economia política” do sexo. (Trad. Christine Rufino Dabat, Edileusa Oliveira da Rocha e Sonia Corrêa). Recife: S.O.S Corpo, 1993.

SALIH, Sara. 2012. **Judith Butler e a Teoria Queer.** Belo Horizonte. Autêntica.

SEBRAE. **Vale a pena montar um salão de beleza?.** Brasília, set. 2014. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/vale-a-pena-montar-um-salao-de-beleza,efb8d62b2b886410VgnVCM1000003b74010aRCRD>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIRURGIA PLÁSTICA. **De acordo com a ISAPS, Brasil lidera ranking de cirurgias plásticas no mundo.** São Paulo, jun. 2014. Disponível em: < <http://www2.cirurgioplastica.org.br/de-acordo-com-a-isaps-brasil-lidera-ranking-de-cirurgias-plasticas-no-mundo/>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

SUDJIC, Deyan. **A linguagem das coisas**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

STELARC. **Photographs**. 2008. Disponível em: <<http://stelarc.org/>>. Acesso em: 3 jun. 2016.

SCHNEIDER, Beat. **Design** – Uma Introdução: o design no contexto social, cultural e econômico. (Trad. Sonali Bertud e George Bernard Sperber). São Paulo: Editora Blücher, 2010.

SCOTT, Joan W. **O enigma da igualdade**. Rev. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-30, Abr. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000100002&lang=pt>. Acesso em: 29 dez. 2016

STYLECASTER. **10 of Viola Davis” Best Beauty Moments**. 2016. Disponível em: <http://stylecaster.com/beauty/viola-davis-hair-makeup/>. Acesso em: 04 jan. 2017.

SVENDSEN, Lars. **Moda: uma filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

TRANS MURDER MONITORIN. IDAHOT – **Trans Murder Monitoring Update. Alemanha**. 2016. Disponível em: <<http://transrespect.org/en/idahot-2016-tmm-update/>>. Acesso em: 4 jun. 2016.

VILLAÇA, Nízia e GÓES, Fred. **Em nome do corpo**. 2ª ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores. 2014.

VOGUE. **Why Brooke Candy Is Poised to Become Fashion”s Latest Pop Muse**. Jul. 2014. Disponível em: <<http://www.vogue.com/946467/brooke-candy-fashion-pop-music-muse/>>. Acesso em: 05 jan. 2017.

_____. **Dossiê de Estilo: Chloë Sevigny**. Nov. 2016. Disponível em: <http://www.vogue.pt/paparazzi/personalidades/detalhe/evolucao_de_estilo_chlo_sevigny>. Acesso em: 05 jan. 2017.

APÊNDICE 1

Roteiro das entrevistas

1. O que te faz mulher? O que é ser mulher?
2. “Mulher” ou “mulher trans”, como esses nomes soam para você?
3. Qual a importância da roupa e de outros elementos do universo feminino no processo de transição?
4. Qual foi a primeira peça feminina que você comprou? Como ela era? O que te levou a comprá-la?
5. A cirurgia é necessária?
6. Uma personalidade que te inspira em termos de beleza, estilo, música, etc.
7. Descreva seu quarto e os objetos que sempre estão na sua bolsa.
8. Quais as dificuldades enfrentadas na hora de fazer compras como roupas, acessórios e objetos pessoais?
9. Existe algum objeto, acessório ou dispositivo que você gostaria de ter, mas não encontra?
10. Como os produtos, objetos, acessórios e roupas, bem como o ambiente – especialmente o espaço público –, podem contribuir para o bem-estar das pessoas transexuais?